

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

**UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O INTERCÂMBIO
CULTURAL COM A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA
INTERCULTURAL E DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL**

Mestranda: Andréa Simões Sebben

Orientadora: Prof. Dra. Maria Juracy Toneli Siqueira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

FLORIANÓPOLIS – SC
2001

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

**UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O INTERCÂMBIO CULTURAL
COM A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA INTERCULTURAL E DA
EDUCAÇÃO INTERCULTURAL**

Andréa Simões Sebben

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Florianópolis, fevereiro de 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA


Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

***UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O INTERCÂMBIO CULTURAL
COM A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA INTERCULTURAL E DA
EDUCAÇÃO INTERCULTURAL***

Andréa Simões Sebben

Dissertação defendida como requisito básico para obtenção de Grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Área de Concentração Psicologia e Sociedade e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:


Prof.^a Dr.^a Maria Juracy Toneli Siqueira
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:


Prof.^a Dr.^a Maria Juracy Toneli Siqueira (UFSC)
Orientadora


Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera (PUC-RS)


Prof. Dr. José Gonçalves Medeiros (UFSC)

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 28/02/2001.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos ao querido professor **David Lackland Sam** por todo carinho e atenção dispensados durante este trabalho.

E também ao estimado professor **John Berry**. Uma vez conhecendo a presença envolvente de ambos falando sobre cultura, encontro e compreensão entre os povos, influenciaram minha trajetória profissional de uma maneira incorrigivelmente apaixonada.

A todos intercambistas, familiares e famílias hospedeiras, envolvidos neste processo. Eles sabem mais do que ninguém o legado profundo e comovente que nos oferece o encontro intercultural.

Aos colegas da Educação Internacional que me auxiliaram na reunião destes intercambistas:

American Life Experience - Porto Alegre/RS
Central de Intercâmbio - Porto Alegre/RS e Araçatuba/SP
Connection Line - São Paulo/SP
Friends in the World - São Paulo/SP
IES - São Paulo/SP
POOL - Vitória/ES
STB, Porto Alegre/RS, São Paulo/SP e Florianópolis/SC
Study and Adventure - São Paulo/SP
World Study - Porto Alegre/RS, Manaus/AM e Brasília/DF
Yázigi International - Porto Alegre/RS e São Paulo/SP

Também aos parceiros que acreditaram neste trabalho desde seus primeiros passos, abrindo as portas de suas empresas, dando o incentivo e estímulos necessários para que ele se torne cada vez melhor:

Átila Amigliari, Beto Comte, Caren Hahn, Carla Mussoi, Cristina Maenaka, Denise Pires, Eduardo Alves, Eduardo Asterno, Jorge Antônio, Lais Eira, Laura Avezum, Marcela Amaral, Maria Inês Grasso, Oswaldo Tavares e Vera Amaral.
Muito Obrigada.

Assim como **Carlos, Eva, Genoveva, Gisele e Jasylene**, irmãozinhos hospedeiros da Ilha de Santa Catarina.

Marcelo Thomas, meu amado marido,
 que nunca me impediu de partir,
 e, ao mesmo tempo, foi sempre meu melhor motivo para retornar.

E, naturalmente, à tríade poderosa que me auxiliou. Não poderia deixar de mencioná-los, pelo exemplo que, cada um deles, por si só, foi em minha vida:

Professor **José Gonçalves Medeiros** - uma pessoa, por definição, comprometida com a ciência - mesmo que isso exija horas de correção e orientação de pesquisas.

Professor **Jorge Castellá Sarriera** – pessoa especialíssima, um exemplo de que a intercultura torna as pessoas melhores, mais éticas, mais solidárias.

E, (*por supuesto!*, minha “super orientadora”, **Maria Juracy Toneli Siqueira**, que quase no fim da viagem, hospedou-me com generosidade, confiança e dedicação exemplar.

Recebam meu carinho e reconhecimento a todos vocês.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu amado filhinho, ainda no ventre, com seus pequenos 2 meses.
Que eu possa ser pra ele - sempre - a melhor hospedeira.

Que ele seja um intercambista também
que saiba comemorar a vida e viajar por ela

por onde quiser
como quiser
e quando quiser

e que assim, ele possa ser feliz
por ter eleito seu próprio caminho.

*O homem nasce três vezes
em sua vida:*

*Ele nasce de sua mãe,
nasce de seu pai
e, finalmente,
nasce de seu próprio eu
mais profundo,
ao viver em outro país....*

*Talvez o intercâmbio cultural
seja o parto doloroso
de si mesmo.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CONCEITOS INTRODUTÓRIOS	11
Educação Intercultural	11
Psicologia Intercultural	15
Treinamento Intercultural.....	23
MARCO TEÓRICO.....	28
Emigração e identidade.....	28
Emigração e retorno.....	31
A dificuldade do retorno.....	34
Aculturação.....	36
Aculturação psicológica.....	37
Adaptação.....	39
Estrutura de aculturação.....	40
MÉTODO.....	45
Sujeitos.....	45
Instrumentos / Procedimentos.....	54
Análise de Dados.....	63
RESULTADOS.....	65
Resultado Q1Pais.....	65
Resultados do Q1.I.....	69
Resultados do Q2.I.....	73
Resultados do Q3. I.....	79
Resultados do Q4.I.....	84

ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	90
Análise e discussão do Q1.Pais.....	90
Análise do Q1.I.....	98
Análise dos Q2.I, Q3.1 e Q4.I.....	102
Os sintomas psicossomáticos.....	109
Os recursos pessoais de adaptação.....	110
As estratégias de aculturação escolhidas.....	111
Estar ou não preparado para fazer intercâmbio.....	114
O que mudou no modo de ser.....	115
Os momentos mais difíceis/ pessoas mais importantes.....	117
A saudade.....	118
CONCLUSÃO.....	119
REFERÊNCIAS.....	125

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Participantes brasileiros em intercâmbio cultural por ano.....	01
Tabela 2. Tipos de programas procurados por preferência etária..	02
Tabela 3. Percentual de escolha por países de preferência.....	02
Tabela 4. Distribuição dos intercambistas brasileiros por faixa etária.	02
Tabela 5. Tipos de programas e respectiva duração.....	03
Tabela 6. Distribuição dos intercambistas por cada etapa da pesquisa.....	45
Tabela 7. Distribuição dos intercambistas por sexo.....	46
Tabela 8. Distribuição dos intercambistas por faixa etária.....	47
Tabela 9. Distribuição dos intercambistas por estado brasileiro de origem.....	47
Tabela 10. Frequência de sujeitos com suas respectivas escolhas por países hospedeiros.....	47
Tabela 11. Distribuição de intercambistas no exterior segundo o tempo de permanência do programa.....	49
Tabela 12. Distribuição dos pais dos intercambistas por faixa etária.....	49
Tabela 13. Distribuição dos pais dos intercambistas por sexo.....	50
Tabela 14. Distribuição dos pais dos intercambistas segundo o estado brasileiro de origem.....	50
Tabela 15. Distribuição dos pais dos intercambistas segundo a profissão.....	51
Tabela 16. Intercambistas que receberam/não receberam Treinamento Intercultural.....	52
Tabela 17. Distribuição e retorno dos questionários aos sujeitos da pesquisa.....	53
Tabela 18. Frequência e porcentagem de respostas afirmativas e negativas dos pais sobre se sentirem preparados para enviar o filho para fazer intercâmbio.....	65

Tabela 19. Frequência e porcentagem de respostas dos pais sobre suas razões para estarem (ou não) preparados para enviar seus filhos para fazerem intercâmbio...	65
Tabela 20. Frequência e porcentagem de respostas dos pais sobre os sentimentos relatados pelos pais na etapa pré-embarque da pesquisa.	66
Tabela 21. Categorias de respostas e suas respectivas frequências e porcentagens à questão : “Como você imagina que vai ser o intercâmbio de seu filho?”	67
Tabela 22. Categorias de respostas e suas respectivas frequências e porcentagens para a pergunta: “Para seu filho, como está sendo participar de um intercâmbio?”	67
Tabela 23. Frequência das expressões que os pais disseram aos filhos na hora da partida.	68
Tabela 24. Categorias de respostas dos pais e suas respectivas frequências para a questão: “Faça uma avaliação sobre a validade desse tipo de trabalho para a preparação de pais e intercambistas no período pré-embarque”	68
Tabela 25. Frequência e porcentagem de sujeitos e respectivos sentimentos relatados na etapa pré-embarque da pesquisa.	69
Tabela 26. Frequência e porcentagem de sujeitos e suas expectativas à respeito do intercâmbio na etapa pré-embarque para a questão: “Como vai ser seu intercâmbio? Cite 4 aspectos positivos e 4 aspectos negativos da experiência”	70
Tabela 27. Categorias encontradas e suas respectivas frequências para a pergunta: “Para seus pais, como está sendo sua participação num intercâmbio?”	71
Tabela 28. Frequência e percentual de respostas afirmativas e negativas dos adolescentes sobre se sentirem preparados para fazer intercâmbio	71
Tabela 29. Frequência e percentual de respostas dadas pelos adolescentes sobre suas razões para estarem (ou não) preparados para fazerem intercâmbio.	71
Tabela 30. Distribuição dos graus de dificuldade vividos pelos intercambistas nas áreas de avaliação no período compreendido entre o 1º e o 4º mês de estadia no país hospedeiro, segundo os próprios sujeitos	73

Tabela 31. Frequência e percentual de sintomas psicossomáticos mencionados pelos intercambistas como tendo ocorrido entre o 1º e o 4º mês de estadia no país hospedeiro.....	75
Tabela 32. Frequência e percentual de intercambistas às suas respectivas respostas à questão “Quais recursos de adaptação você tem utilizado para superar esses problemas?”, no período entre o 1º e o 4º mês de estadia no exterior.	76
Tabela 33. Distribuição das médias das estratégias de aculturação escolhidas pelos intercambistas no período compreendido entre o 1º ao 4º mês de estadia no país hospedeiro..	76
Tabela 34. Frequência e percentual de sujeitos e suas respectivas respostas sobre aspectos que mais sentem falta durante seu intercâmbio no período entre o 1º e o 4º mês de estadia no exterior.....	78
Tabela 35. Frequência e percentual de sujeitos que respondem sobre a possibilidade do Treinamento Intercultural tê-los ajudado nesse período do intercâmbio entre o 1º e 4º mês de estadia no exterior e suas respectivas justificativas	79
Tabela 36. Distribuição dos graus de dificuldade vividos pelos intercambistas nas áreas de avaliação no período compreendido entre o 5º e o 10º mês de estadia no país hospedeiro, segundo os próprios sujeitos.....	80
Tabela 37. Distribuição das médias das estratégias de aculturação escolhidas pelos intercambistas no período compreendido entre o 5º e o 10º mês de estadia no país hospedeiro.	81
Tabela 38. Frequência e percentual de respostas dadas pelos intercambistas à questão: “Quais recursos de adaptação você tem utilizado para superar esses problemas?” entre o 5º e 10º mês de estadia no país hospedeiro.....	83
Tabela 39. Frequência de sujeitos e suas respectivas respostas sobre aspectos que mais sentem falta durante seu intercâmbio no período entre o 5º e o 10º mês de estadia no país hospedeiro.....	84
Tabela 40. Distribuição dos graus de dificuldade vividos pelos intercambistas nas áreas de avaliação no retorno ao Brasil, segundo os próprios sujeitos.....	84
Tabela 41. Frequência e percentual de adolescentes com suas respostas afirmativas e negativas sobre se sentirem preparados para fazer intercâmbio e as respectivas justificativas para suas respostas..	86

Tabela 42. Frequência e percentual de intercambistas e suas respectivas respostas quanto ao que mudou no seu modo de ser após terem feito intercâmbio.....	86
Tabela 43. Frequência e percentual de intercambistas e suas respectivas respostas sobre os momentos mais difíceis durante todo seu intercâmbio.....	87
Tabela 44. Frequência e percentual dos intercambistas para as respostas sobre as pessoas que mais lhe ajudaram durante o intercâmbio... ..	88
Tabela 45. Frequência e percentual de sujeitos e suas respectivas respostas sobre os aspectos que mais lhe chamaram atenção sobre a Educação Intercultural durante seu intercâmbio.....	88
Tabela 46. Frequência e percentual de sujeitos e suas respectivas respostas sobre o por quê o treinamento intercultural pôde ajudá-los durante o intercâmbio.....	89

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Cronograma do Treinamento Intercultural aplicado em 70 sujeitos desta pesquisa.....	27
Figura 2. Estrutura de Aculturação (Berry, 1992).....	41
Figura 3. Estratégias de Aculturação de Berry et alli (1988).....	43
Figura 4. Questionário aplicado aos adolescentes na etapa pré-embarque.....	55
Figura 5. Questionário aplicado aos adolescentes na etapa compreendida entre o 1º e o 4º mês de estadia no país hospedeiro.....	57
Figura 6. Questionário aplicado aos adolescentes na etapa compreendida entre o 5º e o 10º mês de estadia no país hospedeiro.....	59
Figura 7. Questionário aplicado aos adolescentes na etapa de retorno ao Brasil.....	59
Figura 8. Questionário aplicado aos pais na etapa pré-embarque.....	60
Figura 9. Lista de sintomas psicossomáticos aplicada nesta pesquisa de acordo com o <i>Psychological and Somatic Symptoms Scale</i> (Sam, 1991b).....	62
Figura 10. Sentenças originais do <i>Acculturation Attitude Scales</i> (Berry, 1992) aplicadas nesta pesquisa.....	62
Figura 11. Sentenças adicionadas ao <i>Acculturation Attitude Scales</i> (Berry, 1992) aplicadas nesta pesquisa.....	63
Figura 12. Médias dos graus de dificuldade encontrados em diferentes áreas durante o intercâmbio no período compreendido entre o 1º e o 4º mês de estadia no país hospedeiro.....	74
Figura 13. Estratégias de aculturação escolhidas pelos intercambistas durante os quatro primeiros meses de estadia no país hospedeiro.....	77
Figura 14. Média dos graus de dificuldade encontrados em diferentes áreas durante o intercâmbio no período compreendido entre o 5º e o 10º mês de estadia no país hospedeiro.....	80
Figura 15. Estratégias de aculturação escolhidas pelos intercambistas entre o 5º e o 10º mês de estadia no país hospedeiro.....	82

Figura 16. Média dos graus de dificuldade encontrados em diferentes áreas durante o intercâmbio no período de retorno ao Brasil.....85

RESUMO

O presente trabalho investigou as diferentes etapas de um programa de intercâmbio cultural, à luz dos pressupostos da Psicologia Intercultural e da Educação Intercultural, a fim de averiguar quais estratégias de aculturação são utilizadas pelos intercambistas e formas de otimizá-las. Foram aplicados questionários com o suporte do WHO Cross-National Survey (Sam, 1994a) Stressful Acculturation Experience (Sam, 1991c) Acculturation Attitude Scales (Berry, 1992) e o Ethnic Self-Identity (Drieger, 1976). Os dados levantados permitem identificar as expectativas de pais e intercambistas no período pré-embarque e a realização das mesmas no período decorrente e ao final do intercâmbio (aquisição lingüística, tornar-se mais responsável, independente, flexível, tolerante); os sintomas psicossomáticos presentes nos primeiros meses de adaptação (excesso de sono, cefaléia, dor nas costas, irregularidade intestinal); bem como as áreas onde se concentram as maiores dificuldades (adaptação às regras do hospedeiro, alimentação, diferenças culturais e idioma) e os recursos utilizados pelos adolescentes para superá-las. Dentre as estratégias de aculturação formuladas por Berry, encontramos nos resultados da pesquisa a separação como a escolha principal dos sujeitos investigados.

ABSTRACT

The following paper investigates the different phases of a cultural exchange process using the Intercultural Psychology and Education theories, in order to study the adaptation resources used by exchangeees and their potential optimizations. Questionnaires have been applied with the support of WHO Cross Cultural Survey (Sam, 1994a) Stressful Acculturation Experience (Sam, 1991c) Acculturation Attitude Scales (Berry, 1992) and Ethnic Self-Identity (Drieger, 1976). The data obtained allow us to identify the expectations of the parents and exchangeees in the pre-departure period and the consequences of these expectations when they take place during and after the exchange (as linguistic acquisition, becoming more responsible, independent, flexible, tolerant); the psychosomatic symptoms seen in the first months of adaptation (sleepiness, headache, back pain, intestinal irregularity); as well as the areas where the more important difficulties are found (adaptation to the host rules, cultural differences and language) and the resources used by teenagers to overcome them. Among Berry's acculturation strategies, we found separation in the host community as been the most used strategy by the research subjects.

INTRODUÇÃO

A participação em intercâmbios culturais tem sido tratada com distanciamento por parte da psicologia, sobretudo no Brasil, onde o número de jovens que decidem fazer parte de um programa de intercâmbio cultural vem aumentando consideravelmente. Entre 1990 a 1997 esse crescimento de participantes chega à marca de 400% de aumento. Nunca tantos brasileiros estiveram participando de intercâmbios culturais como atualmente. Os números fornecidos pela BELTA (*Brazilian Educational and Language Travel Association*)¹, uma associação que reúne as principais empresas de intercâmbio do país, ilustram esse crescimento, como pode ser visto na Tabela 1:

Tabela 1
Participantes brasileiros em intercâmbio cultural por ano

Ano	N (participantes)
1990	12.000
1992	18.000
1995	35.000
1996	45.000
1997	60.000

Fonte: BELTA (1997)

Os programas são os mais variados, desde cursos de línguas de poucas semanas até grandes programas como MBA² ou doutorados no exterior. A gama de produtos oferecidos tem também aumentado proporcional à demanda do público³. Em termos de preferência, os programas são assim procurados (BELTA, 1997) como podem ser vistos nas Tabelas 2 e 3:

¹ Azevedo, Adélia. (Comunicação pessoal, 20 de novembro de 1998, São Paulo).

² Master in Business Administration Programme.

³ Mais informações podem ser obtidas no Guia Belta, 1998, encontrado através do belta@belta.org.br

Tabela 2

Tipos de programas procurados por preferência etária

Tipos de programas	%	Faixa etária
Cursos de idiomas	45	(30 a 50 anos)
Cursos de idiomas	20	(18 a 30 anos)
Universidade/extensão	15	(adultos e adolescentes)
High school	10	(adultos e adolescentes)
Outros	10	(adultos e adolescentes)
Total	100	

Fonte: BELTA, (1997)

Os países de preferência dos brasileiros para programas de intercâmbio são:

Tabela 3

Percentual de escolha por países de preferência

Países escolhidos	%
Estados Unidos	43,0
Grã-Bretanha	43,0
Austrália	4,5
Espanha	4,0
França	2,0
Outros	3,5
Total	100

Fonte: BELTA, (1997)

Em termos de distribuição etária, tem-se a seguinte situação (Tabela 4):

Tabela 4

Distribuição dos intercambistas brasileiros por faixa-etária

Faixa etária dos intercambistas	%
12 – 17 anos	30,0
18 – 25 anos	40,0
26 – 30 anos	15,0
31-45 anos	10,0
+ 46 anos	5,0
Total	100

Fonte: BELTA, (1997)

Os programas escolhidos variam de acordo com o objetivo, a possibilidade de permanência e a faixa etária do participante. Atualmente estes são os mais oferecidos pelo mercado (ver Tabela 5):

Tabela 5

Tipos de programas e respectiva duração

<u>Tipos de programa</u>	<u>Tempo médio de permanência</u>
Extensão/universitários	96 semanas
High school	20 a 40 semanas
Cursos de idiomas	5 semanas
Cursos de idiomas para adolescentes	3 semanas

Fonte: BELTA, (1997)

A partir da década de 1980, houve um crescimento significativo da migração⁴ voluntária de brasileiros ao exterior. Trabalhos como de Assis (1995) ilustram bem esses movimentos, como a emigração crescente ocorrida em Governador Valadares nesse período. Porém, a partir desta época, um rigor maior também por parte das fronteiras estrangeiras, onde notícias de pessoas sendo barradas nos Serviços de Migração Americano e em alguns países da Europa, sobretudo Portugal, deu início a um “carretel sem fim” de acontecimentos do gênero, sendo a autora deste trabalho protagonista de um episódio deste tipo. Mesmo em situações determinadas e organizadas, como nos casos de intercâmbio cultural, onde escolas são previamente escolhidas e famílias esperam adolescentes no aeroporto, alguns intercambistas⁵ acabam retornando.

Pode-se dizer, também, que até hoje, a despeito dos avanços tecnológicos dos meios de transporte, da internet e os acessos de comunicação, o intercâmbio cultural continua sendo visto como uma “aventura” de adolescentes idealistas. Talvez por isso, por essa

⁴ Algumas definições cabem ser esclarecidas neste momento. No Dicionário Aurélio (Ferreira,1975) , o termo **emigrar** é definido como “deixar um país para estabelecer-se em outro”, não fazendo nenhuma referência ao tempo de estabelecimento. **Emigrante** como aquele que emigra, quem sai do país. Já o termo **imigrar** é definido como entrar num país estranho para nele viver, e **imigrante** como aquela pessoa que imigra. Ou seja, conceito que dependem do ponto de vista no qual vamos nos referir ao sujeito, como aquele que chega ao país estranho (imigrante) ou aquele que sai de seu país natal (emigrante).

⁵ O conceito de intercambista não estabelece diferença com imigrante ou emigrante (ver termos já definidos em nota de rodapé) nesta dissertação. Intercambista é toda pessoa que sai do país e estabelece um encontro inter-étnico, uma troca com a cultura hospedeira, independente de estar participando de intercâmbios culturais. Portanto, de acordo com estes conceitos, um emigrante ou imigrante pode vir a ser um

ingenuidade de principiante, jovens de todo o país saíam para fazer intercâmbio com a idéia de saírem em viagem de férias, sem a devida noção do que os espera lá fora. Esta falta de preparo pode acabar prejudicando os planos de vida no exterior.

Participar de um intercâmbio cultural é um processo que inicia muito antes da partida no aeroporto. Os adolescentes e seus familiares ficam meses em busca de informações, das melhores agências, dos melhores programas. Entre a idéia de fazer intercâmbio e estar matriculado verdadeiramente num programa decorrem muitos meses, e para alguns, inclusive, anos.

Com certa freqüência, pais e mães optam por postergar a data de saída de seus filhos, alegando que “ainda falta-lhes maturidade”, porque é época de vestibular ou simplesmente porque não têm certeza se o adolescente está realmente preparado. Por isso, para alguns jovens, o plano de partir é acalentado durante anos, até os pais estarem convencidos de que o filho realmente quer ir e já solidificou bastante sua idéia. Após este período de reflexão e decisão começam os preparativos para os embarques. A presente pesquisa incide sobre um programa bastante específico – *high school* (ensino médio no exterior) que obedece apenas duas saídas por ano: agosto (quando inicia o ano letivo na maioria dos países hospedeiros como os Estados Unidos da América, Inglaterra, Nova Zelândia, Austrália e outros países da Europa); ou janeiro (quando inicia o segundo semestre do período letivo nestes mesmos países). Assim que as matrículas começam, quase seis meses anteriores ao embarque, inicia-se um novo período de preparativos e despedidas.

Fazer intercâmbio envolve todas as pessoas que estão em contato com o adolescente: seus pais, parentes, amigos, namorados e namoradas. O esforço dedicado para

que o jovem possa participar do programa e para que “se adapte, aproveite, e seja feliz” (ensejo verbalizado por todas as pessoas que ficam) é imensurável. No entanto, para muitos, viver no exterior acaba tornando-se um fardo, uma obrigação a cumprir, um desafio para além de suas forças (Sebben, 1994; Furnham e Bochner, 1986; Kim e Gudykunst, 1988). A volta, ou o retorno prematuro destes intercambistas, traz muito sofrimento, não só para eles, mas para todos aqueles que estiveram esperando por eles. Sentimentos de derrota, fracasso, menos-valia, vergonha, culpa (Camilleri, 1998; Berry, 1992) entre tantos outros, permeiam o imaginário dos intercambistas quando percebem que não estão conseguindo realizar seu propósito.

Estudar tais sentimentos, buscar quais fatores podem levar o intercambista a uma integração saudável e enriquecedora com o país hospedeiro, quais fatores podem protegê-lo de possíveis stress aculturativos ou problemas de adaptação (Youth Research, 1986; Petracchi, 1994; Nigris, 1996; Sam, 1991a) parece constituir-se em tarefa relevante para a ciência social. Interrogar-se e ir em busca de respostas para os retornos prematuros, para que os adolescentes possam ser encorajados a permanecerem durante seu intercâmbio e, ao mesmo tempo, sentirem-se aceitos, adaptados e organizados psíquica e socialmente são tarefas necessárias para que a pesquisa nesta área possa aprofundar-se e trazer para a psicologia um novo campo de investigação e intervenção. Os resultados deste tipo de investigação poderão servir para centenas de jovens que partem anualmente para intercâmbios culturais, assim como para toda e qualquer pessoa que se proponha a sair de seu país para viver em outro, seja em casos de intercâmbio, cursos, trabalhos temporários, ou quaisquer outras atividades no âmbito intercultural. Na realidade, tratam-se de processos adaptativos que estão engendrados em inúmeras situações nas quais o sujeito é levado a inserir-se em contextos culturais diferentes do seu.

No esforço sadio de romper suas fronteiras, suas limitações, preconceitos, inseguranças e barreiras culturais, nasce um novo indivíduo. Ao decidir participar de um intercâmbio cultural o jovem procura conhecer outras pessoas, fazer amizades, viajar, sem saber que, sobretudo, irá ao encontro de si mesmo. Auto-conhecimento, reflexão, um repensar permanente sobre suas percepções, sobre seu modo de comunicar, pensar e agir, são tarefas implícitas no processo de intercâmbio que muitas vezes passam despercebidas ao jovem. O fato de ser o intercâmbio uma experiência transformadora constante, associada a um processo de mudanças no âmbito do pensamento, não foi ainda assimilado pelo futuro intercambista. Ele, ao se transladar, está circunscrito a uma realidade nova, um país diferente, com pessoas diferentes, onde seu papel na sociedade e na nova família também será diferente. Os intercambistas, convém ressaltar, são indivíduos que, repentinamente, estarão separados de tudo o que lhes é familiar.

De que existe um crescimento e um enriquecimento pessoal durante o intercâmbio, não há dúvidas. Basta ouvirmos os relatos dos “*returnees*” e veteranos ou dar uma olhadela para as agências de intercâmbio cujos diretores são, na sua grande maioria, ex-intercambistas. Mas os resultados vão além do plano individual e estendem-se ao coletivo. Ao aprender a aceitar e a conviver com a diferença, ao se sensibilizar com as minorias (por sentir-se parte delas quando se encontra sozinho, no exterior) ao suplantando seus preconceitos e pudores e dar-se conta da interdependência e da necessidade que temos uns dos outros, uma noção nova de realidade pode nascer nesse indivíduo. Uma noção de cidadania e de responsabilidade social. Uma das grandes vantagens de desenvolver essa noção de responsabilidade é tornar-se sensível a todos os seres, independente de cor, raça, credo, religião ou nacionalidade. Esses jovens voltam, na sua grande maioria, com um sentimento de cidadania ampliada, onde uma vez necessitando de outras pessoas no

exterior, voltam e procuram “retornar” ao próximo - ao seu vizinho, sua irmã mais velha, seu jardineiro, sua empregada doméstica - a solidariedade que lhes foi oferecida. Além do que, ao avaliarem a nova realidade que encontram e compararem àquela deixada para trás, uma conclusão inevitável desponta: a de que todos somos iguais. Dessa maneira, uma nova forma de cidadania parece nascer, segundo a qual os indivíduos poderão estar separados por nacionalidades, mas unidos por um lastro comum de solidariedade e ética.

Do ponto de vista profissional, as consequências do intercâmbio também farão presença no futuro desses jovens, através de suas escolhas e oportunidades profissionais. Cada dia mais as empresas nacionais e internacionais, assim como órgãos públicos do país, requerem no seu quadro funcional jovens com experiência no exterior, por entenderem que essas pessoas têm perfil arrojado, de iniciativa, flexibilidade e criatividade.

Finalmente, do ponto de vista familiar, os pais sentem juntamente com seus filhos, o legado que o intercâmbio tem a deixar. Passam por experiências semelhantes ao se depararem com o desconhecido e as inseguranças que a ausência prolongada de seu filho traz. Para muitas famílias, esse é um aspecto que gera profundo sofrimento, logo compensado pelas conquistas e vitórias que o filho alcançará. O grande alento, para estes pais, é saberem que estarão deixando ao filho uma herança inestimável: terem apoiado e oportunizado uma experiência enriquecedora válida por toda vida.

É difícil um trabalho de pesquisa estar distante de seu autor ou da vida dele: Begnini inspirou-se em seu pai (que esteve em campos de refugiados por ser judeu) para dirigir *La vita è bella* (1998) tanto quanto Tajfel (1979) ou Adorno (1994) orientaram-se pelos horrores de guerra dos quais foram testemunhas. Grinberg e Grinberg (1990) são argentinos e escreveram *“Psicoanalisi dell' emigrazione e dell'esilio”* (1990) depois de terem vivido por um grande período de tempo em Israel e na Espanha. Canetti (Prêmio Nobel de

Literatura, 1993) escreveu "*A lingua absolvida*", um romance sobre um viajante e os percalços da adaptação com as lembranças de seu próprio tempo de infância e adolescência, quando acompanhava seus pais da Bulgária (seu país de origem) à Inglaterra, à Áustria e à Suíça.

A trajetória desta autora iniciou em 1990, quando participou de intercâmbio cultural pela primeira vez. Durante dois anos esteve estudando psicologia na Universidade Complutense de Madrid e as primeiras questões surgiam em forma de interrogação: Por que os brasileiros eram vistos de maneira tão difamada na cidade? Por que a guetização de alguns amigos, em bairros particulares? Quais as causas da dificuldade de entrosamento e aceitação no campus, onde os brasileiros eram chamados pejorativamente de "*sudacas*" (alusão aos latinos)? Por que alguns brasileiros recusavam-se a aprender espanhol?

Em 1992, terminado o período letivo, a autora vai para Roma, novamente em programa de intercâmbio (*ragazza alla-pari*): outra forma de viver e compreender o mundo. Um país cuja acolhida e recebimento pareceram-lhe notáveis. Pessoas calorosas, afetivas, comunicativas no convívio. Porém, nem todos brasileiros comungavam da mesma opinião da autora. Novas questões surgiam em sua mente: Por que estava tão feliz lá e outras pessoas não? Quais razões faziam com que procurasse mais italianos que brasileiros? Por que alguns brasileiros rechaçavam tão ferozmente as características dos italianos semelhantes às nossas?

Em 1994, a autora retornou à Madrid para tomar conhecimento de dois centros assistenciais: o *Centro de acogida a refugiados y exilados* e o *Caritas*. Qual a surpresa ao encontrar naqueles imigrantes sentimentos semelhantes entre si, embora os berços culturais fossem tão distantes e diferentes. Quais sentimentos são universais aos seres humanos, sobretudo, aos que estão distantes por países e terras?

Em 1995, ela ainda teve a oportunidade de morar em Louvain-la-Neuve (Bélgica) e entrar em contato com o *Centre des etudiant étrangers*. Ao todo, foram alguns anos de convívio com a cultura europeia e outra percepção ainda lhe surpreendia: Como eram diferentes os belgas, dos espanhóis e dos italianos! Mesmo entre si, franco-fônicos e flamengos eram distintos, com idioma, tradições, valores e condutas peculiares.

De volta ao Brasil, a autora desta pesquisa envolveu-se em duas atividades que julga terem sido fundamentais para definir sua escolha profissional pela Psicologia Intercultural e, conseqüentemente, pelo tema desta pesquisa. Nestes dois programas ela esteve trabalhando durante 18 meses como voluntária:

(A) ICYE - International Christian Youth Exchange

O ICYE é uma associação reconhecida internacionalmente, com mais de 60 comitês ao redor do mundo. Atualmente conta com o apoio da Comissão Europeia, no projeto chamado *European Youth Exchanges*. Através dessa Comissão, tem desenvolvido um trabalho chamado *Youth for Europe*, destinado a promover o desenvolvimento de intercâmbios culturais entre os jovens europeus. O primeiro passo foi dado em 1990, através do documento **Young People in the European Community** e, posteriormente, em 1993, através da aceitação do Parlamento Europeu, o projeto estendeu-se para os países não-membros da comunidade.

(B) EUROPEAN YOUTH CENTRE

Essa instituição lançou a **Campanha da juventude europeia contra o racismo, xenofobia, anti-semitismo e intolerância**, em outubro de 1993. Através dessa campanha, monitores interculturais foram formados nos mais diferentes países europeus de modo a promover a Educação Intercultural entre os povos, entre os quais, a autora desta pesquisa.

Após estas experiências relacionadas aos intercâmbios culturais, a autora começou a utilizar estes conhecimentos e técnicas aqui no Brasil, no ano de 1996, através de sua empresa, chamada "*Intercultural Training*⁶ - Consultoria em Educação Intercultural", trabalhando com intercambistas e seus familiares. Desde então, aproximadamente 1200 pessoas envolvidas com a experiência da separação, da saudade, da distância e do encontro intercultural passaram por ela, seja nos Treinamentos Interculturais de preparação para a partida, como de acompanhamento ou de adaptação ao retorno ao Brasil, propiciando-lhe um relacionamento intenso e permanente com esses jovens e seus familiares. Por essa razão, surgiu o interesse e a possibilidade de entrar em contato com eles para a realização dessa pesquisa.

A pergunta central dessa investigação é:

“Os adolescentes brasileiros, durante seu intercâmbio cultural (high school) têm conseguido alcançar a integração em seus países hospedeiros?”

Teve-se como objetivos:

- identificar e descrever os sentimentos comuns aos intercambistas durante as diferentes etapas do programa;
- identificar e analisar as estratégias de aculturação escolhidas pelos intercambistas.

⁶ Maiores informações sobre o assunto podem ser requisitadas através do : Intercultural Training – Consultoria em Educação Intercultural - Rua Ulisses Cabral 1300/1/604, Porto Alegre, RS, CEP 91330-520. Telfs. 55.51.3517752 – 55.51.91388878. e-mail: intercultural@hotmail.com

Conceitos Introdutórios

Educação Intercultural

*"O mundo é meu país,
e a humanidade, minha família."
Gandhi*

Por volta de 1950, começaram os primeiros movimentos no sentido de se estudarem as motivações para a guerra e para a paz. Alguns cientistas sociais (Deutsch, 1949; Follet, 1940) mostravam-se intrigados por perceberem que já se havia, no passar de algumas centenas de anos, aprendido qual era o caminho para a guerra. E para paz?

Einstein previa qual seria a má utilização de seus conhecimentos e era francamente contrário à corrida armamentista que se desenvolveu logo após sua descoberta da energia atômica. Em 1964, foi publicado o primeiro jornal a respeito – *Journal of Peace Research*, em Oslo. O Comitê de Pesquisas para a Paz, fundador do jornal, deu lugar a outros novos centros, em diferentes países, e a missão desses pesquisadores foi clara e contundente: *"O pesquisador da paz vem definido como aquele indivíduo que contribui para o nascimento e a manutenção da paz."* (Cobalti, 1985, p.11)

Einstein, embora fosse um dos idealizadores do grupo, nele permaneceu por pouco tempo, mas foi o expoente necessário para que o movimento prosseguisse e fosse tomando rumo até o que se conhece atualmente. Com a entrada da ONU (Organização das Nações Unidas) através da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) trabalhos científicos foram sendo desenvolvidos no sentido de se ampliar a visão de

“paz e desenvolvimento”⁷. Segundo sua famosa declaração: “*Dado que a guerra começa na mente do homem, é na mente do homem que devemos edificar a defesa para paz.*” (Fowler e Mumford, 1995, p. 308)

Nessa mesma época, a UNESCO deu início à chamada Educação para a Paz (Cobalti, 1985) cujos objetivos foram futuramente direcionados a três áreas: Ética, Educação para o Meio Ambiente e Educação Intercultural, por compreenderem que o cidadão do futuro seria ético, ecológico e intercultural. Dessa maneira, a Educação para a Paz dividiu-se em três grandes áreas de atuação, sendo que uma delas é a Educação Intercultural.

A Educação Intercultural (Sebben, 1995) relaciona-se com a Educação Para a Paz porque vem inverter uma tendência que tem profundas raízes na história do mundo ocidental, onde as guerras em defesa de nacionalismos radicais, crenças e diferenças étnicas, eram sinais de evolução da humanidade. Bem pouco nos foi ensinado sobre os milhares de mortos e inocentes vitimizados que foram deixados como “lastro” dessa evolução. Ainda hoje, podemos encontrar países que seguem suas sangrentas batalhas em nome da intolerância, da crueldade e do egoísmo que sustentam essas perseguições.

No cenário histórico, pode-se dizer que os primeiros passos em direção à Educação Intercultural foram dados no final da Segunda Guerra Mundial. Esses estudos foram desenvolvidos para estabelecerem relacionamentos, se não positivos, ao menos não-conflitivos com as populações que habitavam as zonas ocupadas pelo exército americano. Foram utilizados, posteriormente, também em situações de caráter diplomático, comercial e turístico (Nigris, 1996). No âmbito dos intercâmbios culturais e intercâmbios estudantis, a estadunidense AFS (*American Field Service*) introduziu o termo Educação Intercultural.

⁷ Detalhes sobre os Planos de Ação da UNESCO poderão ser encontrados em publicações semestrais do

Em 1975, com a fundação do INTERCULTURAL e da EFIL (*European Federation for Intercultural Learning*) o termo Educação Intercultural tornou-se conhecido entre os países da América do Norte e da Europa. Finalmente, em 1977, através do Conselho Europeu e do CEDE (*Centro Europeo per l'Educazzione*) foi realizado o primeiro curso de "Formação aos Treinadores em Educação Intercultural", cujo encontro propiciou vários trabalhos e publicações. Concomitantemente, as produções sobre o tema da aculturação, o conceito de *cultural shock* de Oberg (apud Castelnuovo e Risso, 1982) tão popularmente comentado, adaptação/rejeição, percepção (Horvath-Lindberg e Miserez, 1994; Ting-Toomey, 1989; Petracchi, 1994) começam a aparecer na literatura pedagógica, social e antropológica.

Já no que concerne à transmissão cultural implicada no processo de transformação social, a Educação Intercultural vem se desenvolvendo, seja pela pesquisa teórica (através da Antropologia, da Sociologia, da Ciência Política e da Psicologia Social) seja através da pesquisa aplicada (experimentação em grupos de intercâmbio cultural, em adolescentes estrangeiros em situações de hospedagem, na escola elementar e secundária, entre outros âmbitos). Em outras palavras, buscando atender os objetivos circundados pelo Conselho Europeu e pela Comunidade Econômica Européia (Nanni, 1998, p. 76) estimulando a igualdade de oportunidades, o respeito por todas as culturas, a rejeição de atitudes discriminatórias, racistas e xenófobas.

Considerando a Circular nº. 246, de 15 de julho de 1989, do Progetto Giovanni a Educação Intercultural tem como objetivo estar bem consigo mesmo num mundo que seja melhor; estar bem com os outros na sua própria cultura e em diálogo com outras culturas;

estar bem nas instituições interculturais que nos conduzam em direção a um mundo globalizante. (Nanni, 1988, p. 112)

Portanto, pode-se dizer que a Educação Intercultural busca promover a capacidade terapêutica de convivência construtiva e saudável entre todos os indivíduos – sejam eles da mesma etnia ou de etnias diferentes, num tecido intercultural e social ampliado. Isso compreende não apenas a aceitação e o respeito à diversidade cultural, mas também o reconhecimento de nossa própria identidade cultural, na cotidiana busca de diálogo e crescimento, de compreensão e de colaboração, numa perspectiva atual que é a da preocupação com a diversidade cultural.

Através do *Consiglio Europeo per la Gioventù*, com a *Cooperazione allo Sviluppo Interculturali*, definiu-se alguns objetivos da Educação Intercultural que entram de acordo com o trabalho operativo de alguns psicólogos transculturais, quais sejam:

- (a) fornecer a cada pessoa horizontes de crescimento e autonomia no contexto atual para reforçar a atitude em situações multiculturais difíceis, repensando a construção e a transmissão cultural que vivemos diariamente;
- (b) considerar a cultura não como couraças de distanciamento que impedem o crescimento pessoal ou para serem veneradas como santuários intocáveis, compreender a cultura (sua construção e transmissão) como processo vivo e dinâmico, relativo a cada grupo social, passível de mudança e de preservação;
- e (c) compreender os valores universais e pessoais, os fundamentos transculturais de cada povo, o respeito, o diálogo e o empenho necessários que torna possível pensar e viver a interculturalidade hoje, não com indiferença ou ignorância, com confusão ou submissão, mas como uma perspectiva comum, onde todos os povos estejam

comprometidos num futuro pacífico e livre de ameaças ... ” (Nanni, 1998, p. 18).

Embora a Educação Intercultural tenha seu berço na Europa, no Brasil ela começa a aparecer como tema de interesse e pesquisa, sobretudo por parte dos educadores. A revisão bibliográfica brasileira foi bastante árdua, especialmente pela incipiência do tema. Alguns autores da área da educação, como Fischmann (1998) e Alves (1998) começaram a despertar para o assunto em função dos Novos Parâmetros Curriculares, promovidos pelo MEC, em 1997. De fato, estes autores têm razão ao alargar os horizontes da Educação Intercultural e trazê-la para um contexto mais próximo. Além da problemática migratória que a Europa vem enfrentando, esse tipo de educação pode aparecer em diversos âmbitos onde os objetivos de tolerância, compreensão mútua e interesse pela diversidade possam aparecer. Somente através do interesse de pedagogos, psicólogos, antropólogos e demais cientistas sociais é que poderemos trazer para nosso país, e desenvolver aqui, uma Educação Intercultural voltada para os interesses de um mundo melhor e, naturalmente, de um Brasil melhor.

Psicologia Intercultural

Na obra de Castelnuovo e Riso (1982) encontramos uma referência a um quadro patológico que se desenvolveria em sujeitos distantes de sua terra natal:

Heimweh é chamado atualmente a doença do país distante, os franceses costumam chamá-la de *Maladie du Pays*, ou da escola grega conhecida como *Pothopatridalgia*, *Nostomania* ou *Nostalgia*. É uma espécie de delírio

melancólico, que produz algum vício à nível cerebral, que se manifesta através de um desejo constante e violento de voltar à terra natal. (Castelnuovo e Riso, 1982, p. 304).

O diagnóstico mencionado data de 1688 e é de autoria de Scheuchzer, que prossegue na tentativa de aprofundar a descrição dos sintomas:

A nostalgia deriva, segundo meu parecer, de uma idéia fixa que faz com que os nervos do cérebro se endureçam seguindo sempre uma única direção, de pensamentos de retorno à pátria; uma febre ardente, uma grande angústia e aperto no coração e incidentes diários na vida dos jovens estrangeiros; creio que pode ser da atmosfera, a modificação do ar influencia o sangue e os espíritos nervosos; a presença da doença se revela através de uma tristeza contínua, constantes pensamentos sobre a pátria amada, sono inquieto ou insônia, insensibilidade para fome ou sede, apreensão, batidas cardíacas arritmadas, freqüentes suspiros, febres altíssimas que às vezes podem levar à morte. (Castelnuovo e Riso, 1982, p.304-6)

Em 1705, a idéia de nostalgia amplia-se rapidamente e Scheuchzer (apud Castelnuovo e Riso, 1982) relaciona a doença dos soldados suíços à distância dos Alpes: a nostalgia poderia ser curada tão logo colocava-se o enfermo numa colina alta que lembrasse os Alpes. Em 1761, a doença agrava-se não apenas entre os soldados suíços, os primeiros a sofrerem de nostalgia, mas também entre outros soldados europeus que se moviam dentro da Europa por ocasião da guerra. Auenbrugger, médico vienense, comentava ao fazer as

autópsias: Nunca vi o que essa doença faz ao corpo dos enfermos! Os pulmões aderem à pleura torácica, como se estivessem num gigantesco suspiro! Nada mata mais do que o desejo não satisfeito! . . . O desejo de voltarem à pátria, que nunca se realizou ... (Castelnuovo e Risso, 1982, p. 310)

Já, Sauvages, da Faculdade de Medicina de Montpellier, conta que havia na Suíça uma música tocada pelos camponeses em seus grandes trompetes chamada *Ranz des Vaches*. Durante sua estadia em países estrangeiros, os nativos eram terminantemente proibidos de tocá-la, pois gerava torrente de lágrimas nos estrangeiros suíços, levando-os muitas vezes à morte (Castelnuovo e Risso, 1982). Essas e outras informações são encontradas a partir do *Dissertatio Medica* de Hofer, 1688, (apud Castelnuovo e Risso, 1982) e do *Avis au peuple sur las santé*, datado de 1761, em Lausanne, Suíça. Encontram-se aqui os primeiros fragmentos de trabalhos que relacionam saúde mental e cultura.

Outros dados poderiam ainda ser citados⁸, como o sofrimento da população africana, ao ser enviada ao Brasil por ocasião da exploração dos escravos, que sofriam também desta nostalgia, conhecida por *banzo*. Assim como, posteriormente, os imigrantes europeus durante o período de colonização que igualmente sofriam em suas viagens de navio e o período logo após a chegada ao Brasil, onde mencionam o sofrimento que a distância e a saudade impingiam sobre essas pessoas.

Paiva (1978) porém, cita como primeira obra da psicologia voltada especificamente para uma questão internacional a “*Psicologia dos povos: uma investigação sobre as leis de desenvolvimento da linguagem, mito e costumes*”, de Wundt, entre 1900-1920. Posteriormente, cita Freud, quando conectou a psicologia com a cultura em “*Totem e tabu*”

e “*O mal-estar na civilização*” e, finalmente, Jung, ao realizar pesquisas *in loco* na América, África, regiões do Oriente e da Europa, buscando teorizar sobre seus conceitos de arquétipos como universalistas.

Jilek (1998) porém, cita Kraepelin, em 1904, como o precursor do tema ao introduzir uma nova disciplina: a “*psiquiatria comparada*”. Naquele tempo, a preocupação voltava-se para os fatores sócio-culturais da psicopatologia. O objetivo era “*identificar, verificar e explicar o vínculo existente entre distúrbio mental e as vastas características psicossociais que diferenciam nações, povos e culturas*” (Jilek, 1998, p. 60).

Paiva (1978), porém, aponta a Antropologia como área de estudo onde surgiu o primeiro trabalho típico da Psicologia Intercultural, de autoria de Rivers (1901). Rivers mediu escalas de ilusão ótica, comparando crianças e adultos ingleses com os nativos da Ilha de Murray. Nas décadas de 20 a 40, os antropólogos Malinowsky, Benedict, DuBois, Kardiner e Mead testaram hipóteses psicológicas derivadas de Hall e Freud em populações primitivas. Este grupo aberto às questões psicológicas deu início à corrente chamada “*Cultura e personalidade*” (Paiva, 1978). Porém, autores como Angeline (1964) e Price-Williams (1969), concordam que o interesse renovado pela Psicologia Intercultural, assim como pela Educação Intercultural, surgiu no término da Segunda Guerra Mundial. Diversas razões são apontadas por eles (Paiva, 1978):

... o contato maior entre os povos, o fim do isolamento político-cultural dos Estados Unidos, a progressiva descentralização etnocultural dos cientistas americanos, o desenvolvimento de institutos de pesquisa psicológica na Ásia, África e América Latina, o surgimento de meios de transporte rápidos

⁸ Informações colhidas através do Simpósio dos Professores Universitários de História, sobre o tema

que, sem perda de tempo, colocam os pesquisadores sob o mesmo teto, e o aparecimento do computador, capaz de simplificar ao máximo operações demoradas e lidar com grande número de informações, como as muitas vezes obtidos em estudos interculturais ... (Paiva, 1978, p. 23).

Do término da Segunda Guerra até o que se conhece atualmente, muito foi desenvolvido em termos de Psicologia Intercultural, em especial nas décadas de 60 e 70, nas quais foram dados os passos iniciais necessários para o tema se popularizar. Em ordem cronológica, Paiva (1978) destaca: o aumento nas publicações sobre o tema no *Journal of Social Psychology*; a fundação do *Center for Cross-Cultural Psychology*, em 1970, em Washington; a constituição da *International Association for Cross-Cultural Psychology*, em 1972, (da qual a autora também participa); a criação da *Society for Cross-Cultural Research*, em 1972; e a mais recente *International Academy of Intercultural Research*, da Kent State University, nos Estados Unidos da América.

Concomitante a este crescimento do interesse pelo assunto, destaca-se o surgimento paulatino de autores voltados para a área: Triandis (1995) que introduziu os conceitos de coletivismo e individualismo; Berry (1997) com seus vários modelos de interação cultural, da *Queens' University*, no Canadá, e Sam (1991a, 1991b) da Universidade de Bergen, cujo trabalho também é voltado para os aspectos clínicos da imigração, sobretudo com refugiados.

No Brasil, quase nada foi mencionado durante estes anos. Rastreado a bibliografia específica da área, pode-se constatar que o trabalho de Paiva (1978) continua sendo uma referência fundamental. Este autor elaborou uma análise do material existente na sua época

e que permanece sendo praticamente o mesmo no que diz respeito ao contexto atual brasileiro. Em seu livro, este autor apresenta Arrigo Angelini, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da USP-SP, como o pioneiro dos estudos de Psicologia Intercultural em nosso país. E, posteriormente Aniela Ginsberg (1978) como perita consultora de pesquisas interculturais da PUC-SP. Desde então, nada mais foi encontrado, em termos de revisão bibliográfica no âmbito brasileiro, especificamente na Psicologia Intercultural.

Dessa maneira, o conceito de Psicologia Intercultural vem se sofisticando com o passar do tempo e sendo trabalhado conforme as exigências do mesmo. O conceito de interculturalidade atende ao estudo que visa compreender as relações entre cultura e comportamento, seja ele individual ou grupal. Por isso aplica-se tão perfeitamente aos problemas urgentes de nossa atualidade advindos da globalização. Nesse aspecto, quando nos referimos à globalização, referimo-nos, sobretudo, às suas decorrências, como o progresso das telecomunicações, dos meios de transporte, das transações econômicas internacionais, das relações produzidas transacionalmente. Appadurai (1995) aponta cinco dimensões de fluxos culturais globais que ilustram esse conceito de globalização:

Imagens étnicas - produzido pelo trânsito de pessoas no globo terrestre, cada vez mais crescente, como turistas, emigrantes, refugiados, exilados, executivos ou operários que se estabelecem em outros países;

Imagens tecnológicas - produzidos pelo fluxo de tecnologia, maquinarias e aparelhos industrializados que circulam por todos os países;

Imagens financeiras - produzidos pelo fluxo rápido e nem sempre linear de dinheiro entre as nações, aumentando a interdependência dos estados;

Imagens de comunicação - produzido por um elenco sem fim de informações, via rádio, tv, internet, telefones, filmes, entre outros;

Imagens ideológicas - imagens de direitos, democracia, liberdade, bem-estar, ideologias aliadas ou não ao estado que circulam livremente. (Appadurai, 1995, p.303)

Considerando este conceito de globalização, a Psicologia Intercultural, neste momento, teria uma importância historicamente fundamental, e daí origina-se a necessidade de difundi-la e ampliá-la cada vez mais. Paiva (1978) sugere quatro grandes objetivos para ela:

Ampliar os dados atuais da Psicologia com as variáveis concretas mais tipicamente humanas, que são as variáveis culturais; produzir uma nova taxionomia dos fenômenos psicológicos ou modificar as categorias ora existentes, que derivam de apenas algumas culturas soberanas; gerar novas hipóteses para a explicação do comportamento, que sejam interdisciplinares, que proponham a entrada da antropologia para a explicação de tais fenômenos; aprofundar de maneira sistemática e reflexa o conhecimento da própria cultura; investigar o universal no comportamento humano, ao menos na sua qualidade heurística. (Paiva, 1978, p.56)

Por atender diferentes objetivos e por encontrar uma ampla difusão para a prática de sua teoria e aplicação, a Psicologia Intercultural teria ainda áreas específicas de estudo. Brislin (1970) recorreu à análise de conteúdo de 200 artigos para buscar uma definição para a Psicologia Intercultural e encontrou, em ordem decrescente, 14 categorias correlatas: personalidade, tratamentos experimentais, metodologia, distúrbios psíquicos, identificação étnica, modernização, desenvolvimento, psicologia do trabalho, sociologia, antropologia, psicolinguística, psicologia diferencial, estudo sobre a paz e conflitos. Como pesquisas futuras, aponta ainda: a saúde mental, a proxêmica, a delinquência, as estratégias de enfrentamento, de negociação, de tomada de decisões e o caráter. Triandis, Malpass e Davidson (1971) numa apresentação abrangente do estado atual da Psicologia Intercultural para a *Annual Review of Psychology*, encontraram algumas variáveis que têm sido mais investigadas que outras: " . . . a percepção, o desenvolvimento cognitivo, o significado conativo, a distância interpessoal, papéis subjetivos, crenças, estereótipos, categorizações, valores, modernização, mudança social e finalmente a alienação, choque cultural e estados psicopatológicos . . ." (p. 309). Estas últimas três variáveis compõem a chamada Psicopatologia da Imigração (Grinberg e Grinberg, 1990). Estes estudos propõem-se a conhecer melhor as variáveis previstas durante o processo migratório e que podem auxiliar no processo de adaptação, aculturação e bem-estar social do estrangeiro. É nesta direção que esta dissertação pretende contribuir.

Finalmente, surge a chamada Psicopatologia Intercultural, que, no entender da autora, pode ser assim dividida: 1) a Etnopsicologia, que se ocupa da psicopatologia em diferentes grupos culturais. Berne (1960) encontrou cinco indicadores de divergências culturais quanto à psicopatologia: (a) quanto à incidência; (b) o modo de expressão, (c) padrões de psicopatologia, (d) recuperação e cura, (e) técnica de tratamento; 2) a

Etnopsiquiatria, que se propõe ao mesmo objetivo, tendo atualmente repensado alguns critérios de classificação que podem se aplicar a determinada cultura e a outra não (DSM - IV, 1994); e, 3) a Psicopatologia da Imigração propriamente dita, observando os fatores subjetivos dos sujeitos na situação de imigrante, auxiliando a compreender seus primeiros dias de adaptação, a separação dos familiares, a perda da raiz cultural, a discriminação ou perseguição sofridas enquanto grupo minoritário, o choque cultural em todas suas esferas.

Treinamento Intercultural

A existência de todo um arcabouço teórico e prático dirigido a responder a realidade de uma sociedade multicultural e etnicamente plural, às exigências do processo de globalização que pede uma competência relacional e afetiva para o encontro de culturas: são as exigências iniciais para se debater o **Treinamento Intercultural**. Trata-se de algo que vai além dos objetivos propostos acima, mas que, conforme definem Fernandez e Sedano (1995) surge

como um projeto de sociedade futura, já emergente, que significa esta realidade plural e complexa, caracterizada pelo intercâmbio e pela mobilidade das pessoas e dos sistemas de valores e modelos culturais e sociais, assim como pela convivência num mesmo lugar de idêntica pluralidade cultural e étnica. (Fernandez e Sedano, 1995, p.414)

O **Treinamento Intercultural**, enquanto procedimento, nasce de uma fusão da Psicologia e da Educação Interculturais. Alguns exemplos podem ser mencionados como: Forgas (1995) e sua psicologia das interações sociais, fornecendo conceitos como os de percepção, comunicação verbal e não-verbal, teoria das atribuições, a formação de impressões; Tajfel (1979) atento aos fenômenos relacionados com as relações entre grupos

minoritários ou majoritários, com as diferentes visões e hierarquias sociais que influenciam o indivíduo, bem como sua colaboração com a psicologia intergrupar com as idéias de categorização social; e tantos outros que poderiam ser mencionados aqui, como Kym e Gudykunst (1988) ou Furnham e Bochner (1986) que enriquecem e vem ao encontro da Educação Intercultural, formando juntos o que se pode chamar de sustentação teórica para o Treinamento Intercultural.

O conceito de Treinamento Intercultural amplia o de Educação Intercultural à medida que a abrangência e a complexidade do problema superam os limites da prática educativa entrando na prática terapêutica, para converter-se numa autêntica profilaxia do ponto de vista do encontro, da busca, da difusão e da criação que se pretende ao experimentá-lo. Deutsch (1993) faz referência ao Treinamento Intercultural como sinônimo de Educação para a Paz que busca como objetivo o exercício da aprendizagem cooperativa, do treinamento para a resolução de conflitos e da promoção das diferenças sob uma ótica construtiva.

Em 1979, David Hoopes (apud Fowler e Mumford, 1995) na primeira edição do *Intercultural Training Sourcebook*, menciona que:

Há ainda um longo caminho a percorrer. Nossos métodos necessitam um refinamento, e ainda não foram suficientemente avaliados. O Treinamento Intercultural segue sendo algo intuitivo, sem sistema. Mas já é um começo. Uma coisa importante pelo menos o Treinamento tem nos oferecido: a certeza de que estamos indo pelo caminho certo. (Hoopes apud Fowler e Mumford, 1995, p.25)

Desde então muito foi aprendido e acrescentado. Técnicas foram aprimoradas: jogos de simulação como *Bafa-Bafa* (Shirts, 1969) *Albatross* (Friesenhahn, 1989) *Ecotonos* (Fontaine, 1987) *Barnga* (Thiagarajan, 1984) têm sido utilizados pela comunidade internacional em diversas áreas como os intercâmbios culturais, os treinamentos gerenciais de executivos, para imigrantes, refugiados e exilados, para turistas que desejam aprofundar-se e interagir nas culturas hospedeiras, em escolas elementares, secundaristas e universidades.

Paige (1993, p. 08) cita o Treinamento Intercultural como tendo duas premissas básicas de trabalho: “a experiência intercultural é emocionalmente intensa e traz mudanças profundas na personalidade dos intercambistas e que o Treinamento Intercultural requer um conhecimento e uma pedagogia radicalmente diferente das práticas tradicionais.” Já Vicent (1998) aponta o Treinamento Intercultural como uma prática lúdica que pretende, através de seis etapas básicas, cumprir seus objetivos de cooperação internacional, convivência pacífica e resolução de conflitos de forma não-violenta. São elas: “jogos de conhecimento, afirmação, comunicação, cooperação, negociação interpessoal, resolução de conflitos” (idem, p.14). Novara (1989) acrescenta: “o Treinamento Intercultural deve promover a capacidade da pessoa de relacionar-se positivamente com o conflito intercultural, para isso é necessário competência seja comportamental, como cognitiva e cultural ” (p.123). Lewis (1998) por sua vez, trabalha em Treinamento Intercultural para grandes corporações a nível internacional. Ele propõe alguns conceitos que são compartilhados por outros autores como Pusch (1979) Camilleri, (1998) e Wurzel (1988). Entre eles destaca-se a seguinte definição :

Treinamento Intercultural é todo o tipo de programa que prepara as pessoas para viver, trabalhar, estudar, ou morar em lugares culturalmente diversos do seu; as técnicas utilizadas são freqüentemente laboratórios experimentais, podendo haver também estudos de caso, exercícios escritos, ou o estudo direto sobre determinada cultura; em alguns casos podem também ser incluídos materiais teóricos sobre Educação intercultural. (Lewis, 1998, p.12)

Nesta pesquisa, o Treinamento Intercultural aplicado é voltado para adolescentes que participam de intercâmbio cultural, e o conceito abrangente é de um processo que auxilia as pessoas a viverem, morarem, trabalharem e estudarem num ambiente cultural diferente do seu. As técnicas são experimentais, vivenciais, embora possam ser incluídos estudos transculturais comparativos ou o estudo específico de uma cultura. Jogos de simulação, de Educação Intercultural, estudos de casos, exercícios escritos e orais sobre comportamento intergrupar, também fazem parte deste Treinamento. Na Figura 1, abaixo, pode-se observar o cronograma da reunião de Treinamento Intercultural onde 70, dos 97 sujeitos desta pesquisa, estiveram participando:

Treinamento Intercultural

(metodologia Intercultural Training®⁹)

Parte I: Intercambistas

13'00 - Apresentação: Pata-Pata - Interview - Coppertone

Objetivo: são técnicas de apresentação, descontração, integração, aquecimento do grupo

14'00 - Os Alfa encontram os Beta: uma simulação intercultural

Objetivo: compreender que cada cultura tem seus valores; comunicação verbal e não-verbal, recursos de adaptação

15'15 - Banchetto Familiare

Objetivo: vivenciar a espera e a chegada da família hospedeira, observar suas expectativas e comportamentos de aceitação/rejeição, refletir sobre os recursos pessoais para integrar-se ao novo contexto

16'00 - Albatross

Objetivo: ilustrar as dificuldades e problemas na interação com pessoas de diferentes culturas, observar as tendências ao etnocentrismo e aos preconceitos, alertar quanto as situações novas que surgirão

16'30 - Do etnocentrismo ao multiculturalismo: preparando-se para o futuro

Objetivo: refletir sobre a tarde de trabalho, avaliar o que foi aprendido e vivenciado, proposições para seu ano de intercâmbio

Parte II: Pais

17'30 - A História

Objetivo: vivenciar as dificuldades de comunicação durante o intercâmbio entre pais e filhos, armadilhas de percepção (mentiras, distorções, aumento/diminuição de informação) que ocorrem durante o programa, refletir sobre a responsabilidade de todos durante o intercâmbio (pais, filhos, hospedeiros, agência e programa local)

18'30 - A fábula

Objetivo: auxiliar os pais a identificar as tendências de superproteção como fator de risco para o programa, refletir sobre as tendências de dependência/comodismo dos filhos, a comunicação e diversidade cultural

Parte III: Pais e Intercambistas

19'30 - Roleta Russa

Objetivo: integrar todas as partes envolvidas nos intercâmbio (aluno, família hospedeira, família brasileira) alertando para a co-responsabilidade de cada um, clarear dúvidas, expectativas e regras do Programa

20'30 - Happy End

Objetivo: propiciar a comunicação afetiva entre pais e filhos, a separação, a espera, a aproximação sadia que prepara para a partida .

Figura 1. Cronograma do Treinamento Intercultural aplicado em 70 sujeitos desta pesquisa

⁹ Marca registrada (INPI) n.819937673 e direitos autorais (Ministério da Cultura/Escritório de Direitos Autorais/RJ) n. 265/97.

Marco Teórico

Devidamente introduzidos a Educação, a Psicologia e o Treinamento Intercultural, passaremos à área da Psicologia Intercultural que fornece o arcabouço teórico para essa pesquisa, especificamente, os aspectos da Psicopatologia da Imigração. A opção pelos autores Grinberg e Grinberg (1990) justifica-se por neles poder encontrar o suporte necessário para uma revisão psicanalítica que, ao mesmo tempo que serve para uma análise de questões individuais, volta-se também para uma preocupação com os fenômenos sociais, as relações intergrupais e com possíveis trabalhos de intervenção, conforme a tradição de vários colegas da escola psicanalítica argentina. Neste sentido, diferentes dimensões do contexto migratório são analisadas.

Emigração e identidade

Sebben (1994) define a capacidade do indivíduo de sentir-se ele mesmo, com suas peculiaridades, autenticidade, espontaneidade, valores e crenças no processo dinâmico de mutações ao longo da vida, como a base emocional da construção e manutenção da identidade. Grinberg e Grinberg (1990) fazem uma leitura da construção da identidade considerando que assim como a criança vai descobrindo objetos e a si mesmo, o adulto, na luta pela sua autoconservação deve constantemente repetir a experiência de sentir a si mesmo, de "*encontrar a si mesmo e reconhecer-se*" (p.133). Por essa razão, o intercambista, muitas vezes, apresenta a necessidade de se manter vinculado a vários elementos de seu contexto cultural de origem, tais como música, alimentos, cartas, lembranças e sonhos, onde ressurgem aspectos de seu país de origem, como forma de manter ativa a experiência de "*ser ele mesmo*". (Sebben, 1994, p.151)

Assim sendo, um evento importante na vida do indivíduo como é a emigração¹⁰, que engendra importantes transformações, perdas, reconquistas constantes, pode perfeitamente ser uma ameaça para a identidade da pessoa. Por sua vez, Erikson (1977) traz outra contribuição quanto à construção da identidade, manifestando que esta expressa uma relação entre o "indivíduo e seu grupo", onde "ser ele mesmo" significa compartilhar com outros características próprias de si mesmo. Assim como Klein (1962, 1972) Barranger (1971) e Seagal (1971) consideram a identidade como o produto final da soma entre os vínculos espaciais, temporais e sociais. Desse modo, tem-se presente que o vínculo de integração espacial relaciona-se com a corporalidade, o lugar pertencente do ser, a diferenciação entre o ser e o não-ser, o sentimento de individuação. O vínculo de integração temporal, por sua vez, relaciona-se com as diversas representações do ser no tempo, estabelecendo com os demais uma continuidade, uma lógica, um amadurecimento natural no tempo, uma coerência. Finalmente, o vínculo de integração social é aquele no qual, através da identificação/projeção, estabelecem-se relacionamentos entre o ser e objeto, há um pertencer, um individualizar-se e um confirmar-se ao mesmo tempo. Postula-se, então, que a emigração relaciona-se simultaneamente com os três vínculos, e, dependendo das circunstâncias, um deles poderá ser mais prejudicado.

Nos períodos imediatamente após a emigração há uma "*desorganização generalizada*" (Grinberg e Grinberg, 1980) no indivíduo. Temores bastante regressivos surgem, tais como o de ser "devorado" pela nova cultura ou de ser "despedaçado", por habitar em si duas realidades diferentes: a do país recém-abandonado e a do novo país que começa a ser assimilada.

¹⁰ A partir daqui a emigração compreende qualquer saída do país, por tempo igual ou superior a 6 meses, como por exemplo, a participação em programas de intercâmbio cultural.

Um outro aspecto a ser considerado é a faixa etária de quem emigra. Lefley e Pederson (1986) afirmam a importância de considerarmos a faixa etária dos sujeitos que vão ao exterior como um dos fatores determinantes do bem-estar e da integração cultural. A adolescência é uma fase na vida do sujeito, caracterizada por conflitos, dúvidas, estranheza, conquistas e perdas contemporâneas (Aberastury, 1988) tornando o adolescente um "estrangeiro por natureza" (Sebben, 1999).

Além da faixa etária do adolescente ser um fator que poderá trazer complicações na adaptação do sujeito, aspectos ligados ao idioma e ao alimento (Grinberg e Grinberg, 1980) também poderão ser agravantes. Ambos, idioma natal e alimentação, confirmam a identidade do sujeito. A falta de comunicação, um dos fatores primários nas bases das psicoses, agrava-se na emigração porque os sujeitos devem "pensar, sentir e raciocinar" num idioma básico dentro de um contexto com hábitos culturais completamente estranhos ao seu referencial. A linguagem, ao mesmo tempo que comunica, cria uma nova realidade: para o intercambista há não apenas que comunicar novos conceitos, mas aprender, recriar, resignificar estes conceitos. Lacan (1972) considerando a linguagem como um meio de organização psíquica, diz que ela "instaura a ordem no mundo interno e externo", podendo-se daí inferir-se sobre o nível caótico que se estabelece no indivíduo quando chega a um país estranho. Além do que, a linguagem não apenas viabiliza a imagem subjetiva dentro do sujeito, mas também objetiva, quando estabelece um diálogo entre o "eu e o outro". Assim, deixar de ser "eu" para tornar-se um "yo, je, Io ou I" transcende a experiência de comunicação: torna-se virtualmente uma ameaça para a identidade. Já o alimento poderá ser relacionado ao aspecto regressivo da experiência migratória a níveis muito primitivos vividos pelo intercambista. Assumirá um significado relevante no momento, simbolizado pelo vínculo primário entre o bebê e o seio materno (Barrager, 1971). Pode acontecer dele

então rejeitar absolutamente os pratos do novo país e buscar nostalgicamente alimentos característicos de sua terra. A pátria-mãe, possuidora do "seio bom idealizado", foi deixada para trás, tornando-se fundamental evitar o novo alimento (seio mau e persecutório) desconhecido e ameaçador (Grinberg e Grinberg, 1980). Ou, ainda, ao contrário, o intercambista poderá recorrer ansiosamente ao alimento aplacador de sua angústia, movido por fantasias infantis de proteção, como o "seio bom, provedor e idealizado" (Klein, 1962).

Por conseguinte, a emigração é uma das circunstâncias da vida que expõem a quem a experimenta a fases de desorganização que pedem posterior reorganização, nem sempre possível. A perda da identidade é um risco que existe. Acredita-se, porém, que se o sujeito possui suficiente capacidade de elaboração, não apenas superará a crise, mas que esta experiência assumirá caráter de uma renovação, aumentando seu potencial criativo e saudável.

Emigração e retorno

Para avaliar o retorno no processo da emigração, cabe averiguar alguns conceitos que poderão ajudar tanto na compreensão do retorno prematuro, como da estadia até o final do programa de intercâmbio. Menges ([1959], conforme citado por Grinberg e Grinberg, 1990) define o conceito de emigrabilidade como:

a capacidade potencial do intercambista de reconquistar no novo ambiente, de modo gradual e ao mesmo tempo rápido, uma parte de seu equilíbrio interno - sempre e quando o novo ambiente permitir, e - contemporaneamente a capacidade de se integrar ao novo contexto sem ser um elemento perturbado ou de perturbações (Menges ([1959], apud Grinberg e Grinberg, 1990, p. 153).

Para este mesmo autor, existem "indicações e contra-indicações para a emigração", com base na capacidade do sujeito de dominar ou superar a saudade. As pessoas que geralmente sucumbem à ela têm problemas infantis não resolvidos derivados de seu relacionamento com a mãe. Trata-se de mais do que "saudade", uma dependência patológica do ambiente familiar. A estabilidade do ambiente familiar¹¹ constitui um dos fatores favoráveis à realização de uma emigração positiva, assim como da capacidade profissional e da satisfação no trabalho. Segundo este autor, não estariam aptas, portanto, pessoas com problemas pessoais e familiares não resolvidos ou com qualquer característica patológica (as personalidades esquizóides, por exemplo, com dificuldade de integração ou as paranóicas ou depressivas). No caso dos adolescentes, a contrariedade de um dos pais para que participe do intercâmbio, relacionamentos amorosos não resolvidos, dificuldades na escolha profissional ou no relacionamento com amigos ou familiares.

Para Balint (1959) existem duas classes de pessoas de acordo com seu potencial para viver fora do país: 1) os ocnófilos, pessoas extremamente vinculadas aos seus relacionamentos, lugares, objetos, que necessitam estar sempre perto das coisas conhecidas; e, 2) os filobatas, que tendem a evitar todo o tipo de vínculo, tendem a uma vida independente e buscam prazer na aventura e no desconhecido, desprendendo-se das pessoas e do local com facilidade sem remorsos ou desconforto. De acordo com este autor, os primeiros estariam mais suscetíveis a não deixarem seu país de origem, pois não tolerariam todas as perdas relacionadas com a separação. O segundo grupo, por sua vez, estaria mais predisposto a participar de um intercâmbio cultural.

¹¹ O autor não explicita o que ele entende por estabilidade familiar.

Quanto ao retorno prematuro, alguns autores apontam questões que podem ser elucidativas. Winnicot (1958) por exemplo, cita a capacidade de estar sozinho, como um ingrediente importante na maturidade, considerando que o sentimento de solidão tende a acompanhar quem emigra, num momento ou outro durante o intercâmbio. Grinberg e Grinberg (1963) mencionam que a possibilidade de desenvolver um sentimento de pertença aparecerá como requisito indispensável para a integração ao novo país, assim como para manter um sentimento de identidade e também o nível de "conflito de ambivalência", vivido pelo sujeito que emigra, pois será um sentimento presente por bastante tempo, senão para sempre. Muitas vezes a angústia da perda e da separação poderão ser insuportáveis, e as fantasias regressivas estimularão tais conflitos. Outro fator que poderá influenciar o retorno prematuro, poderá ser a forma pela qual se vive a elaboração durante o desenvolvimento da emigração pois, para Grinberg e Grinberg (1963) "*o processo de elaboração é uma resultante dinâmica de um movimento dialético entre regressão e progressão*" (p.131). Para a autora, esta elaboração será constante e dinâmica na vida de um intercambista. Enquanto poderá viver uma "*pseudo-adaptação*" (Sebben, 1994) recorrendo às suas defesas maníacas, ou quando caírem por terra tais defesas ele poderá entrar em contato real com a atualidade: "Não basta saber que é um emigrante, há que sentir-se um emigrante", com suas múltiplas implicações.

Enfim, há também o que Grinberg e Grinberg (1990) chamaram de *depressione rinviata* ou depressão tardia: quando se exaurem as defesas maníacas utilizadas no início do intercâmbio (que podem durar dias ou semanas) o adolescente começa a manifestar enfermidades físicas ou psíquicas. Esta depressão costuma aparecer um bom tempo após a chegada no país, pois tais conflitos estavam reprimidos por questões burocráticas (como a espera da família hospedeira, a busca de vistos e seguros de saúde, despedida com os

amigos) e, por isso, possíveis de se manifestarem tardiamente. A maior ou menor gravidade dos distúrbios de quem parte dependerá de suas condições de migração: sozinho, em grupo, com amigos, com a família ou namorado/a. Mesmo assim, todo o contexto será influente no momento do retorno ou da permanência definitiva.

A dificuldade do retorno

Até aqui viu-se a importância da emigração na reorganização da identidade do sujeito no novo contexto, assim como a importância de alguns fatores para o sucesso ou insucesso de sua experiência migratória, para decisão de retorno ao país de origem. A experiência migratória mobiliza sentimentos muito fortes, podendo ativar “*ansias profundamente infantis de exclusão, marginalização, separação, fragmentação e dar possibilidade de partes psicóticas da personalidade se manifestarem*” (Klein, 1962, p.40). Surgirão ansiedades persecutórias frente às mudanças, ao novo e ao desconhecido, sentimentos depressivos que resultarão em luto pelos objetos abandonados e perdidos, e também pela parte perdida de si mesmo, além de ansiedades confusionais, pela incapacidade de discriminar entre o “velho” e o “novo” mundo (Grinberg e Grinberg, 1990). Estes sentimentos, acrescentados aos mecanismos de defesa e aos sintomas que podem provocar, são parte do que Grinberg e Grinberg (1990) chamam de *Psicopatologia da Emigração*. Pergunta-se então: qual é o limite tolerável de mudança para que a identidade não sofra danos irreparáveis? As fantasias de retorno parecem responder a esta pergunta.

A consciência do intercambista em saber que pode retornar sempre que quiser poderá aliviar estas ansiedades, eliminando a fantasia de que se está em um “beco sem saída”. Dessa forma, o adolescente poderá viver sua experiência com mais tranquilidade, ao passo que também terá um caminho que poderá ser repleto de dúvidas e ambivalências.

Mediante qualquer contrariedade ou frustração optará por voltar. Será, neste momento, também que, por mais que se encontre bem, perceberá que sua integração tem um limite e que não será jamais "um deles", um nativo. Descobrirá que pode compartilhar muitas coisas com as pessoas que o circundam, mas não tudo. Neste momento poderão surgir as "*fantasias de retorno*" (Grinberg e Grinberg, 1990) em busca das raízes perdidas. Para estes autores, tais fantasias estão presente em todas as emigrações e podem ter várias facetas: transformar-se em projetos postergados, mas que no momento servirão como fonte de prazer e compensação para o sentimento de não pertencer sempre presente, concretizar-se em viagens de férias ou como um retorno propriamente dito. Outro sentimento presente e que pode vir a corroborar o desejo de retorno ao país de origem é a culpa. Culpa por ter abandonado e de se sentir assim ao mesmo tempo (Sebben, 1994; 1999). Tal sentimento gera a necessidade inconsciente de verificar que tudo o que deixou para trás continua efetivamente no mesmo lugar.

O tempo pode ser também determinante para o retorno. Para o imigrante, é como se houvesse um "*tempo extraterrestre*" (Sebben, 1994) onde de sua partida ao seu retorno ao país de origem se convertesse em uma lembrança "congelada", um parêntesis em meio a uma frase. Para os que ficaram, o tempo parece ter passado muito depressa e de forma mais marcante e, então, ambos experimentam o passar do tempo de forma diferentes.

As fantasias inconscientes partem de ambos os lados: quem fica parece cultivar uma hostilidade gerada pelo abandono e quem parte necessita regressar numa tentativa reparadora. Em geral, ninguém permanece igual - nem quem partiu, nem quem ficou. Nasce, nesse momento, a "*ferida do retorno*" (Grinberg e Grinberg, 1990, p. 179) pois a migração de retorno é, em alguns casos, mais dolorosa de elaboração do que a emigração primitiva, com vulnerabilidade pessoal de quem retorna e daqueles que o estavam esperando. Todas

esses sentimentos são incontestáveis para o emigrante, ainda que busque negá-los. Nenhum retorno é um simples retorno. Trata-se de uma nova migração, com todas as relativas perdas, medos e esperanças.

Aculturação

A definição clássica de aculturação foi construída por Redfield, Linton e Herskovits, em 1936: “a aculturação compreende aqueles fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos tendo diferentes culturas têm contato contínuo e direto pela primeira vez com mudanças subseqüentes nos modelos da cultura original de um ou dos dois grupos” (apud Berry, 1990). Em princípio, a aculturação é um termo neutro, isto é, a mudança pode acontecer em um ou nos dois grupos envolvidos. Na prática, a aculturação tende a induzir mudanças num dos grupos somente, geralmente o minoritário, conhecido como “grupo aculturado” (Berry, 1990). As últimas discussões à respeito têm enfatizado a assimilação não como único tipo de aculturação, mas também podendo ser reativa (engatilhando resistência para mudar em ambos os grupos) criativa (estimulando novas formas culturais não encontradas em nenhuma das culturas em contato) e atrasada (mudanças iniciais que aparecem anos mais tarde).

Há uma distinção feita por Graves (1967) entre *aculturação* (como um fenômeno coletivo e em nível de grupo) e *aculturação psicológica*. Na primeira, há uma mudança na cultura do grupo e, na segunda, uma mudança na psicologia do indivíduo. Esta distinção entre níveis é importante por duas razões: primeiro, por permitir o exame da relação sistemática entre dois conjuntos de variáveis e, segundo, porque nem todos os indivíduos participam na mesma extensão da aculturação em geral experimentada por seu grupo (Berry, 1970; Furnham e Bochner, 1986).

Enquanto as mudanças gerais podem ser profundas no grupo, com os indivíduos essas mudanças são conhecidas por variarem amplamente, dependendo do grau no qual participam das mudanças comunitárias. O conceito de aculturação foi amplamente utilizado na Psicologia Intercultural e foi criticado devido ao desgaste do sentido original do conceito, de maneira que tornou-se sinônimo de assimilação (Vasquez, 1984). Uma conceitualização paralela foi desenvolvida principalmente pela escola francesa: “*interculturalization*” (Camilleri, 1998; Clanet, 1990). Este conceito foi definido como um conjunto de processos pelos quais indivíduos e grupos interagem quando se identificam como culturalmente distintos (Clanet, 1990). Existem similaridades evidentes entre aculturação e interculturalização e, freqüentemente, é difícil, na prática, distinguir as conclusões obtidas a partir dos dois conceitos. Uma característica que os distingue, entretanto, é um interesse na formação de uma nova cultura na abordagem intercultural mais do que na abordagem da aculturação. Dadas essas amplas similitudes, neste trabalho optou-se por empregar o termo aculturação para se referir a processos genéricos e resultados culturais e psicológicos do contato intercultural.

Aculturação psicológica

Anteriormente pensava-se que a aculturação inevitavelmente levava a problemas sociais e psicológicos (Malzberg e Lee, 1996). Atualmente, entretanto, não é mais possível generalizar de uma maneira tão negativa assim, pois os resultados sociais e psicológicos são agora conhecidos como altamente variáveis (Murphy, 1965; Berry et alii, 1988; Jayasuriya, Sang e Fielding, 1992). Três pontos de vista principais podem ser identificados na pesquisa de aculturação, cada um sugerindo um nível diferente de dificuldade para os indivíduos. O primeiro é aquele que considera as mudanças psicológicas como sendo as mais fáceis de conquistar. Esta abordagem foi referenciada como mudanças comportamentais por Berry e

Kalin (1995) aprendizado cultural (Collen e Arzu, 1999) e aquisição de habilidades sociais por ??? (1986). Aqui, a adaptação psicológica à aculturação é considerada como sendo um aprendizado de um novo repertório comportamental apropriado ao novo contexto social e cultural. Isso também requer algum desprendimento cultural que, de acordo com Berry (1992) seria “desaprender” o repertório prévio que não é mais apropriado. Este desprendimento pode ser acompanhado de alguns conflitos culturais moderados (quando comportamentos incompatíveis levam a dificuldades para o indivíduo).

Um segundo ponto de vista diz respeito ao tão popular e comentado choque cultural (Oberg, 1960) que se refere a sérios conflitos oriundos justamente da dificuldade de mudar este repertório prévio. O conceito de choque cultural é antigo e tem aceitação popular mais ampla, porém Berry (1997) prefere utilizar outra denominação: o conceito de stress aculturativo (Berry, 1970; Berry, Kim, Mínde e Mok, 1987). Para Berry, este conceito é mais apropriado por três razões: primeira, pelo fato de estar relacionado com os modelos de stress psicológico (Lazarus e Folkman, 1984) como uma resposta ao ambiente estressor, no qual se dá a experiência de aculturação e, também, por ter um certo fundamento teórico quando se refere a stress. A segunda é que “choque” sugere a presença de uma experiência negativa resultante obrigatoriamente do contato intercultural, reportando ao antigo conceito de “*shell shock*” como uma neurose de guerra. Posteriormente, outras reflexões são levantadas a respeito do conceito de choque cultural. Entretanto, durante a aculturação somente algumas dificuldades moderadas são usualmente experienciadas como problemas psicossomáticos, uma vez que outros processos psicológicos (como problemas de estima e estratégias de enfrentamento) são geralmente disponíveis na aculturação individual (Vega e Rumbaut, 1991). A terceira razão desta preferência pelo conceito de stress aculturativo ao

invés de choque cultural é que a fonte desses problemas não é cultural, mas intercultural, residindo no processo de aculturação.

Quando dificuldades maiores são experimentadas, uma perspectiva psicopatológica ou de distúrbio mental é mais apropriada (Malzberg e Lee, 1996; Murphy, 1965; WHO, 1991). Tratam-se aqui de mudanças no contexto cultural que excedem a capacidade do indivíduo por causa da magnitude, velocidade ou algum outro aspecto de mudança, aprendizagem ou de sérios problemas psicológicos como depressão clínica ou ansiedade capacitacional (Berry et alli, 1988; Jayasuriya et alli, 1992).

Adaptação

No sentido mais amplo, a adaptação se refere a mudanças que acontecem em indivíduos ou grupos em respostas às demandas ambientais (Berry e Sam, 1996). Essas adaptações podem ocorrer imediatamente ou a longo prazo. Mudanças de curto prazo durante a aculturação podem ser negativas e freqüentemente difíceis para o indivíduo. Não obstante, a maior parte dos indivíduos aculturados, depois de um período de tempo, experimentam uma adaptação positiva ao novo contexto cultural (Beiser, 1988). Dependendo da variedade de fatores, essas adaptações podem tomar diferentes formas. Às vezes existe uma adaptação positiva, esperada, entre o indivíduo aculturado e o novo contexto (quando a estratégia de assimilação e integração são perseguidas e quando atitudes na sociedade dominante são aceitas pelo grupo ou pelo indivíduo aculturado). Por vezes, entretanto, a adaptação não chega a acontecer, como nos casos de segregação, separação ou marginalização, e os grupos colocam-se em conflito cujo resultado poder ser o stress aculturativo ou a psicopatologia.

Na literatura recente sobre adaptação psicológica à aculturação, uma distinção foi levantada entre adaptação psicológica e adaptação sócio-cultural (Searle e Ward, 1990). A primeira, refere-se à adaptação psicológica como um conjunto de resultados psicológicos internos incluindo um senso claro de identidade pessoal e cultural, boa saúde mental e o encontro da satisfação pessoal no novo contexto cultural. A segunda, a adaptação sócio-cultural, como resultado psicológico externo que liga indivíduos aos seus novos contextos incluindo as habilidades para lidar com problemas diários, particularmente na área da vida familiar, trabalho e escola. Embora essas novas formas de adaptação sejam usualmente relacionadas, existem empiricamente duas razões para mantê-las conceitualmente distintas: primeira, os fatores que predizem esse tipo de adaptação são freqüentemente diferentes (Ward, 1997); segunda, a adaptação psicológica pode ser melhor analisada dentro do contexto de stress e psicopatologia. Já a adaptação sócio-cultural é mais intimamente relacionada à estrutura de habilidades sociais (Ward e Kennedy, 1992). Um terceiro resultado adaptativo foi recentemente introduzido: adaptação econômica (Aycane Berry, 1996). Esta se refere ao grau de facilidade pelo qual o trabalho é encontrado, a satisfação laboral e o auxílio para as relações na nova cultura advindos deste trabalho.

Estrutura de aculturação

A literatura complexa sobre aculturação tem sido argumento de numerosas estruturas conceituais (Berry, 1974; Williams e Berry, 1991; Rogler, 1994; Ward, 1997). Estas sistematizaram o processo de aculturação e ilustraram os principais fatores que afetam a adaptação do indivíduo. Na Figura 2, abaixo, Berry (1992) apresenta uma dessas estruturas, amplamente divulgada na área da Psicologia Intercultural.

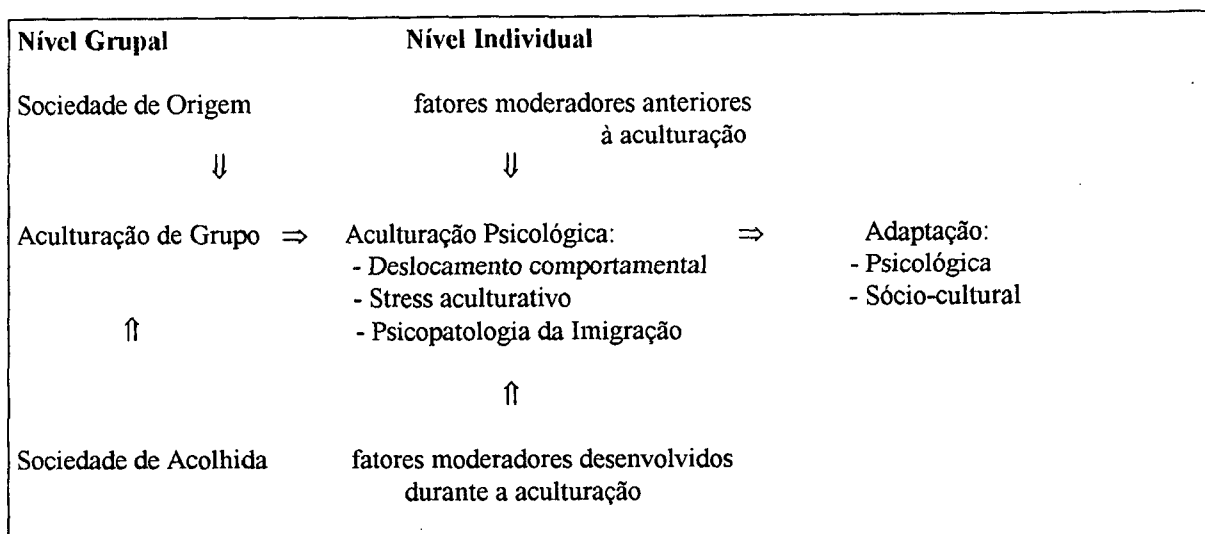


Figura 2. Estrutura de Aculturação (Berry, 1992)

Na esquerda da estrutura estão grupos ou fenômenos de grupo ou de nível cultural que são principalmente variáveis situacionais, enquanto que, na direita, estão fenômenos individuais ou psicológicos que são eminentemente variáveis pessoais. Acima da estrutura, estão aspectos que existem antes da aculturação começar, enquanto que, na parte inferior, estão as variáveis que advêm do processo de aculturação. Na parte central da estrutura, estão os fenômenos principais e o fenômeno de adaptação psicológica. Esses fluem da esquerda para a direita, começando com um grupo cultural em contato, trazendo mudanças em muitas das suas características coletivas (por exemplo, política econômica e estrutura social) e, portanto, afetando o indivíduo que está experimentando a aculturação - resultado de um número de experiências psicológicas possíveis e mudanças que, finalmente, levam à adaptação da pessoa. Esta estrutura pretende combinar ambas características estruturais e processuais. A porção central vai da aculturação do grupo através da aculturação individual para a adaptação e é, claramente, um processo que acontece ao longo do tempo. Fatores no nível superior e inferior influenciam esse processo dada a ampla estrutura na qual a aculturação acontece. Revisões contemporâneas na literatura (Berry e Sam, 1996; Ward, 1997) mostram que esse fluxo central pode ser altamente variável. A natureza da

aculturação psicológica da pessoa e sua eventual adaptação depende de características específicas dos fatores grupais (na esquerda) e de uma moderada influência dos fatores individuais que existem anteriormente ou surgem durante a aculturação.

O ponto principal da estrutura é mostrar as variáveis-chaves que devem ser observadas quando se fazem estudos de aculturação psicológica. É sabido que qualquer estudo que ignore essas classes amplas de variáveis pode ser incompleto e incapaz de compreender os indivíduos que estão experimentando a aculturação. Por exemplo, as pesquisas que não dão atenção às características culturais e psicológicas (caracterizando, por exemplo, os vietnamitas e somalis e outras minorias de imigrantes) não podem esperar que se entenda a sua adaptação ou aculturação. Semelhante a isso, as pesquisas que ignoram os conceitos-chaves da sociedade dominante como demografia, políticas migratórias e atitudes em relação aos imigrantes também são incompletas.

O conceito de aculturação desenvolvido por Berry et alii (1988) é uma das respostas mais encontradas e utilizadas por vários autores para esclarecer as diferentes formas de comportamento que podem ser adotadas frente a uma situação intercultural. Ele observa esses comportamentos que são tomados frente ao próprio referencial cultural e o da cultura hospedeira, e, a partir daí, como o sujeito se coloca.

A Figura 3, abaixo, ilustra como a aculturação, comumente considerada como algo prejudicial que implicava na aceitação da cultura hospedeira em detrimento dos valores culturais pessoais, começa a ser vista como um processo dinâmico que pode redundar tanto em atitudes extremamente positivas (como a integração) ou negativas (como a marginalização). A aculturação para estes autores é, portanto, um processo dinâmico que pode ser vivenciado de quatro maneiras diferentes:

<i>Experimento de forma positiva os aspectos da cultura hospedeira?</i>			
		não	sim
<i>Preservo</i>			
<i>meu</i>	sim	SEPARAÇÃO	INTEGRAÇÃO
<i>legado</i>			
<i>cultural</i>			
<i>como algo</i>	não	MARGINALIZAÇÃO	ASSIMILAÇÃO
<i>positivo?</i>			

Figura 3 . Estratégias de Aculturação de Berry et alli (1988)

Separação: quando aspectos de sua cultura são preservados sem a introjeção dos aspectos da cultura autóctona, havendo, portanto, um sentimento de marginalização social, produzindo fenômenos como a guetização (Berry, 1992);

Marginalização: quando o sujeito nega aspectos de sua cultura (por não se sentir aceito como tal) e da cultura local (porque tampouco consegue substituir ou compensar sua própria realidade cultural) havendo um prejuízo sério em sua identidade e auto-estima, revelando o que Laplatine (1994) chama de *desculturação psicótica*;

Assimilação: quando aspectos da cultura hospedeira são assimilados pelo sujeito e parte de seu legado cultural é deixado de lado. Alguns autores dão como sinônimo a própria palavra aculturação e outros, surpreendentemente, equivalem ao *conceito de americanização*

(Fowler e Mumford, 1995) no qual existe a introjeção de aspectos da cultura hospedeira, mas inclui, também, a preservação dos aspectos de sua própria cultura;

Integração: quando aspectos de sua cultura são preservados e valorizados, havendo, inclusive, uma comunhão com a cultura local, e esta, por sua vez, também é introjetada e valorizada pelo estrangeiro, possibilitando uma integração saudável e enriquecedora, o que Sebben (1999) define como *perspectiva intercultural* no processo de aculturação.

Método

Sujeitos

Os sujeitos dessa pesquisa foram 138 pessoas, sendo 97 adolescentes e 41 pais.

Características dos adolescentes intercambistas

Situam-se na faixa etária compreendida entre 15 e 18 anos (conforme exigência da maior parte dos programas) e são oriundos, principalmente, dos Estados do Rio Grande do Sul e São Paulo. De ambos os sexos, pertencem às camadas sociais média-alta e alta, e têm em comum o fato de participarem de intercâmbio cultural no programa *high school* (ensino médio no exterior). Este programa é oferecido em diversos países, entre os quais: Estados Unidos da América, Austrália, Nova Zelândia, Inglaterra, França, Áustria, Espanha.

Como se pode constatar através da Tabela 6, abaixo, houve uma diminuição do número de sujeitos no decorrer da pesquisa. O grupo inicial, na realidade, não se manteve o mesmo nas diferentes etapas:

Tabela 6

Distribuição dos intercambistas por cada etapa da pesquisa

Etapas	f
1. Q1.I (pré-embarque)	29
2. Q2.I (1º ao 4º mês de estadia)	38
3. Q3.I (5º ao 10º mês de estadia)	17
4. Q4.I (retorno ao Brasil)	13
Total de participantes	97

Houve uma dificuldade bastante grande de reunir o mesmo grupo durante todo o ano de intercâmbio. Algumas razões podem ser apontadas: a) o período de embarque coincide com as férias (janeiro/julho de cada ano) e, após o Treinamento Intercultural, perde-se o contato com os adolescentes; b) após embarcarem nem todos têm acesso à

internet; c) alguns podem ter acesso na escola por período determinado e, então, acabam racionando o tempo de uso do computador; d) existem aqueles que trocam de família e acabam perdendo acesso à internet, do mesmo modo pode acontecer com a troca de escola ou até de cidade; e) finalmente, há adolescentes que respondem ao primeiro questionário e depois não voltam mais a fazê-lo.

Quanto ao gênero, encontramos uma distribuição diferenciada entre meninos e meninas, com uma predominância do sexo feminino ao longo da pesquisa, mantendo permanência ao responder os questionários, conforme indica a Tabela 7. As meninas, claramente, tiveram um comprometimento maior com a pesquisa, oferecendo respostas mais longas e elaboradas, enquanto os meninos mostraram-se mais econômicos e objetivos em suas respostas e na sua participação também.

Tabela 7
Distribuição dos intercambistas por sexo

Etapas	Masculino/Feminino f		Masculino / Feminino %	
Q1.I	17	12	58	42
Q2.I	23	15	60.5	40.05
Q3.I	05	12	29	71
Q4.I	05	08	38	62
Total	50	47	-	-

Quanto à faixa etária, a distribuição obedece às exigências da grande maioria dos programas de *high school*: ter idade entre 15 e 18 anos incompletos, e terceira série do ensino médio incompleta, salvo raras exceções. Por essa razão, a faixa etária dos 18 anos encontrada entre os sujeitos, diz respeito àqueles que já retornaram ao Brasil, com exceção de dois sujeitos que ingressaram em programas especiais de Austrália e Nova Zelândia que permitiam que o participante tivesse já 18 anos completos e ensino médio concluído. As idades aparecem distribuídas na Tabela 8 através da frequência dos sujeitos.

Tabela 8
Distribuição da faixa etária dos intercambistas

Idade	f	%
15	05	05
16	40	41
17	38	39
18	14	14
Total	97	100

Quanto à origem, a distribuição nos grupos também foi diferenciada, com predominância de adolescentes do Estado de São Paulo, com 56% de sujeitos.

Tabela 9
Distribuição dos intercambistas por estado brasileiro de origem

Etapas	RS		SP	
	f	%	f	%
Q1.I	11	38	18	62
Q2.I	16	42	22	58
Q3.I	13	76	04	24
Q4.I	03	23	10	77
Total	43	44	54	56

Entre os países escolhidos para fazer *high school*, encontramos os Estados Unidos da América, em primeiro lugar, com 70 intercambistas, 11 na Nova Zelândia, nove na Austrália, quatro em países da Europa (França, Inglaterra, Holanda e Itália) e, três, em países de outros continentes (Índia, África do Sul e Japão) conforme aparece na Tabela 10.

Tabela 10
Frequência de sujeitos com suas respectivas escolhas por países hospedeiros

Etapas	USA	Nova Zelândia	Austrália	Países Europa	Outros
Q1.I	17	08	04	0	0
Q2.I	32	01	03	0	02
Q3.I	15	02	0	0	0
Q4.I	06	00	02	04	01
Total	70	11	09	04	03

Evidentemente, entre os países eleitos como a preferência dos adolescentes está os Estados Unidos da América, seguido da Nova Zelândia e da Austrália. Tal achado era previsto, considerando a tradição deste país na área dos intercâmbios culturais, sobretudo

nos programas *high school* (Helena, 1997; Lima, 1994; Luz, 1997; Teles, 1998; Verdú, 1996). Entretanto, de dois ou três anos para cá, Austrália e Nova Zelândia também estão começando a atrair novos interessados. Outro dado que cabe informar é o fato que países como Austrália e Nova Zelândia possuem uma política migratória multiculturalista (Payn, 1998) ou, ao menos, têm a intenção de fazê-lo. Ao passo que, nos Estados Unidos, identifica-se ainda uma política migratória com tendência assimilacionista. Como resultado, encontra-se um maior número de intercambistas satisfeitos com seus hospedeiros e com a acolhida local de australianos e “*kiwis*” do que com seus hospedeiros norte-americanos.

Quanto ao tempo de permanência no país escolhido por estes grupos pesquisados, encontrou-se uma preferência pelos programas de dez meses. Tal dado, porém, não necessariamente é representativo, no sentido de que alguns adolescentes optam pelo programa de menor tempo na intenção de posteriormente prolongá-lo caso a adaptação almejada seja conseguida por eles. Muitos optam por seis meses e acabam permanecendo nos programas de dez meses. Outra questão também que deve ser mencionada ao se analisar este número, é que essas amostras foram colhidas nos respectivos meses de janeiro/99 e julho/99, sendo que nos embarques de julho o número de intercambistas é maior e a escolha predominante desta época é para dez meses de permanência. Talvez esta variável tenha afetado este resultado. A razão pela qual a escolha predominante dos embarques das temporadas de julho são para dez meses, é porque esta é a época do início do ano letivo nos países hospedeiros, sendo que nas temporadas de embarques de janeiro (onde a venda de programas cai em quase 60%, conforme experiência da autora) o intercambista estará entrando para o segundo semestre do ano letivo. Outras razões, de conhecimento empírico, dizem respeito ao fato dos adolescentes não gostarem da idéia de desistirem das férias de verão no Brasil, de passarem natal ou ano-novo longe dos pais e

amigos e de haver uma diferença de preço irrisória entre os programas de seis ou 10 meses. A Tabela 11 mostra a distribuição dos intercambistas segundo o tempo de permanência no país hospedeiro.

Tabela 11
Distribuição de intercambistas no exterior segundo o tempo de permanência do programa

Etapas	10 meses		6 meses	
	f	%	f	%
Q1I	06	21	23	79
Q2I	29	76	09	24
Q3I	13	76	04	24
Q4I	03	23	10	77
Total	51	53	46	47

Características dos pais dos intercambistas

Além destes 97 adolescentes, também fizeram parte da pesquisa outros 41 sujeitos, entre pais e mães, que foram contatados na etapa pré-embarque. Oriundos das camadas sociais média alta e alta, são provenientes dos Estados do Rio Grande do Sul e São Paulo, encontram-se na faixa etária entre os 38 e 61 anos, ambos os sexos, e exercem as mais variadas profissões, conforme aparecem nas Tabelas 12, 13, 14 e 15.

Tabela 12
Faixa etária dos pais dos intercambistas

Idade	f	%
38-45	25	61
46-50	12	29
51-55	02	05
56-61	02	05
Total	41	100

Identifica-se, na Tabela 12, uma predominância de pais na faixa etária compreendida entre 38 e 45 anos, o que é compreensível dada a idade de seus filhos.

Tabela 13
Distribuição dos pais dos intercambistas por sexo

Sexo	f	%
Masculino	17	42
Feminino	24	58
Total	41	100

Conforme a Tabela 13 permite identificar, houve uma predominância de participação do sexo feminino.

Tabela 14
Distribuição dos pais dos intercambistas segundo o estado brasileiro de origem

Estado	f	%
São Paulo	28	68
Rio Grande do Sul	13	32
Total	41	100

Estes pais, em sua maioria, são oriundos do estado de São Paulo, conforme demonstra a Tabela 14.

A Tabela 15, por sua vez, permite visualizar a distribuição destes pais segundo as profissões que exercem. A profissão destes pais é, na sua maioria, o magistério (19 professores em todos os graus de instrução) seguidos de engenheiros (10) administradores (4) médicos (3) comerciantes (2) psicólogos (1) dentistas (1) e advogados (1). É interessante observar que são profissões que, em grande parte, requerem o nível superior de escolaridade. Destacam-se aqui, também, os profissionais que trabalham na área da educação e os profissionais liberais. Estes aspectos, associados ao poder aquisitivo destes sujeitos, parecem estar relacionados aos interesses culturais, como viajar, estudar, empenhar-se na profissão e ao desenvolvimento pessoal, o que pode conjugar em motivos para ofertarem a oportunidade a seus filhos de desenvolverem um programa de intercâmbio em país estrangeiro.

Tabela 15
Profissão dos pais dos intercambistas

Profissão	F	%
Professor	19	46,34
Engenheiro	10	24,39
Administrador	04	09,76
Médico	03	07,32
Comerciante	02	04,88
Psicólogo	01	02,44
Dentista	01	02,44
Advogado	01	02,44
Total	41	100

Acesso aos sujeitos

A escolha dos adolescentes deu-se através de uma reunião preparatória pré-embarque (Treinamento Intercultural) bem como através de empresas e amigos que passavam e-mail dos intercambistas para que pudessem ser contatados no exterior. Assim, tivemos um número dentro de cada amostra que esteve presente ao Treinamento Intercultural, e um número que não esteve presente (ver Tabela 16), pois foi contatado posteriormente ao embarque, por essas indicações de empresas ou amigos. Dessa maneira, convém ressaltar essa diferença, de 70 sujeitos que participaram do Treinamento Intercultural e, portanto, conheciam a autora da pesquisa e de 27 sujeitos que não participaram do Treinamento Intercultural, conhecendo a autora apenas via internet na distribuição dos questionários. A Tabela 16 mostra esta distribuição.

Tabela 16

Intercambistas que receberam/não receberam Treinamento Intercultural

Etapas	Com Treinamento		Sem Treinamento		Total
	f	%	f	%	
Q1.I	29	100	0	0	29
Q2.I	15	39	23	61	38
Q3.I	13	76	04	24	17
Q4.I	13	100	0	0	13
Total	70	72	27	28	97

Já a escolha dos pais dos intercambistas deu-se exclusivamente na ocasião do Treinamento Intercultural. O treinamento deu-se aproximadamente 30 dias antes do embarque, nas atividades que incluíram pais e filhos, nas dependências de hotéis na região de São Paulo e Porto Alegre (conforme pode ser visto na Figura 1, p.27).

A investigação foi realizada em cinco diferentes etapas que propunham acompanhar os intercambistas durante todo o processo de intercâmbio. Infelizmente não foi possível acompanhar o mesmo grupo durante estas etapas. Assim, diferentes amostras foram coletadas para representá-las. O número de participantes em cada amostra foi respectivamente 41 sujeitos na etapa pré-embarque e pré-treinamento representando o grupo de pais (Q1.P); 29 intercambistas na etapa pré-embarque e pré-Treinamento (Q1.I); 38 intercambistas na etapa pós-embarque compreendida entre o 1º e o 4º mês de estadia (Q2.I); 17 intercambistas na etapa compreendida entre o 5º e o 10º mês de estadia (Q3.I); e, finalmente, 13 intercambistas na última etapa do programa, compreendida aqui como o retorno ao Brasil (Q4.I). Todos estes últimos que foram abordados no retorno estavam presentes durante toda a pesquisa, ou seja, nos quatro grupos que compuseram o universo de adolescentes investigados.

Cabe mencionar porque a distribuição destes questionários e a reunião de um grupo homogêneo foi bastante difícil. As empresas que já trabalham com o Treinamento Intercultural, cerca de dez até o presente momento, não se opuseram a permitir que a

própria autora da pesquisa distribuisse o material, até por conhecê-la pessoalmente e conhecer o trabalho realizado. No entanto, nenhuma delas pôde realmente ocupar-se da distribuição dos questionários, limitando-se a passar e-mails aleatórios, sempre que havia a oportunidade. Por essa razão, a fim de operacionalizar e agilizar a distribuição destes questionários, uma proposta foi encaminhada para a associação BELTA, que representa as 18 maiores empresas de intercâmbio do país, a qual não deu o devido encaminhamento ao material, acabando por perdê-lo. Foi enviado à Associação cópia do projeto de pesquisa, bem como cópia dos questionários, juntamente com uma carta de apresentação do Departamento de Pós-Graduação de Psicologia (UFSC) assinada pela Orientadora. Ao todo, a autora conseguiu distribuir pessoalmente 169 questionários diretamente a pais e intercambistas com um retorno de 138, conforme aparece na Tabela 17. A intenção era de reunir até 500 questionários caso houvesse o auxílio da Associação, visto que de acordo com números fornecidos por ela, no ano de 2000, cerca de 80.000 brasileiros estiveram participando de programas de intercâmbio cultural.

Tabela 17

Distribuição e retorno dos questionários aos sujeitos da pesquisa

Etapas	Distribuição		Retorno	
	f	%	f	%
Q1.P	50	30	41	82
Q1.I	29	16	29	100
Q2.I	50	30	38	76
Q3.I	20	12	17	85
Q4.I	20	12	13	65
Total	169	100	138	82

Ao contatar com as empresas que não possuem Treinamento Intercultural e averiguar a possibilidade de passar os questionários adiante, estes foram claramente vetados por diversas delas. Uma hipótese que pode ser levantada sobre esta questão é a de que investigar a qualidade dos programas e a qualificação desses intercambistas colocaria em

risco a imagem das empresas. Entende-se aí que há uma resistência por parte dos empresários de investigar os reais sentimentos dos estudantes durante o programa de intercâmbio e seus possíveis resultados. Outra hipótese é a de que não há interesse que pesquisas deste tipo sejam desenvolvidas, pois durante anos adolescentes brasileiros foram enviados ao exterior sem a mínima preocupação com a qualidade de venda, mas sim, com a quantidade.

Dessa maneira, a reunião desses sujeitos foi resultado de um esforço individual onde, contatando empresa por empresa, conseguiu-se estes números.

Instrumentos / Procedimentos

Quanto aos instrumentos, foram utilizados questionários com questões fechadas e semi-abertas, em diferentes etapas do intercâmbio, com os intercambistas e seus familiares.

A começar pelos intercambistas nas seguintes etapas:

1º questionário (Q1.I): foi entregue pessoalmente aos intercambistas minutos antes de iniciar a reunião de Treinamento Intercultural, sendo que uma questão foi aplicada ao final da reunião. Todos os 29 questionários foram devolvidos aproximadamente 10 minutos depois. A instrução dada foi escrita no cabeçalho e lida junto com o grupo: *“Você está participando de uma pesquisa sobre o processo de intercâmbio cultural entre adolescentes brasileiros que vão para o exterior. Por favor, responda o mais sinceramente de modo que suas respostas possam ser analisadas. Não é necessário colocar nome. Obrigada.”*

Q1.I
Questionário Pré-Embarque Intercambistas
Idade: _____ Sexo: _____ Cidade: _____

Pais hospedeiro: ()USA ()Nova Zelândia ()Austrália ()Países da Europa Outros?
Tempo de permanência? () 10 meses () 6 meses
Como vai ser seu intercâmbio cultural? Cite 4 aspectos positivos e 4 aspectos negativos da experiência:
Para seus pais, como está sendo sua participação num intercâmbio?
Quais são SEUS SENTIMENTOS NESSE MOMENTO sobre participar de um intercâmbio cultural?
() alegria () euforia () perseverança () esperança () ingenuidade () orgulho
() medo () culpa () obrigação () heroísmo () solidão () insegurança () saudade
() autoconfiança () desapego () ansiedade () despreparo () curiosidade
() vontade de desistir () Outros? _____
Você se sente preparado para este intercâmbio? () Sim () Não. Por que?

Figura 4. Questionário aplicado nos adolescentes na etapa pré-embarque

A questão que foi respondida ao final da reunião é a seguinte: “Tendo em vista a questão respondida anteriormente, sobre sentir-se preparado, após o Treinamento, sua opinião continua a mesma ou se modificou? Por quê?” Ainda que esta pesquisa não tivesse como objetivo investigar a eficácia do Treinamento realizado por esta autora, decidiu-se incluir nos questionários uma última pergunta que pudesse dar visibilidade à percepção subjetiva que os sujeitos investigados construíram a respeito do mesmo. Nesse sentido, buscou-se apreender se, na concepção destes sujeitos, o Treinamento Intercultural pôde ser um possível aspecto que auxiliasse na integração, enquanto estratégia de aculturação. Faz-se importante destacar, ainda, que não se trata de uma avaliação prevista segundo os padrões de rigor e fidedignidade que uma pesquisa exigiria. Trata-se apenas de uma consulta ao sujeitos para que eles próprios pudessem posicionar-se à respeito da experiência vivida por eles, ou seja, são apenas depoimentos.

2º questionário (Q2.1): foi aplicado entre o 1º e o 4º mês de estadia no país hospedeiro. Este questionário foi enviado por e-mail para aproximadamente 50 sujeitos diretamente, havendo um retorno de 38. Da mesma forma, foram enviados para 12 empresas de intercâmbio modelos para que fizessem a distribuição para os jovens, mas não houve retorno por parte delas.

O texto de abordagem, onde era solicitada a participação do intercambista na pesquisa, bem como se prestava esclarecimentos e se fornecia as instruções, era o seguinte:

“Querido Intercambista! Meu nome é Andréa Sebben e venho trabalhando com a preparação de intercambistas que vão para o programa high school, sei que alguns me conhecem e outros não. Também escrevi um livro, ‘Intercâmbio Cultural’, que talvez alguns de vocês já leram. Pois bem, nesse momento estou iniciando uma pesquisa para que novos conhecimentos possam auxiliar na adaptação dos adolescentes durante o programa. Se você puder ajudar será de grande valia sua colaboração. Não é preciso colocar nome, sendo que todas as respostas serão absolutamente confidenciais - valendo somente como dados para pesquisa. Quanto mais sinceras e completas forem suas respostas, tanto melhor. Se quiser participar, entrará no cadastro de sujeitos e dentro de 4 meses receberá o próximo questionário. Dessa maneira poderei acompanhar sua caminhada e alguns dados relevantes que poderão ajudar ainda muitos intercambistas. Obrigada pela sua atenção e espero poder contar com sua preciosa ajuda. Um abraço carinhoso, Andréa.”

Q2.1
Questionário 2 Intercambistas - do 1º ao 4º mês de estadia no país hospedeiro
Idade: _____ Sexo: _____ Cidade: _____
País hospedeiro: ()USA ()Nova Zelândia ()Austrália () Países da Europa. Outros?
Tempo de permanência? () 10 meses () 6 meses.

Coloque os pontos sobre o seu grau de dificuldade, de 0 a 4, nas afirmações abaixo, neste momento do intercâmbio para: (0 pontos nada de dificuldade/4 pontos muita dificuldade)
<input type="checkbox"/> relacionamento com a família hospedeira
<input type="checkbox"/> relacionamento com o coordenador local
<input type="checkbox"/> contato com a agência de intercâmbio no Brasil
<input type="checkbox"/> relacionamento com os colegas de aula
<input type="checkbox"/> relacionamento com outras pessoas no país (vizinhos, amigos...)
<input type="checkbox"/> fluência no idioma
<input type="checkbox"/> adaptação com a alimentação, regras da casa, diferenças culturais
<input type="checkbox"/> aprendizagem na escola
Marque com um X se você tem sentido algum destes desconfortos desde que chegou ou nos últimos dias?
<input type="checkbox"/> dor de cabeça <input type="checkbox"/> dor de estômago <input type="checkbox"/> náusea <input type="checkbox"/> irritabilidade ou mau-humor
<input type="checkbox"/> dor nas costas <input type="checkbox"/> nervosismo <input type="checkbox"/> dificuldade para dormir <input type="checkbox"/> vertigem ou fraqueza
<input type="checkbox"/> irregularidade intestinal <input type="checkbox"/> pesadelos <input type="checkbox"/> muito sono <input type="checkbox"/> vontade de isolar-se
Quais recursos de adaptação você tem utilizado para superar esses problemas? Mencione pelo menos 5 estratégias de comportamento que você tem utilizado:
Escolha nas sentenças abaixo se você discorda completamente (1) concorda parcialmente (2) ou concorda completamente (3):
<input type="checkbox"/> Esse pessoal daqui não sabe nada da vida
<input type="checkbox"/> Eu me recuso a participar das esquisitices deles
<input type="checkbox"/> Eu acho muito legal participar das regras da cultura deles, mesmo que seja diferente das minhas
<input type="checkbox"/> São porcos, relaxados e não tem a mínima noção de higiene
<input type="checkbox"/> Eles são muito melhores do que nós, um povo de primeiro mundo
<input type="checkbox"/> Sinto vergonha de ser brasileiro
<input type="checkbox"/> Eles são arrogantes, prepotentes e eu não preciso deles para viver
Do que realmente você tem sentido falta desde que chegou?
Na sua opinião, o Treinamento Intercultural que você fez, serviu de base para ajudá-lo neste momento?

Figura 5. Questionário aplicado nos adolescentes na etapa compreendida entre o 1º e o 4º mês de estadia no país hospedeiro

3º questionário (Q3.I): foi enviado ao final do quarto mês (para intercâmbios de seis meses) ou ao final do sexto mês (para intercâmbios de 10 meses) por e-mail. O envio foi de 20 questionários, obtendo o retorno de 17, num período entre dois dias e uma semana. As instruções foram as mesmas do questionário anterior.

Q3.1**Questionário 3 Intercambistas entre o 5º e 10º mês de estadia no país hospedeiro**

Idade: _____ Sexo: _____ Cidade: _____

País hospedeiro: () USA () Nova Zelândia () Austrália () Países da Europa. Outros?

Tempo de permanência? () 10 meses () 6 meses.

Coloque os pontos, de 0 a 4, nas afirmações abaixo, sobre o seu grau de dificuldade neste momento do intercâmbio para: (0 pontos nada de dificuldade/4 pontos muita dificuldade)

() relacionamento com a família hospedeira

() relacionamento com o coordenador local

() contato com a agência de intercâmbio no Brasil

() relacionamento com os colegas de aula

() relacionamento com outras pessoas no país (vizinhos, amigos...)

() fluência no idioma

() adaptação com a alimentação, regras da casa, diferenças culturais

() aprendizagem na escola

Escolha nas sentenças abaixo se você discorda completamente (1) concorda parcialmente (2) ou concorda completamente (3):

() Esse pessoal daqui não sabe nada da vida

() Eu me recuso a participar das esquisitices deles

() Eu acho muito legal participar das regras da cultura deles, mesmo que seja diferente das minhas

() São porcos, relaxados e não tem a mínima noção de higiene

() Eles são muito melhores do que nós, são um povo de primeiro mundo

() Sinto vergonha de ser brasileiro

() Eles são arrogantes, prepotentes e eu não preciso deles para viver

() Os relacionamentos que eu tenho com as pessoas aqui são tão bons como os que eu tenho no Brasil.

() Eu gosto muito de estar com a turma daqui tanto quanto com a turma no Brasil

() É difícil aqui ter um amigo aqui em quem eu realmente possa confiar

() É difícil escolher entre o modo de vida dos brasileiros e o modo de vida daqui

() Fico confuso se devo ser e viver como eles ou como um brasileiro

() Eu gostaria de ser como eles e não um brasileiro

() Desde que eu vim pra cá, acho melhor viver como eles

() Eu gostaria que as pessoas aqui não soubessem que sou estrangeiro

() Eu prefiro ser como meus compatriotas

() Embora eu esteja aqui, acho que poderia continuar vivendo como se estivesse no Brasil

() Embora eu seja brasileiro, acho que tem aspectos daqui que eu gosto de incluir no meu jeito de ser e viver

() Já sei compreender as diferenças culturais e tenho aprendido e me enriquecido com elas

() Ser brasileiro é uma questão que me traz orgulho

Considerando que você esteja enfrentando dificuldades na sua adaptação, quais recursos você tem utilizado para superar esses problemas? Mencione pelo menos 5 estratégias de comportamento que você tem utilizado:

Do que realmente você tem sentido falta ultimamente?
Na sua opinião, o Treinamento Intercultural que você fez, serviu para ajudá-lo neste momento?

Figura 6. Questionário aplicado nos adolescentes na etapa compreendida entre o 5º e o 10º mês de estadia no país hospedeiro

4º questionário (Q4.I): foi aplicado no retorno ao Brasil, para os intercambistas, via e-mail.

Foram enviados 20 questionários e retornaram 13, obedecendo um prazo médio de uma semana. A instrução também foi igual à dos anteriores.

Q4.I
Questionário 4 Intercambistas no retorno ao Brasil
Idade: _____ Sexo: _____ Cidade: _____
País hospedeiro: () USA () Nova Zelândia () Austrália () Países da Europa. Outros?
Tempo de permanência? () 10 meses () 6 meses.
Coloque os pontos sobre o seu grau de dificuldade, de 0 a 4, nas afirmações abaixo, ao final do intercâmbio para: (0 pontos nada de dificuldade/4 pontos muita dificuldade)
() relacionamento com a família hospedeira
() relacionamento com o coordenador local
() contato com a agência de intercâmbio no Brasil
() relacionamento com os colegas de aula
() relacionamento com outras pessoas no país (vizinhos, amigos...)
() fluência no idioma
() adaptação com a alimentação, regras da casa, diferenças culturais
() aprendizagem na escola
Em relação ao primeiro questionário que você respondeu, hoje o que você diria quanto àquela época: você estava preparado para fazer intercâmbio ou não? Por que?
Sobre seu modo de ser, de agir e de ver o mundo, o que você diria que mudou?
Qual época do intercâmbio que você achou mais difícil, e por quê?
Quais pessoas foram determinantes para lhe ajudar e facilitar a vida lá fora? De que maneira o Treinamento Intercultural pôde ajudar durante sua estadia?

Figura 7. Questionário aplicado nos adolescentes na etapa de retorno ao Brasil

Questionário único para os pais (Q1.P): foi entregue pessoalmente minutos antes de iniciar o Treinamento, sendo que uma questão foi aplicada ao final da reunião. Foram entregues 50 e devolvidos 41 questionários, aproximadamente 10 minutos depois. A instrução dada foi escrita no cabeçalho dos questionários e lida junto com o grupo: “*Você está participando de uma pesquisa sobre o processo de intercâmbio cultural entre adolescentes brasileiros que vão para o exterior. Por favor, responda o mais sinceramente de modo que suas respostas possam ser analisadas. Não é necessário colocar nome. Obrigada.*”

Q1.P	
Questionário 1 Pré-Embarque Pais	
Idade: _____	Profissão: _____ Sexo: _____ Cidade: _____
País hospedeiro do filho: () USA () Nova Zelândia () Austrália () Países da Europa Outros?	
Tempo de permanência? () 10 meses () 6 meses.	
Como você IMAGINA que vai ser o intercâmbio de seu filho?	
Para ele, como está sendo participar de um intercâmbio?	
Quais são SEUS SENTIMENTOS NESSE MOMENTO sobre seu filho participar de um intercâmbio cultural?	
() alegria () euforia () perseverança () esperança () ingenuidade () orgulho	
() medo () culpa () obrigação () heroísmo () solidão () insegurança () saudade	
() autoconfiança () desapego () ansiedade () despreparo () curiosidade	
() vontade de desistir () Outros? _____	
Você se sente preparado para enviar seu filho neste intercâmbio?	
Se você tivesse que dizer algumas palavras ao seu filho um pouco antes do embarque, o que diria?	

Figura 8. Questionário aplicado nos pais na etapa pré-embarque

A questão feita após o Treinamento foi: “Faça uma avaliação sobre a validade desse tipo de trabalho para a preparação de pais e intercambistas no período pré-embarque.”

Observou-se, após a distribuição dos questionários, reações semelhantes entre os sujeitos, sobretudo os intercambistas: interesse em contar suas histórias, dificuldades, medos e conquistas. Isso pode ser compreendido pelo fato de que tratava-se de um assunto

do interesse de cada um deles, no momento exato em que os fenômenos da imigração aconteciam. Por várias vezes, a iniciativa de uma pesquisa deste gênero foi parabenizada por estes sujeitos com expressões como: *“tava na hora de alguém pensar na gente”*, *“que bom poder falar disso que me acontece”*, *“é uma boa para poder ajudar os outros que vêm depois”*. Todos estes depoimentos demonstraram o fato de que estes sujeitos não encontravam espaço para manifestarem suas ansiedades após o embarque e talvez a falta de compromisso das empresas no trabalho pós-venda.

Os questionários foram construídos com ênfase nos seguintes aspectos de interesse para a investigação:

- a) Aspectos demográficos: como a idade, data de nascimento, cidade que reside no Brasil, o país hospedeiro, tempo de permanência;
- b) aspectos da psicopatologia transcultural: os sintomas psicológicos e somáticos da migração, os fatores de stress relacionados com o modelos de aculturação proposto por Berry et alli (1988) e o comportamento intergrupos com destaque para as diferenças étnicas;
- c) aspectos da Educação e do Treinamento Intercultural: onde procurou-se averiguar a possível influência para a integração destes sujeitos.

Esses aspectos foram analisados com o suporte das seguintes escalas:

1 - *WHO Cross-National Survey*, de Aaro Kannas e M. Rimpelä do Research Center for Health Promotion da Universidade de Bergen (Sam, 1994b) onde foram acrescentados mais seis itens (conforme Figura 9) aos seis originais para a avaliação dos aspectos emocionais e psicossomáticos da imigração;

Dor de estômago	Dor nas costas	Irritabilidade ou mau-humor	
Dificuldades para dormir	Muito sono*	Vertigem ou fraqueza	
Náusea*	Nervosismo*	Irregularidade intestinal*	Pesadelos*
Vontade de isolar-se*			

* Ítems acrescentados à escala original do *WHO Cross-National Surveys*.

Figura 9. Ítems de sintomas psicossomáticos aplicados nesta pesquisa de acordo com o *Psychological and Somatic Symptoms Scale* (Sam, 1991b)

2 - *Stressful Acculturation Experience* (Sam, 1991b) para a avaliação dos sintomas psicológicos e somáticos do processo migratório;

3 - *Acculturation Attitudes Scales* (Berry, 1992) que foi analisado seguindo os estratégias de aculturação do mesmo autor: Assimilação (A) Integração (I) Marginalização (M) e Separação (S) de acordo com as respectivas sentenças originais dos questionários adaptadas ao contexto brasileiro (Figura 10).

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> - Os relacionamentos que eu tenho com as pessoas aqui, são tão bons quanto com a turma no Brasil (I) - Eu gosto muito de estar com a turma daqui, tanto quanto com a turma no Brasil. (I) - É difícil aqui ter um amigo em quem eu realmente possa confiar. (M) - É difícil escolher entre o modo de vida dos brasileiros e o modo de vida daqui. (M) - Fico confuso se devo ser e viver como eles ou como um brasileiro. (M) - Eu gostaria de ser como eles e não um brasileiro. (A) - Desde que eu vim para cá, acho melhor viver como eles. (A) - Eu gostaria que as pessoas aqui não soubessem que eu sou estrangeiro. (A) - Eu prefiro ser como meus compatriotas. (S) - Embora eu esteja aqui, acho que poderia continuar vivendo como se estivesse no Brasil. (S) |
|---|

Figura 10. Sentenças originais do *Acculturation Attitude Scales* (Berry, 1992) aplicadas nesta pesquisa

Adicionou-se mais 10 sentenças às originais, também relacionando-as com as estratégias de aculturação, conforme pode-se observar na Figura 11, abaixo:

- Esse pessoal daqui não sabe nada da vida. (S)
- Eu me recuso a participar das esquisitices deles. (S)
- Eu acho muito legal participar das regras da cultura deles, mesmo que seja diferentes das minhas. (I)
- São porcos, relaxados e não têm a mínima noção de higiene. (S)
- Eles são muito melhores do que nós, um povo de primeiro mundo. (A)
- Sinto vergonha de ser brasileiro. (M)
- Eles são arrogantes, prepotentes e eu não preciso deles para viver. (S)
- Embora eu seja brasileiro, acho que tem aspectos daqui que eu gosto de incluir no meu jeito de ser e viver. (I)
- Já sei compreender as diferenças culturais e tenho aprendido e me enriquecido com elas. (I)
- Ser brasileiro é uma questão que me traz orgulho. (I)

Figura 11. Sentenças adicionadas ao *Acculturation Attitude Scales* (Berry, 1992) aplicadas nesta pesquisa

Análise de dados

Este estudo tem um caráter exploratório descritivo e, baseado na obtenção de informações através de questionários, encontra um limite bastante preciso no sentido do aprofundamento da compreensão dos sentidos que estes sujeitos atribuem às suas experiências. O que se pretendeu foi responder à questão colocada como o problema da investigação: *estes intercambistas conseguem uma boa integração em seus países hospedeiros?* Para tanto, abordou-se estes adolescentes através de questionários e os dados obtidos foram submetidos a uma análise simples de frequência – para as questões fechadas – e a uma análise categorial para as respostas obtidas nas questões abertas. As respostas formuladas pelos adolescentes e seus pais representam a percepção que estes sujeitos constróem acerca destas questões, o que coloca o pesquisador no lugar de quem interpreta interpretações. Ou seja, os depoimentos obtidos através das respostas não são

necessariamente fiéis aos acontecimentos. O que importa, no entanto, é que são produções discursivas destes sujeitos acerca de suas experiências, sentimentos, conflitos, enfim, de sua vida.

Também torna-se fundamental esclarecer que não houve aqui uma preocupação com uma representatividade rigorosa dos grupos investigados com relação aos seus universos de origem, bem como com a obtenção de resultados que pudessem ser generalizados a toda a população de intercambistas. Como se esclareceu acima, trata-se de um estudo preliminar, de caráter eminentemente exploratório que, no entanto, poderá fornecer indicadores importantes para outras investigações.

Sabe-se, ainda, da impossibilidade de comparar grupos diferentes como foi o caso dos desta pesquisa. O que se pretende, neste momento, é descrever como estes grupos parecem vivenciar e nomear suas experiências, a despeito de qualquer possibilidade comparativa.

Na análise dos dados dos questionários, foi utilizado o programa Excel para a produção de figuras e tabelas, efetuando um tratamento simples de frequência e percentual. Tais dados foram relacionados às estratégias de aculturação já nomeadas anteriormente: Integração, Assimilação, Marginalização e Separação de acordo com Berry (1991) bem como aos itens do *Acculturation Attitude Scale* (Berry, 1992).

Resultados

Resultado Q1Pais

Considerando a importância das variáveis pré-embarque e da influência dos pais no intercâmbio dos adolescentes, os sentimentos destes foram investigados. A pergunta é : “*Você se sente preparado para enviar seu filho(a) neste intercâmbio?*” Dos 41 sujeitos, 35 responderam que sim, estão preparados, e apenas seis responderam que não. Estes últimos seis, distribuíram-se igualmente entre os sexos.

Tabela 18

Frequência e porcentagem de respostas afirmativas e negativas dos pais sobre se sentirem preparados para enviar o filho para fazer intercâmbio

Respostas	Pais		Mães		Total	
	f	%	f	%	f	%
Sim	14	82	21	88	35	85
Não	03	18	03	12	06	15
Total	17	100	24	100	41	100

Entre os motivos que justificam estarem preparados ou não para enviarem seus filhos ao exterior, foram encontradas as seguintes respostas:

Tabela 19

Frequência e porcentagem de respostas dadas pelos pais sobre suas razões para estarem (ou não) preparados para enviar seus filhos para fazerem intercâmbio

Respostas	f	%
Meu filho é ótimo	30	86
Não pensei nisso ainda	03	50
Confio totalmente nele	15	43
Não sei como vai ser depois que ele for	02	33
Outro filho já fez intercâmbio	06	17
Me sinto inseguro	01	17
Os filhos não são para nós, são para o mundo	04	11
Não entendi direito o programa	01	17

Quanto ao sentimento dos pais no momento pré-embarque, os resultados encontram-se na Tabela 20:

Tabela 20

Frequência e porcentagem de respostas sobre os sentimentos relatados pelos pais na etapa pré-embarque da pesquisa

Sentimentos	%	f
Alegria	82	34
Orgulho	58	24
Confiança	58	24
Curiosidade	53	22
Saudades antecipadas	53	22
Ansiedade	48	20
Esperança	39	16
Perseverança	24	10
Medo	19	08
Heroísmo	12	05
Solidão	10	04
Insegurança	07	03
Despreparo	07	03
Culpa	00	00
Obrigação	00	00
Ingenuidade	00	00
Vontade de desistir	00	00
Desapego	00	00

Deve-se observar que os sujeitos consultados poderiam assinalar mais de uma opção. Na tabela acima, aparecem as frequências e as porcentagens com as quais as opções foram assinaladas. O percentual, por sua vez, foi calculado sobre o número total de sujeitos e não sobre o número total de respostas, pois o que interessa saber é a expressividade destas respostas no universo investigado.

Um teor equivalente de otimismo e esperança pode ser encontrado quanto ao que imaginam para o intercâmbio do filho. De acordo com as respostas dadas, algumas categorias puderam ser construídas e a frequência de sujeitos que a mencionam:

Tabela 21

Categorias de respostas e suas respectivas frequências à questão: “Como você imagina que vai ser o intercâmbio de seu filho?”

Categorias	f	%
Algo maravilhoso	38	92
Uma experiência nova para o filho(a)	37	90
Amadurecimento	36	88
Enriquecimento pessoal e cultural	36	88
Crescimento em todos os sentidos	35	85
Preparação para o futuro	28	68
Meio de aprender a tornar-se independente e mais autônomo(a)	25	60
Assunção de responsabilidades	20	49
Uma experiência com dificuldades e obstáculos	08	19

Para eles, os filhos também estão esperançosos e otimistas. As respostas também foram variadas e puderam ser analisadas pelas seguintes categorias:

Tabela 22

Categorias de respostas e suas respectivas frequências e porcentagens para a pergunta: “Para seu filho, como está sendo participar de um intercâmbio?”

Categorias	f	%
A realização de um sonho	35	85
Uma experiência tranquila	35	85
Alegria, felicidade, estímulo, entusiasmo	34	83
Repleto de expectativas	22	54
Ansiedade	08	19
Apreensão	05	12

Ao final do questionário, foi perguntado o que esses pais pretendem dizer aos seus filhos na hora do embarque. As respostas mencionadas refletem uma preocupação quanto ao futuro, a necessidade de estímulo frente a possíveis derrotas ou fracassos, os ensejos de felicidade e sucesso. Das 41 respostas, 7 categorias puderam ser encontradas:

Tabela 23

Frequência das respostas que os pais disseram aos filhos na hora da partida

Respostas	f	%
“Tudo dará certo, não se preocupe”	38	92
“Não desista da luta”	37	90
“Não desanime”	36	88
“Siga em frente”	35	85
“Pode contar conosco quando precisar”	12	29
“Aproveite, seja feliz”	10	24
“Estamos torcendo por você”	07	17

Quanto à última questão: *“Faça uma avaliação sobre a validade desse tipo de trabalho para a preparação de pais e intercambistas no período pré-embarque”*, as respostas obtidas foram organizados nas seguintes categorias e consecutivas frequências de sujeitos que a manifestaram:

Tabela 24

Categorias de respostas dos pais e suas respectivas frequências à questão: *“Faça uma avaliação sobre a validade desse tipo de trabalho para a preparação de pais e intercambistas no período pré-embarque”*

Categorias	f	%
Oportunidade de compreender suas ansiedades, medos e angústias	41	100
Esclarecimento à respeito do comportamento do filho no exterior	41	100
Esclarecimento à respeito de seus sentimentos enquanto pais de intercambistas	40	97
Tornar-se mais confiante, tranquilo, seguro em relação ao programa e à agência	40	97
Compreensão maior à respeito das diferenças culturais e do relacionamento com os hospedeiros	25	61
Capacitar-se para viver a separação e a saudades	20	49

Resultados do Q1.I

Na Tabela 25, encontram-se os sentimentos dos intercambistas neste momento do programa, pré-embarque e pré-treinamento. As respostas dizem respeito ao número de sujeitos que as manifestaram e o respectivo percentual.

Tabela 25

Frequência e porcentagem de sujeitos e respectivos sentimentos relatados na etapa pré-embarque da pesquisa

Sentimentos	N	%
Alegria	27	93
Curiosidade	24	83
Ansiedade	20	69
Confiança	16	55
Saudades	16	55
Euforia	12	41
Orgulho	10	34
Esperança	07	24
Medo	04	14
Perseverança	04	14
Heroísmo	04	14
Obrigação	01	03

À semelhança do que foi encontrado no grupo de pais, a alegria aparece como sentimento mais freqüente entre os intercambistas, seguida de curiosidade, ansiedade, confiança e saudades.

Quanto aos aspectos positivos e negativos de participar de um intercâmbio foram construídas sete categorias nas respostas de aspectos positivos e cinco categorias nas respostas para aspectos negativos. Na verdade, os intercambistas têm, neste momento, dificuldade de relacionar quais aspectos podem ser negativos durante um intercâmbio. Essas respostas vão ao encontro das respostas obtidas também nas entrevistas individuais realizadas durante o Treinamento Intercultural. Nesta etapa, além da reunião com pais e

intercambistas, são realizadas entrevistas individuais com o intuito de se conhecer estes sujeitos para o posterior acompanhamento via e-mail. Embora este material não tenha sido objeto desta investigação, são informações que auxiliam a compreender a situação vivenciada por eles.

Quanto às expectativas que os adolescentes têm sobre seus intercâmbios, a pergunta “*Como vai ser seu intercâmbio? Cite 4 aspectos positivos e 4 aspectos negativos da experiência*” procura investigá-las. Na Tabela 26, abaixo, encontram-se as categorias obtidas a partir de suas respostas, a frequência e respectivo percentual de sujeitos que as mencionam

Tabela 26

Frequência de sujeitos e suas expectativas à respeito do intercâmbio na etapa pré-embarque para a questão “*Como vai ser seu intercâmbio? Cite 4 aspectos positivos e 4 aspectos negativos da experiência*”

Aspectos Positivos		Aspectos Negativos			
	f	%			
Conhecer uma cultura diferente	29	100	Relacionar-se com costumes Diferentes	20	69
Aprender um novo idioma	29	100	Dificuldade com o Idioma	18	62
Amadurecimento	26	90	Desadaptação	16	55
Conhecimento	25	86	-		
Aprendizado geral	22	76	Saudades	12	41
Responsabilidade	18	62	-		
Aprender a cuidar-se sozinho	12	41	Solidão	09	31

Os intercambistas imaginam que, para seus pais, esta é uma experiência que evoca os seguintes sentimentos: saudades, aprendizado, felicidade (por poderem oferecer esta oportunidade ao filho) esperança, contrariedade, otimismo e ambivalência (porque a acham boa e ruim ao mesmo tempo, porque às vezes concordam e às vezes acham que não está na hora). As seguintes categorias foram encontradas e a frequência de sujeitos que a mencionam:

Tabela 27

Categorias encontradas e suas respectivas frequências para a pergunta: “Para seus pais, como está sendo sua participação num intercâmbio?”

Categorias	f	%
Otimo	26	90
Saudades	15	52
Incentivo	07	24
Ambivalente	07	24
Medo	03	10
Confiantes	03	10
Felizes por darem oportunidade que não tiveram	03	10
Ansiosos	02	07
Aprendizado	02	07

Quanto ao se sentirem preparados para esta experiência os resultados achados apontam para 27 sujeitos sentindo-se preparados e, apenas dois, respondendo não sentirem-se preparados. É interessante observar que, dentre os que declaram sentirem-se preparados, a maioria é composta por sujeitos do sexo masculino.

Tabela 28

Frequência de respostas afirmativas e negativas dos adolescentes sobre se sentirem preparados para fazer intercâmbio

Respostas	Masculino		Feminino		Total	
	f	%	f	%	f	%
Sim	16	94	11	92	27	93
Não	01	06	01	08	02	07

As justificativas para se sentirem preparados ou não para fazer intercâmbio, neste momento pré-embarque, estão organizadas de acordo com seis categorias e agrupadas por frequência, conforme a Tabela 29.

Tabela 29

Frequência de respostas dadas pelos adolescentes sobre suas razões para estarem (ou não) preparados para fazerem intercâmbio

Sinto-me preparado porque	f	%	Não me sinto preparado porque:	f	%
Já pensei em tudo o que pode acontecer	26	96	não tenho como prever	01	50
porque já sou bastante experiente para ficar longe dos pais	26	96	Não sei	01	50
sou otimista	18	67			
Tenho muita vontade de ir	12	44			

Ainda nesta etapa, pré-embarque, todos os 29 intercambistas desta amostra receberam o Treinamento Intercultural, e, após o mesmo, foram convidados a responderem a seguinte questão: *“Em relação a pesquisa iniciada anteriormente, após o Curso, houve alguma modificação no seu modo de pensar, de se sentir preparado?”* As respostas encontradas foram organizadas nas seguintes categorias:

1. Mudança de comportamento/modo de pensar/modo de agir: as avaliações demonstram que mudanças aconteceram no modo de pensar e comportar-se antes e depois do treinamento intercultural, expressões encontradas em 32% dos sujeitos que mencionam estas respostas;
2. “Eu não havia pensado nisso antes”: uma expressão presente em 54% dos sujeitos, correspondendo ao fato de não terem pensado ou refletido sobre determinados aspectos que envolvem o intercâmbio;
3. Aprendizagem/esclarecimento/compreensão: palavras mencionadas por 72% dos sujeitos, que dizem respeito ao conhecimento de si mesmos, da situação, de outras pessoas (hospedeiros) de como se relacionar, comportar-se, entender melhor a si mesmo e ao outro;
4. Tranquilidade/confiança/preparo: diz respeito ao se sentir mais tranquilo, mais confiante e preparado para participar do programa. Algumas vezes também diz respeito à agência escolhida. Estes aspectos foram mencionados por 67% dos intercambistas;
5. Separação/medo/ansiedade: as respostas falam sobre uma maneira melhor ou mais adequada para enfrentar a separação, seus medos e ansiedades tanto em relação a si mesmo como em relação aos pais, aos hospedeiros ou aos acontecimentos. Relaciona-se

também, com o fato do treinamento ter oportunizado a concretização do sentimento de reparação que até então não havia sido experimentado realmente (59% dos sujeitos).

6. Eu já havia pensado em tudo, não precisava vir: são respostas relacionadas à avaliação prévia de que o treinamento seria inútil ou não teria nada a acrescentar, da não necessidade de participarem e da constatação de que esta avaliação era equivocada (26% dos intercambistas mencionam este tipo de resposta).

Resultados do Q2.I

Nesta etapa da pesquisa, os intercambistas receberam, via e-mail, os questionários. O tempo de estadia média desta amostra de 38 sujeitos foi de 2,5 meses no exterior, contando desde o momento do embarque. Os dados como idade, sexo, origem, país hospedeiro e tempo do programa escolhido já estão descritos nas tabelas iniciais (Tabelas 7 -11).

O primeiro aspecto a ser investigado são os graus de dificuldade neste momento do intercâmbio em diferentes áreas. A Tabela 30, mostra os resultados:

Tabela 30

Distribuição dos graus de dificuldade vividos pelos intercambistas nas áreas de avaliação no período compreendido entre o 1º ao 4º mês de estadia no país hospedeiro, segundo os próprios sujeitos

Graus de dificuldade	0	1	2	3	4	x
Relacionamento com a família hospedeira	22	08	05	01	02	0.76
Com o coordenador local	24	02	08	01	03	0.86
Com agência no Brasil	19	06	09	02	02	1.00
Com os colegas da escola	19	10	06	02	01	0.84
Com demais pessoas (vizinhos, amigos)	17	12	08	0	01	0.84
Fluência no idioma	05	12	12	08	01	1.68
Adaptação (alimentação, regras, diferenças)	09	09	14	04	02	1.50
Aprendizagem na escola	16	09	07	04	02	1.13

E a Figura 12, a seguir, mostra as médias dos graus de dificuldade:

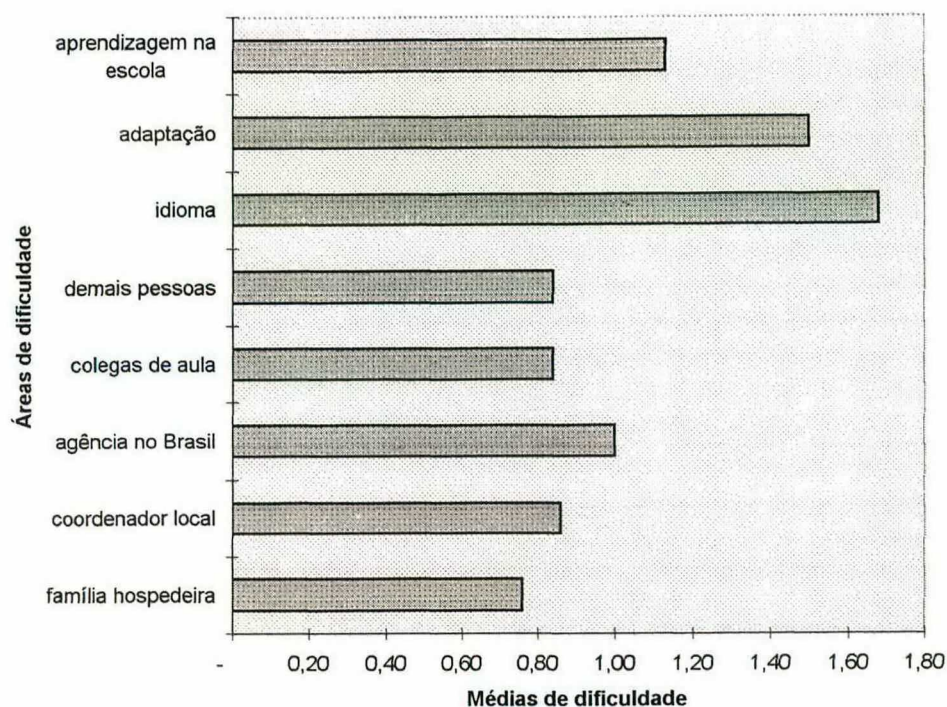


Figura 12. Médias dos graus de dificuldade encontrados em diferentes áreas durante o intercâmbio no período compreendido entre o 1º e o 4º mês de estadia no país hospedeiro

Nesta primeira etapa, os três primeiros meses no exterior, os intercambistas apontam resultados gerais de ausência e pouca dificuldade em quase todas as áreas, com exceção da adaptação e da fluência no idioma. Cada uma deve ser observada individualmente através da média dos graus de dificuldade, onde: o relacionamento com a família hospedeira obteve a menor média de dificuldades ($X=0.76$), seguido de relacionamento com os colegas no Brasil e com as demais pessoas ($X=0.84$), relacionamento com o coordenador local ($X=0.86$), com a agência no Brasil ($X=1.00$), na aprendizagem na escola ($X=1.13$) e finalizando, os maiores graus de dificuldade foram encontrados na adaptação ($X=1.50$) e na fluência do idioma ($X=1.68$).

Os sintomas psicossomáticos encontrados neste período, entre o 1º e o 4º mês de estadia, aparecem em toda a amostra de sujeitos, nessa ordem de frequência, conforme a Tabela 31, abaixo:

Tabela 31
Frequência e percentual de sintomas psicossomáticos mencionados pelos intercambistas como tendo ocorrido entre o 1º e o 4º mês de estadia no país hospedeiro

Sintomas	f	%
Muito sono	13	34
Dor de cabeça	12	32
Dor nas costas	05	13
Dificuldade para dormir	05	13
Irregularidade intestinal	05	13
Dor de estômago	04	11
Náusea	04	11
Irritabilidade ou mal-humor	04	11
Nervosismo	04	11
Vertigem ou fraqueza	02	05
Pesadelos	02	05
Vontade de isolar-se	01	03

Nenhum intercambista deixou de assinalar algum sintoma psicossomático durante esse período do intercâmbio. O excesso de sono é a principal queixa mencionada, seguida de dor de cabeça. Ainda aparecem dor nas costas, irregularidade intestinal, dor no estômago, náusea, irritabilidade ou mal-humor e nervosismo, entre os mais citados.

Quanto aos recursos de adaptação utilizados neste momento, eles compõem uma lista diversificada. Esta informação foi obtida logo após a questão que pedia que assinalassem os problemas psicossomáticos, através da pergunta: *“Quais recursos de adaptação você tem utilizado para superar estes problemas? Mencione pelo menos 5 estratégias de comportamento que você tem utilizado.”* As respostas foram agrupadas em categorias como se pode identificar na Tabela 32.

Tabela 32

Frequência e percentual de intercambistas às suas respectivas respostas à questão: “Quais recursos de adaptação você tem utilizado para superar esses problemas?”, entre o 1º e o 4º mês de estadia no exterior

Respostas	f	%
Comunicar-se com as pessoas	19	50
Não isolar-se	13	34
Não ficar ocioso por muito tempo	13	34
Boa alimentação e sono regular	12	32
Escutar música	12	32
Envolver-se em atividades sociais	11	29
Melhorar o idioma	11	29
Evitar pensar frequentemente no Brasil	09	24
Não fazer comparações entre as culturas	08	21
Seguir as regras locais	07	18
Não intrometer-se nos problemas familiares	06	15
Ler no idioma local	05	13
Buscar mais informações sobre a cultura local	05	13

As estratégias de aculturação (Berry, 1997) foram investigadas através de sentenças afirmativas às quais os sujeitos deveriam avaliar segundo seu grau de concordância e discordância - (1) discorda completamente, (2) concorda parcialmente e (3) concorda completamente. Os dados foram calculados através das médias obtidas em cada estratégia, proporcionando os seguintes resultados:

Tabela 33

Distribuição das médias das estratégias de aculturação escolhidas pelos intercambistas no período compreendido entre o 1º ao 4º mês de estadia no país hospedeiro

Estratégias de Aculturação Escolhidas	Médias
Separação	1.89
Marginalização	1.73
Integração	1.47
Assimilação	1.34

Os resultados encontrados foram submetidos ao cálculo das médias obtidas em cada estratégia, onde encontramos a separação como a estratégia mais aceita pelos

intercambistas nos primeiros meses no exterior ($X=1.89$), seguido de marginalização ($X=1.73$). As estratégias mais rejeitadas foram a assimilação ($X=1.34$) e a integração ($X=1.47$).

A Figura 13, a seguir, ilustra a preferência encontrada por estes sujeitos para a escolha da integração, onde S, A, I e M, dizem respeito respectivamente às estratégias de Separação, Assimilação, Integração e Marginalização:

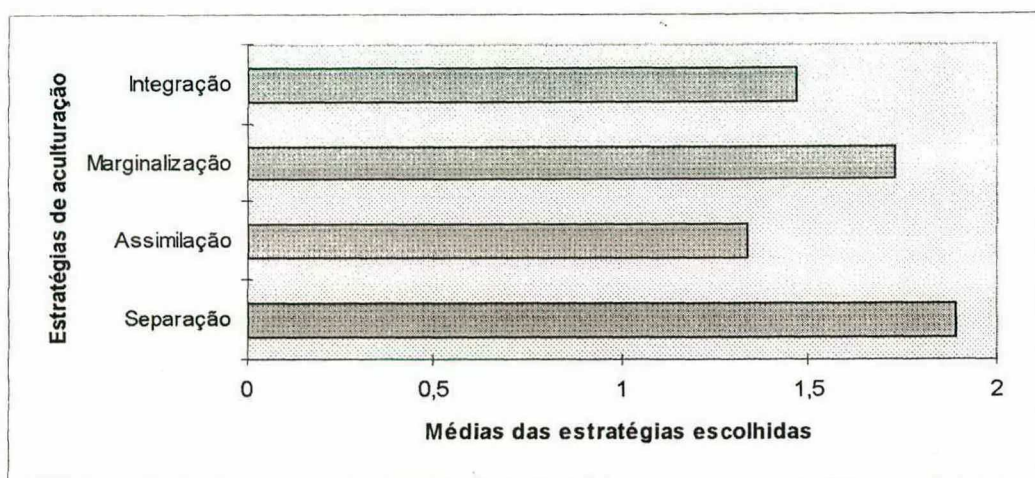


Figura 13. Estratégias de aculturação escolhidas pelos intercambistas durante os quatro primeiros meses de estadia no exterior

Outro dado avaliado foi a saudade e os elementos principais da sua vida no país de origem dos quais os intercambistas sentem falta. Os motivos expostos para a saudade nos primeiros três meses de intercâmbio foram os seguintes:

Tabela 34

Frequência e percentual de sujeitos e suas respectivas respostas sobre aspectos que mais sentem falta durante seu intercâmbio no período entre o 1º e o 4º mês de estadia no exterior

Respostas	f	%
Amigos	25	66
Família	25	66
Comida brasileira	17	44
Festas	08	21
Sair à noite	04	11
Ser brasileiro	04	11
Regras culturais	03	08
Falar português	02	05
Namorados (as)	01	03
Liberdade	00	00

A grande maioria aponta a ausência da família e dos amigos como o fator principal que desencadeia a saudade, seguidos da falta da comida brasileira, das festas e da possibilidade de saírem à noite sem ter horário para voltar, o que tradicionalmente acontece aqui no Brasil e não acontece em seus países hospedeiros, sobretudo nos Estados Unidos da América.

Quanto ao Treinamento Intercultural, dos 38 intercambistas desta amostra, 15 passaram por ele (39%). Os outros 23 intercambistas não o receberam porque foram indicados por empresas que não trabalham com esse tipo de atividade. Destes 15 sujeitos, 12 responderam que o treinamento pôde ajudá-los e dois disseram que não. Um sujeito, ainda, mencionou ser ainda muito cedo para avaliar a utilidade do mesmo no seu intercâmbio, pelo fato de ter recém-chegado ao país hospedeiro. A Tabela 35, a seguir, contém as respostas e a distribuição dos motivos alegados pelos jovens para considerarem que o Treinamento ajudou-os ou não.

Tabela 35

Frequência e percentual de sujeitos que respondem sobre a possibilidade do Treinamento Intercultural tê-los ajudado nesse período do intercâmbio entre o 1º e 4º mês de estadia no exterior e suas respectivas justificativas

Respostas	f	%
Sim	12	80
Não	02	13
Outras respostas	01	07
Total	15	100
O treinamento pôde ajudar porque:		
Porque podem compreender melhor as diferenças culturais	12	100
Podem ter atitudes que podem facilitar a adaptação	10	83
Evitarem as situações de depressão que têm surgido	08	67
O treinamento não pôde ajudar porque:		
Achei que nunca iria acontecer coisas ruins comigo	01	50
Porque achei que não precisava disso	01	50

Resultados do Q3. I

Nesta etapa, os intercambistas encontravam-se entre o 5º e o 10º mês de estadia no exterior. O tempo médio de estadia dessa amostra de 17 sujeitos foi de 7,5 meses. Os demais dados a respeito desta amostra já estão descritos nas tabelas iniciais (Tabelas 7-11).

O primeiro dado a ser analisado neste questionário diz respeito, novamente, aos graus de dificuldade neste momento do intercâmbio em diferentes áreas, agora entre o 5º e o 10º mês de estadia. A Figura 14, a seguir, mostra os graus de dificuldade em ordem crescente, seguidos das médias encontradas:

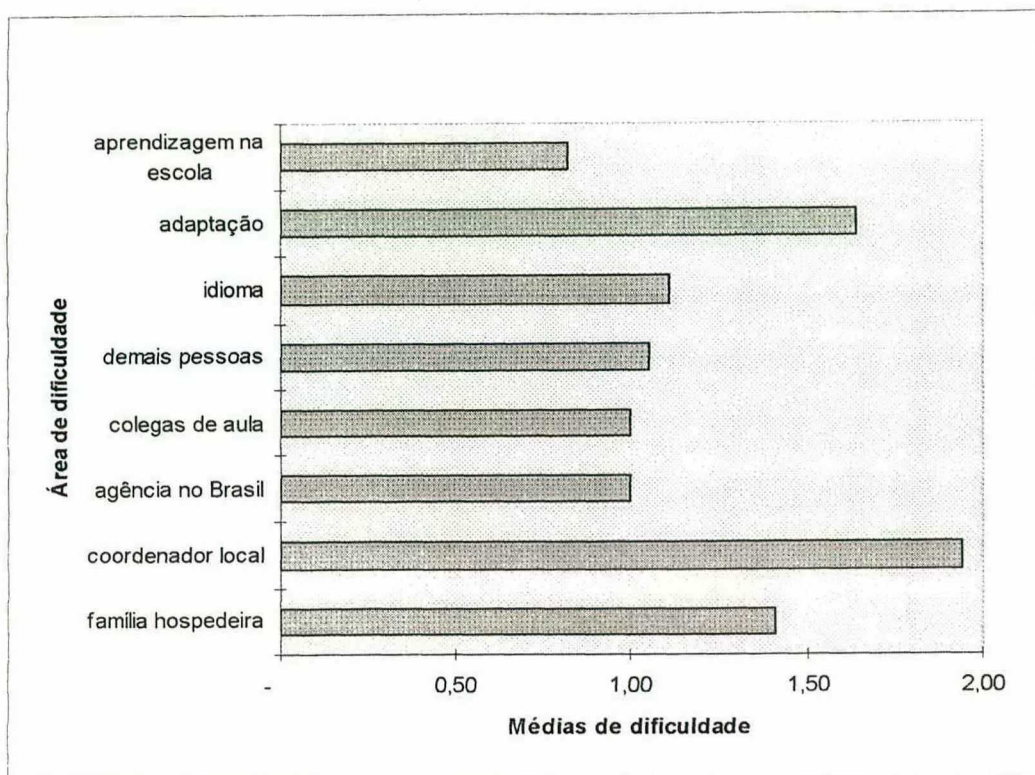


Figura 14. Média dos graus de dificuldade encontrados em diferentes áreas durante o intercâmbio no período compreendido entre o 5º e o 10º mês de estadia no país hospedeiro

Já a Tabela 36, a seguir, mostra as frequências e médias encontradas:

Tabela 36

Distribuição dos graus de dificuldade vividos pelos intercambistas nas áreas de avaliação no período compreendido entre o 5º ao 10º mês de estadia no país hospedeiro, segundo os próprios sujeitos

Graus de dificuldade	0	1	2	3	4	X
Relacionamento com a família hospedeira	08	00	06	00	03	1.41
Com o coordenador local	04	03	03	04	03	1.94
Com agência no Brasil	09	03	02	02	01	1.00
Com os colegas da escola	07	03	07	00	00	1.00
Com demais pessoas (vizinhos, amigos)	06	05	05	01	00	1.05
Fluência no idioma	03	09	05	00	00	1.11
Adaptação	02	05	07	03	00	1.64
Aprendizagem na escola	10	04	01	00	02	0.82

Nesta etapa do intercâmbio, os sujeitos encontram-se entre o 5º e 10º mês de estadia e os resultados encontrados são bem variados, entre dificuldades leves e moderadas.

Novamente os dados foram submetidos ao cálculo de média de dificuldades e os resultados encontrados foram: maiores graus de dificuldades no relacionamento com o Coordenador Local foram as mais encontradas ($X=1.94$), seguidos de adaptação ($X=1.64$), que já havia aparecido nos quatro primeiros meses como prioritária e agora somados mais 0.14 pontos e dificuldade com a família hospedeira ($X=1.41$). Baixando as médias de dificuldade encontramos a fluência no idioma ($X=1.11$), o relacionamento com demais pessoas ($X=1.05$), relacionamento com a agência no Brasil e com os colegas de aula (ambos $X=1.0$) e finalmente, o menor grau de dificuldade na aprendizagem na escola ($X=0.82$).

As estratégias de aculturação voltaram a ser investigadas através das sentenças afirmativas às quais os sujeitos deveriam avaliar segundo o grau de concordância e discordância. Os dados obtidos foram submetidos ao cálculo de médias para as estratégias escolhidas, conforme a Tabela 37, a seguir:

Tabela 37

Distribuição das médias das estratégias de aculturação escolhidas pelos intercambistas no período compreendido entre o 5º ao 10º mês de estadia no país hospedeiro

Estratégias de aculturação escolhidas	Média
Separação	1,73
Integração	1.51
Marginalização	1.27
Assimilação	1.15

Neste momento do intercâmbio, os jovens preferem manter como nos primeiros meses uma estratégia de separação com a cultura hospedeira ($X=1.73$), porém, mais acessíveis agora à estratégia de integração ($X=1.51$). Neste período do intercâmbio as estratégias mais rejeitadas nesta etapa são a assimilação novamente ($X=1.15$) e uma diminuição para a estratégia de marginalização ($X=1.27$).

A Figura 15 auxilia-nos a visualizar estas escolhas.

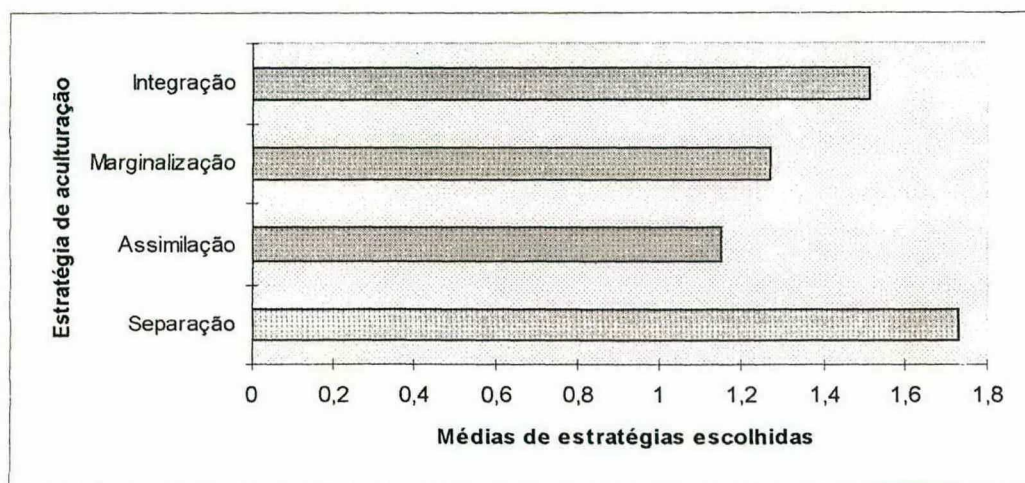


Figura 15. Estratégias de aculturação escolhidas e rejeitadas pelos intercambistas entre o 5º e o 10º mês de estadia no país hospedeiro

Os resultados apontam para uma tendência separacionista dos intercambistas, porém, com algumas características da estratégia de integração, trazendo uma resposta intermediária. Apontam, ainda, uma rejeição às estratégias de marginalização e assimilação, que por si mesmas, indicam também uma escolha pela integração.

Os recursos de adaptação utilizados por eles neste momento não variam muito daqueles já mencionados durante os primeiros três meses do programa, tendo, porém, uma conotação mais pessoal e familiar, relacionada ao seu próprio estilo de vida junto aos hospedeiros. São eles:

Tabela 38

Frequência e percentual de respostas dadas pelos intercambistas à questão: “Quais recursos de adaptação você tem utilizado para superar esses problemas?”, entre o 5º e o 10º mês de estadia no exterior

Respostas	f	%
Conversar com alguém	17	100
Não pensar tanto no Brasil e fazer comparações	12	71
Procurar a host family, o coordenador local	12	71
Ser legal com as pessoas, mesmo que não tenha a mesma		
Opinião	10	59
Buscar amigos americanos	09	53
Ser educada, sorrir bastante	07	41
Buscar outros intercambistas	05	29
Observar para entender o que acontece	05	29
Ter paciência	05	29
Resolver os problemas rapidamente sem esperar que		
Aumentem	04	24
Ser mais extrovertida	04	24
Pensar que é pouco tempo aqui e já vai passar	02	12
Pensar que é um desafio que deve ser enfrentado	02	12
Não tomar as coisas como algo pessoal	02	12
Pensar que é para o seu bem e tem que agüentar	02	12
Buscar o impossível, ver coisas boas onde não tem	02	12
Ignorar as piadas idiotas dos americanos	01	06
Não levar a sério as esquisitices deles	01	06
Observar as coisas de acordo com o ponto de vista deles	01	06
Escrever na agenda para desabafar	01	06

A saudade também segue associada em ordem de frequência aos mesmos fatores relacionados anteriormente (no período inicial do intercâmbio, Tabela 34), com acréscimo porém de dois aspectos: o “jeito de ser dos brasileiros” e o clima.

Tabela 39

Frequência de sujeitos e suas respectivas respostas sobre aspectos que mais sentem falta durante seu intercâmbio no período entre o 5º e o 10º mês de estadia

Respostas	f	%
Família	17	100
Amigos	17	100
Comida brasileira	12	71
Jeito de ser dos brasileiros	10	59
Clima	08	47
Festas	08	47
Sair à noite	04	24
Ser brasileiro	04	24
Regras culturais	03	18
Falar português	02	12
Namorados (as)	01	06
Liberdade	00	00

Resultados do Q4.I

Ao final do programa, no retorno ao Brasil, os 13 intercambistas desta amostra, questionados sobre os graus de dificuldade durante seu intercâmbio, apresentaram as seguintes respostas:

Tabela 40

Distribuição dos graus de dificuldade vividos pelos intercambistas nas áreas de avaliação no retorno ao Brasil, segundo os próprios sujeitos

Graus de dificuldade	0	1	2	3	4	X
Relacionamento com a família hospedeira	04	02	03	03	01	1.06
Com o coordenador local	03	06	01	03	00	1.03
Com agência no Brasil	04	03	02	03	01	1.05
Com os colegas da escola	02	03	04	03	01	1.08
Com demais pessoas (vizinhos, amigos)	04	02	05	01	01	1.04
Fluência no idioma	02	05	02	04	00	1.06
Adaptação	04	04	02	03	00	1.03
Aprendizagem na escola	02	02	05	03	01	1.09

A maior parte das respostas dos intercambistas são de natureza moderada em todas as áreas analisadas, com um peso maior, porém, das fases anteriores. Neste momento de avaliação, já fora do contexto hospedeiro, as dificuldades na aprendizagem ($X=1.09$) e na relação com os colegas da escola ($X=1.08$), assumem a prioridade, seguido das dificuldades no relacionamento com as demais pessoas ($X=1.04$) e com a família hospedeira ($X=1.06$).

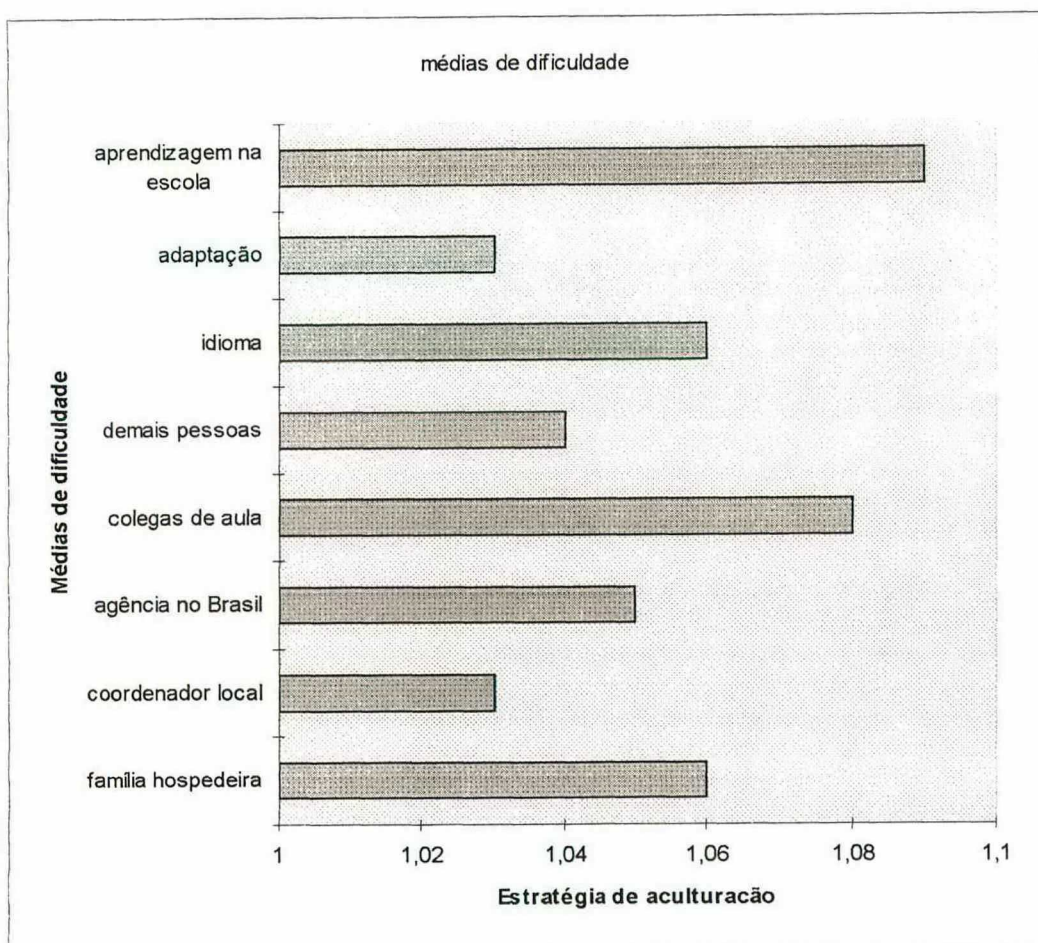


Figura 16. Graus de dificuldade encontrados em diferentes áreas durante o intercâmbio no período de retorno ao Brasil

Quanto ao se sentirem preparados na ocasião do embarque, 10 responderam que sim, estavam preparados quando saíram do Brasil. Todos estes receberam Treinamento Intercultural e o apontam como uma das variáveis importantes para esta preparação. Os três que não se sentiam preparados apontam razões como a dificuldade para se afastar do Brasil e o fato de não terem levado o Treinamento tão à sério como poderiam, por julgá-lo, na época, desnecessário. A Tabela 41, abaixo, apresenta estas respostas:

Tabela 41

Frequência e percentual de adolescentes com suas respostas afirmativas e negativas sobre se sentirem preparados para fazer intercâmbio e as respectivas justificativas para suas respostas

Respostas	f	%
Sim	10	77
Não	03	23
Sim, estava preparado porque:		
O Treinamento ajudou muito	09	90
Porque eu realmente estava madura	08	80
Porque eu sabia o que estava me esperando	07	70
Porque não era a primeira viagem ao exterior	03	30
Porque eu não tinha outra saída	02	20
Não estava preparado porque:		
Eu estava iludida achando que meu idioma era ótimo	01	33
Eu pensava que poderia controlar qualquer situação	02	67

Outra questão investigava mudanças no modo de ser do intercambista. Várias respostas foram mencionadas, organizadas também em categorias e frequência, conforme pode ser visto na Tabela 42:

Tabela 42

Frequência e percentual de intercambistas e suas respectivas respostas quanto ao que mudou no modo de ser após terem feito intercâmbio

Respostas	f	%
Aprendi a valorizar mais as coisas (meu país, minha família, os amigos, etc)	13	100
Estou mais responsável e ciente do que acontece ao meu redor	09	69
Tenho mais iniciativa	09	69
Amadurecimento	08	62
Diminuí meus preconceitos com relação aos americanos	08	62
Sou mais extrovertido, comunicativo	08	62
Maior tolerância, flexibilidade e independência	08	62
Perda da inocência	03	23

O que mudou no modo de ser destes adolescentes, segundo eles próprios, foi: aprender a valorizar mais a família e os amigos, um sentimento de maior consciência e responsabilidade, aumento na iniciativa, amadurecimento, a diminuição do preconceito e da imagem que tinham dos americanos, tolerância, flexibilidade, independência, e aumento na extroversão e na capacidade de comunicação. Apenas um sujeito menciona que, para ele, nada mudou.

A época mais difícil durante o intercâmbio para eles está relacionada a momentos muito particulares da vida pessoal de cada intercambista, onde um sofreu uma hospitalização, outro a separação dos pais, outro ainda precisou trocar de família hospedeira por não ter conseguido um bom relacionamento juntos. Porém, alguns elementos comuns podem ser mencionados: os primeiros dois meses em virtude do choque cultural, a adaptação, os ajustes necessários no comportamento; a metade do período de intercâmbio por julgarem ser uma etapa onde, terminada a euforia da chegada, começam a entrar no conhecido cotidiano e nas responsabilidades comuns do dia-a-dia; e, finalmente, o retorno, por ser o momento da separação das pessoas queridas, dos hospedeiros, das conquistas que realizaram, juntamente com uma perspectiva de não voltarem mais a viver com aquela família, naquele período de juventude e na fase escolar em que foi o programa escolhido (high school). Segue abaixo, na Tabela 43, a relação das categorias analisadas:

Tabela 43

Frequência e percentual de intercambistas e suas respectivas respostas sobre os momentos mais difíceis durante todo seu intercâmbio

Categorias	f	%
No início por causa do idioma	04	31
Na metade do programa, onde termina a novidade e começa a rotina	04	31
No final porque terminou a novidade e você só quer saber de voltar para casa	03	23
Troca de família	02	15
Total	13	100

As pessoas determinantes para auxiliá-los durante a estadia foram, sem dúvida, as famílias hospedeiras, sendo representadas quase sempre na figura da mãe ou dos irmãos, como os melhores amigos, (minha irmã, no caso das meninas; meu irmão, no caso dos meninos). Em seguida, eles apontam a família brasileira por saber compreendê-los e incentivá-los a continuarem no programa nos momentos de crise. Abaixo, seguem as respostas e respectivas frequências:

Tabela 44

Frequência e percentual dos intercambistas para as respostas sobre as pessoas que mais lhe ajudaram durante o intercâmbio

Respostas	f	%
Mãe hospedeira	04	31
Irmão/irmã hospedeira	04	31
Família brasileira	02	15
Outros intercambistas estrangeiros	02	15
Coordenador local	01	08
Total	13	100

Quanto aos aspectos da Educação Intercultural que chamaram a atenção dos sujeitos destacam-se: o enriquecimento pessoal no encontro interculturais, a satisfação ao sentirem-se mais tolerantes e curiosos frente às diferenças culturais, a importância da mesma nas dificuldades que tiveram ao relacionarem-se com o povo americano, o choque cultural vivido em algumas circunstâncias como algo já compreendido anteriormente e o legado do intercâmbio ao se tornarem pessoas mais compreensivas, menos exigentes, críticas e respeitadas frente aos relacionamentos interpessoais.

Tabela 45

Frequência e percentual de sujeitos e suas respectivas respostas aos aspectos que de mais lhe chamaram atenção sobre a Educação Intercultural durante seu intercâmbio

Respostas	f	%
A diferença dos povos é algo maravilhoso	06	46
A dificuldade de me relacionar com os americanos	04	31
O choque cultural foi Terrível	04	31
Para viver com as diferenças de maneira democrática	04	31
Para aprender a não impor nossos valores e apreciar os demais	04	31
Aprender que a crítica só afasta e o respeito só aproxima	03	23

O Treinamento Intercultural foi dado a todos os 13 sujeitos dessa amostra, e destes, 100% sentiram-se ajudados no sentido mostrar perspectivas novas e diferentes, esclarecer dúvidas, diminuir medos e ansiedades, dirimir expectativas ilusórias por ter sido uma advertência para os problemas que vieram a acontecer, por auxiliá-los a diminuir seus preconceitos, para viver com as diferenças de maneira construtiva, por tornar mais fácil a resolução de problemas tendo uma compreensão destes e de si próprio. Apenas um sujeito menciona que *“embora parecesse brincadeira, foi muito sério o conteúdo explicado sobre fatos que posteriormente vieram a ocorrer comigo”*, e um outro sujeito, *“que foi uma preparação para um sofrimento muito grande, que depois pude compreender.”*

Seguem as respostas e suas respectivas freqüências:

Tabela 46

Freqüência e percentual de sujeitos e suas respectivas respostas sobre o porquê o treinamento intercultural pôde ajudá-los durante o intercâmbio

Respostas	f	%
Mostrou-me perspectivas novas e diferentes	12	93
Diminui meus preconceitos	08	62
Para viver com as diferenças de maneira construtiva	06	46
Foi mais fácil resolver os problemas tendo uma compreensão Deles e de mim também	03	23
Embora parecesse brincadeira, foi muito sério o conteúdo explicado, o que veio a acontecer depois	01	08
Preparou para um sofrimento muito grande, mas que se tornou compreensível	01	08

Análise e Discussão

Análise e discussão do Q1.Pais

Fazer intercâmbio é um convite feito inúmeras vezes por amigos, pais, adolescentes em sala de aula com seus colegas. Por ser algo tão popular e freqüente entre os adolescentes (os adolescentes que optam por se envolverem em programas no exterior) causa surpresa que os psicólogos brasileiros não tenham ainda concentrado seus esforços no sentido de compreenderem estas migrações voluntárias. Uma situação bastante específica cuja complexidade passa despercebida. Alguns autores como Zwingmann (1982), citado em Ayse (1991), ocuparam-se, por exemplo, com a questão da saudade. Para eles, a saudade não tem sido um tema integrado ou aprofundado pela psicologia, suas causas, suas conseqüências. Outros autores, porém, ocupam-se com a influência da partida - as situações que precedem o embarque como um fator decisivo e capaz de ilustrar toda uma trajetória futura (Beiser, 1988; Berry et alli, 1987; Kim e Gudykunst, 1988; Grinberg e Grinberg, 1980).

Os dois primeiros questionários (Q1.Pais e Q1.I) buscaram justamente delinear as condições pregressas do intercâmbio. Como estão pais e filhos durante o processo de separação: quais seus sentimentos, expectativas, pensamentos a respeito do programa? Os resultados obtidos confirmam a dificuldade de perceberem e, sobretudo, aceitarem que o equilíbrio familiar sofrerá em menor ou maior grau o dano da perda com a separação - ainda que temporária - do filho. Por mais ajustadas e integradas que estejam estas famílias, tal esforço para a manutenção desta integração vai acobertando o profundo medo e o desamparo que sobrevêm logo após o embarque. Ao longo destes anos, a observação empírica vem confirmar essa "solidão" ou "caída na realidade", não apenas por parte dos

adolescentes, mas também das famílias. Por vezes, a saída do adolescente é o estopim para o desequilíbrio de algumas famílias, mesmo que circunstancial.

Os pais foram investigados na primeira parte da pesquisa, em virtude da natural importância e influência que têm na vida de seus filhos adolescentes (Aberastury, 1988; Bloss, 1988). Não obstante, os estudos referentes à aculturação ainda são incipientes quando relacionados especificamente aos adolescentes. Pesquisas que avaliam a importância da idade no processo da aculturação da influência dos pais quando numa situação de pré-aculturação (por exemplo, pais de origem distintas que criam seus filhos numa situação de biculturalismo e, muitas vezes, bilingüismo) têm sido feitas, mas não voltadas para esta faixa etária (Ayse, 1991; Friesenhan, 1989; Grinberg e Grinberg, 1980; Huong, Messé e Stollak, 1999).

Mesmo nestas pesquisas já produzidas existe um dado interessante quanto aos aspectos da aculturação do ponto de vista da adaptação psicológica e da adaptação sócio-cultural (Searle e Ward, 1990). Estes dizem que, do ponto de vista psicológico, as adaptações entre adolescentes podem ser mais difíceis, no entanto, do ponto de vista sócio-cultural (Rogler, Cortes e Malgady, 1991) acreditam serem mais fáceis posto que as novas gerações de adolescentes são mais aculturadas devido à forte influência de outras culturas que gerações anteriores não tiveram. Entretanto, outros autores que trabalharam com escalas de mensuração de aculturação dizem que este “ser mais aculturado” não é suficiente por si só para garantirem uma boa adaptação (Beiser, 1988; Huong et alli, 1999; Laframboise et alli, 1993).

Mesmo em face a tais controvérsias, creio que o fator etário e, por conseguinte, a influência dos pais não pode ser ignorada quando se trata de intercâmbios para adolescentes. Este é o motivo pelo qual eles são envolvidos durante todo o processo do

Treinamento Intercultural. Assim sendo, o fato de 85% sentirem-se preparados no momento antes do embarque é uma atitude bastante otimista e quase que incrédula das possíveis dificuldades que possam existir, muitas vezes verbalizada como *“coisas ruins podem acontecer com outros, mas com meu filho não vai acontecer”*; *“a gente não cria os filhos pra nós, mas para o mundo; com ela tenho certeza que nada vai dar errado”*. Outros sentimentos aparecem também confirmando esta atitude com altos percentuais de alegria (82%) orgulho (58%) confiança (58%). A coerência segue no que eles imaginam como será o intercâmbio do filho (algo maravilhoso 90%, crescimento pessoal e cultural 89%, amadurecimento 87%, preparação para o futuro 35%) deixando apenas uma pequena margem para aqueles que consideram que possam haver dificuldades e obstáculos (9%). Os pais insistem, também, ao relatar como os filhos imaginam o seu intercâmbio como a realização de um sonho (88%) uma experiência tranquila (74%) e algo alegre, feliz, estimulante (72%) novamente deixando apenas 8% para aqueles que pensam a respeito de ansiedade e apreensão. Ou seja, a experiência perfeita e sem lugar para obstáculos.

Conceber o intercâmbio como a realização de um sonho é algo perigoso no meu ponto de vista. Tratam-se de idealizações que trazem qualidades exageradamente positivas e refutam os aspectos negativos que, não obstante, também estão implícitos no processo. Necessariamente será a realização do sonho do intercambista ou dos próprios pais? Será que esses pais esquecem que até mesmo o crescimento e o amadurecimento podem doer em seus filhos e, provavelmente, neles mesmos? Grinberg e Grinberg (1990) apresentam o conceito de *“dolore de crescita”*, referindo-se ao sofrimento necessário para que o intercambista possa amadurecer, superar seus limites e suportar as ansiedades de separação e fragmentação que podem ser ativadas durante seu intercâmbio. Por sua vez, os pais, não tolerando tal realidade, optam por viverem suas próprias ansiedades de modo maníaco,

negando o sofrimento e dando lugar a sentimentos de triunfo, sucesso e poder. A necessidade de manterem a ilusão do controle - controlar o filho, a si mesmos e a situação, permite-lhes fantasiar a respeito da alegria e perfeição e negar quaisquer possibilidades de sofrimento.

Esses sentimentos fazem com que ambos, tanto quem parte, como quem fica, operem suas defesas maníacas de racionalização e negação (Grinberg e Grinberg, 1990) no sentido de menosprezar a importância da separação. É esta dolorosa experiência inconsciente pela qual passam os pais ao perceberem que, ao não poderem mais ver o filho perdido, este se transformará em pessoa “morta”, digna de luto.

Cabe aqui uma análise que talvez possa explicar o conturbado relacionamento que freqüentemente as famílias de intercambistas têm com as agências de intercâmbio. Considerando o intrincado jogo de defesas e projeções mobilizadas nos familiares e o empenho das empresas em alertarem para as reais dificuldades dos programas, o resultado muitas vezes é irrisório. Reuniões de preparação são realizadas, atendimentos individuais aos clientes, uma venda especialmente cuidadosa é feita por estes profissionais e, no entanto, a maioria apresenta queixas como: *“parece que eles não ouvem, eles não querem saber, eles ouvem agora e daqui a pouco esqueceram de tudo”*. Os mecanismos de defesa iniciam sua atuação desde o início do processo, quando os pais ainda não acreditam que o filho realmente irá matricular-se no programa. Daí em diante, matriculado, em Treinamento, na sala do aeroporto, os pais ainda protelam o encontro com a realidade.

Posteriormente, quaisquer dificuldades, por mínimas que sejam, desmoronam as idealizações e projeções desses familiares. A perda do filho, então, torna-se viva e dolorosa. O luto (Grinberg e Grinberg, 1990) inicia um processo dinâmico que envolve toda a personalidade do pai e/ou da mãe. O problema que o filho possa estar tendo, sendo

saudades, a inadequação inicial com os costumes locais, o fato de morar longe da escola, de não ter habilidade no idioma local, não importam os motivos alegados, em menor ou maior grau, a culpa cai sobre os pais. É a “culpa do abandono, do ter-se deixado abandonar e sentir-se abandonado” (Grinberg e Grinberg, 1990 p.27). A culpa torna-se persecutória, o próprio objeto perdido (o filho amado) retorna de forma imaginária clamando pelo retorno ao lar. Os pais não tolerando esses sentimentos destruidores, projetam, então, para as próprias empresas a culpa de ter-lhes tirado o filho e possibilitado tamanho horror e sofrimento. Ao mesmo tempo, esses sentimentos de ansiedade e culpa persecutórias relativos à perda do filho (e de si mesmo) transformam-se em fatores que agravam ainda mais a elaboração da separação. Para Grinberg e Grinberg (1990, p. 30) esta é uma experiência que pode representar uma “mudança catastrófica”, na medida em que a pessoa que fica experimentará também momentos de dor, frustração, arrependimento e confusão.

O uso do controle onipotente na tentativa de se defenderem contra o stress de terem abandonado e sentirem-se abandonados faz com que os pais atuem como se tivessem ainda o controle total sobre seus filhos, atuando e perseguindo a própria agência de intercâmbio. Às vezes, atitudes de natureza irracional acompanham esse relacionamento através de ameaças, hostilidades, perseguições e as histórias catastróficas que acompanhamos na televisão sobre intercambistas maltratados ou agências fraudulentas.

Naturalmente cabe uma reflexão quanto à própria reação da agência também que, ao sentir-se ameaçada e responsabilizada por questões de caráter pessoal e psicológicas, defende-se de maneira confusa e muitas vezes hostil, manifestando que “*os clientes querem a mão, e se dermos entrada levam o teu braço; aos clientes devem ser dados limites*”. Tratam-se de respostas inadequadas frente às projeções familiares que vêm mobilizar ainda mais sua culpa pela simultânea perda e abandono dos filhos. Weiss (apud Grinberg e

Grinberg, 1963) encontrou uma semelhança entre depressão e paranóia, e sugeriu que o objeto persecutório introjetado, raiz desse intenso sentimento de culpa, era projetado ao exterior e isto resultaria numa paranóia ao mundo externo, deste modo dando um certo encaminhamento para o conflito melancólico. Grinberg e Grinberg (1963) dizem:

Na minha opinião, toda perda de um objeto, morto ou ausente, pressupõem automaticamente para o inconsciente a perda da parte de si mesmo que estava ligada ao objeto. Sabemos que toda relação objetal implica na coexistência simultânea de: um objeto, um aspecto de si mesmo e o afeto experimentado por este objeto. Portanto, a separação das pessoas envolve também a vivência de perdas dos aspectos de si mesmo ligados àquela pessoa, com a conseqüente culpa e luto pelo mesmo. (Grinberg e Grinberg, 1963, p.162)

Posteriormente, uma outra forma de vivenciar ou tentar elaborar o luto é explicada por Grinberg e Grinberg (idem) como muito freqüente em pacientes neuróticos: por sentirem seus egos demasiadamente frágeis para suportar a culpa depressiva (pena de si mesmo, responsabilidade e necessidade de reparar a perda do objeto) negam sua participação e, através da identificação projetiva, encontram depositários para esta culpa em pessoas ao seu redor. Neste caso, muitos familiares ao verem seus filhos em situações difíceis durante o intercâmbio, mesmo que situações normais e correntes dos programas, armam-se ferozmente e atacam as agências e os profissionais presentes com hostilidade e desconfiança sem fundamento. Por sua vez, as agências ficam numa posição freqüentemente confusa e indefesa sem saber como manejar com a ansiedade e angústia que chega até ela.

Além do controle onipotente (Gabbard, 1996) outras defesas podem proteger os pais de seu sofrimento (Grinberg e Grinberg, 1990): defesas maníacas na tentativa de desvalorizar a dor da separação; defesas paranóides acusando as agências ou de irresponsabilidade e indolência em relação ao filho, rivalizando com a família hospedeira, procurando defeitos na qualidade de relacionamento deles ou ainda a identificação melancólica atribuindo a si mesmo a culpa pela perda do filho e a distância sofrida.

Efetivamente entre os exercícios do Treinamento Intercultural buscam-se os principais medos dos pais em relação ao programa e, entre eles, aparecem freqüentemente: que o filho não queira voltar, que o filho ou eles mesmos possam morrer, que os filhos sofram algum mal terrível e irreparável (como tornados, nevascas ou outros tipos de acidentes) ou, efetivamente, que os filhos sofram por não estarem preparados para esse tipo de experiência.

Prosseguindo com a discussão dos resultados, encontramos outros motivos alegados para os familiares sentirem-se preparados: o fato de já terem uma experiência anterior com outro filho intercambista e, esta, por ter sido bem sucedida, ter possibilitado a confiança necessária para fazê-lo novamente. Estes têm uma visão bastante realista e sabem das alegrias e sofrimentos do intercâmbio e, portanto, que estão preparados para enfrentá-los. As fantasias inerentes ao fato já não são experimentadas como tão profundas e avassaladoras pois já teriam a “noção de realidade”, intrínseca ao processo. Tal noção de realidade é fundamental para o bem-estar deles e do filho, pois certamente podem viver seus sentimentos de forma mais lúcida e menos ansiosa.

Do mesmo modo, 15% dizem não se sentirem preparados para a separação, a saudade e a real apreensão por ficarem tanto tempo sem ver o(a) filho(a). Entre os motivos alegados estão o de que não conseguiram efetivamente dar-se conta de que “*isso tudo é*

verdade” e/ou preferem pensar “*só na hora do embarque*”. É interessante perceber que ambas as amostras pré-embarque (do grupo de pais e do grupo de intercambistas) desejam dominar as ameaças e os fatores estressantes próximos à separação, sendo que o primeiro grupo o faz de maneira inconsciente, e já este último, conscientemente. Outro dos motivos apontados é a falta de informação sobre o processo do intercâmbio, não tanto do ponto de vista operacional mas emocional, ou seja, como irão se sentir, como deverão reagir, o que fazer em situações novas pelas quais nunca passaram antes. Para estes pais, o Treinamento Intercultural apareceu posteriormente como uma boa resposta, pois através dele sentiram que tiveram indicações nesse sentido (conforme categorias mencionadas na Tabela 24). Efetivamente autores como Ayse (1991) Castro (1984) Fowler e Mumford (1995, 1996) Deutsch (1993) Rogler, Cortes e Malgady (1991) apontam o Treinamento Intercultural como instrumento sócio-cognitivo para cumprir tais objetivos.

A questão final deste etapa diz respeito às mensagens dadas aos seus filhos no momento da despedida. Curiosamente, as respostas alertam, estimulam e consolam seus filhos em situações de luta, desânimo e preocupação. O crucial destes resultados é que mostram a ambivalência presente nos pais quanto ao que imaginam do intercâmbio - algo muito bom, livre de dificuldades e que, posteriormente, merece estímulos como “*tudo dará certo, não se preocupe*”- mas preocupar-se com o quê? *Não desista da luta, não desanime* - luta, qual luta? Desanimar por quê? A insegurança subjacente dos pais não aparece claramente durante o questionário, senão ao final, quando espontaneamente revelam aos filhos suas apreensões.

Análise do Q1.I

Os resultados encontrados nesta etapa de pré-embarque e pré-treinamento são também muito similares àqueles dos pais. Sentimentos positivos em alto percentual como alegria, confiança, euforia, assim como ansiedade e saudades com percentuais respectivamente altos (59% e 48%). Os aspectos positivos e negativos do intercâmbio aparecem de maneira obviamente contraditória. Para cada aspecto positivo, um negativo correlato: conhecer uma cultura diferente *versus* relacionar-se com culturas diferentes, aprender um novo idioma *versus* ter dificuldade com o novo idioma; aprender a cuidar-se sozinho *versus* solidão; amadurecimento *versus* desadaptação. Um resultado mais realista dos adolescentes, que seguramente sabem mais informações sobre os programas de intercâmbio pela mídia, por amigos que já participaram e pelos freqüentes “chats” na internet que os colocam mais próximos de outras culturas. O distanciamento cultural é menor e a qualidade da informação melhor.

Quanto à percepção sobre os sentimentos de seus pais, os resultados foram bem mais completos e integrados do que os resultados de seus próprios pais sobre si mesmos, no sentido de que os adolescentes percebem mais claramente a ambivalência deles, com os sentimentos positivos e negativos quanto ao processo.

Isso pode levar-nos a crer que os adolescentes têm uma noção mais clara da realidade e que, portanto, estão mais preparados ou aptos que seus pais para a separação e para viver um período no exterior? Depende. Autores como Rogler, Cortes e Malgady (1991) e Verdú (1996) afirmam que os adolescentes hispânicos (considerando aqui os brasileiros) são mais aculturados que seus pais, por questões etárias e de influência

internacional. Desse modo, teriam mais informações sobre a realidade de outros países, sobretudo de cultura hegemônica como os Estados Unidos da América. Outros, porém, (Berry, 1974; Cameron e Lalonde, 1993, 1994; Padilla, 1980) dizem que este acúmulo de informação não necessariamente garantiria um bom processo aculturativo e, neste caso, a integração (Berry, Seagal e Kagitçibasi, 1997).

Mas além de terem mais informações, os resultados demonstram um contato mais autêntico e real com os sentimentos de seus pais, embora os percentuais altos tendam sempre para os aspectos positivos da experiência. A onipotência do adolescente aparece em outro momento: naquele onde precisa saber de si mesmo e de suas capacidades. Neste caso, 93% deles dizem estarem preparados e os motivos são bem condizentes à adolescência: *“porque já pensaram em tudo o que lhes pode acontecer (96%) já são suficientemente experientes para estarem longe dos pais (96%)* entre outras justificativas que a autora toma conhecimento nos seus encontros com os adolescentes. Apenas 7% consideraram a possibilidade de não estarem preparados ainda com a razoável explicação de que *“não podem antecipar o que vai acontecer, mas esperam saber lidar com as situações”*.

Um fator complementar a estes resultados pode estar relacionado à dificuldade que algumas empresas têm de reunir o contingente necessário de adolescentes para realizarem o Treinamento Intercultural. Embora a agência verifique a importância do mesmo, muitas vezes não consegue fazê-lo porque os pais e/ou os adolescentes não o julgam necessário. Justificativas como, *“com esse dinheiro posso comprar algo na Disney, já sei de tudo, já viajei pro exterior muitas vezes ou já fui para Buenos Aires”*, são ouvidas frequentemente. Os pais, por sua vez, apresentam eventuais resistências aos encontros porque *“viajo muito ao exterior, meu filho é excelente ou minha família tem a cabeça ótima.”* Somados os fatores onipotência, o desconhecimento sobre os benefícios que a Educação Intercultural

tem a oferecer e do que vem a ser esse tipo de atividade, os grupos acabam, na maioria das vezes, rejeitando a proposta.

Autores como Aberastury (1988) e Bloss (1988) consideram a adolescência como uma síndrome por seus múltiplos aspectos contraditórios que podem levar a uma desorganização intensa no sentido de uma posterior reorganização. Para suportar tal desorganização, mecanismos compensatórios e moderadores de defesa (Freud, 1972) atuam, como, por exemplo, a onipotência e a intelectualização. O primeiro, já descrito anteriormente como controle onipotente visa negar os aspectos nocivos da experiência e crer-se capaz de controlá-los e, portanto, afastá-los. O segundo, visa evitar as mesmas implicações emocionais desagradáveis de uma maneira ideal e racionalmente, tendo também conforto e segurança. Em ambos os casos, os adolescentes utilizam destas defesas por serem convenientes à situação (ainda que em nível inconsciente) mas também porque fazem parte de seu repertório atual enquanto adolescentes (Freud, 1972; Bloss, 1988; Aberastury, 1988). Dessa maneira, estarão sempre seguros e protegidos de quaisquer problemas que possam ocorrer durante seu intercâmbio e protegidos, inclusive, de si mesmos.

A última questão desta etapa foi realizada após o Treinamento Intercultural e os resultados demonstraram possíveis mudanças de atitudes de acordo com a percepção subjetiva dos sujeitos a respeito de si mesmos. Rodrigues (1986) considera as atitudes como uma organização duradoura de crenças e cognições, uma carga afetiva pró ou contra e uma predisposição a agir dirigida a um objeto social. Em outras palavras, que as atitudes têm o seu conteúdo afetivo, cognitivo e comportamental. Triandis (1982) acredita ser necessário que se entenda que atitudes envolvem o que as pessoas pensam, sentem e como elas gostariam de se comportar. Em outras palavras, que o comportamento não é apenas

determinado pelo que as pessoas gostariam de fazer, mas também pelo que elas pensam que devem fazer e pelas conseqüências esperadas de seu comportamento.

Para ilustrar esta mudança de atitudes ou o modo de pensar conforme foi perguntado aos sujeitos, os resultados foram analisados e relatados em três categorias: maior segurança/maior confiança; mais preparado/mais esclarecido; mudei meu modo de pensar/modo de agir. Creio ser importante mencionar que, para todos os sujeitos questionados, as repostas foram positivas no sentido de que sim, houve mudanças no modo de pensar. Para Seely (1996) Sebben (1995, 1999) Nanni (1998) Novara (1989) Paige (1993) Petracchi (1994) este é o objetivo central da Educação Intercultural, bem como do Treinamento Intercultural ao trazerem a dinâmica das relações interétnicas e os possíveis fenômenos nos quais estarão inseridos os hóspedes e os hospedeiros. Produzindo assim uma *“adequação às diferenças de maneira enriquecedora; uma reflexão sobre a própria identidade; uma compreensão intercultural à fim de promover a comunicação e o encontro”* (Vincent, 1998, p. 13).

Análise dos Q2.I, Q3.1 e Q4.I

No período compreendido entre o 1º e o 4º mês de estadia, os intercambistas apresentaram no questionário respostas de ausência ou leve dificuldade para quase todas as áreas, salvo o idioma e a adaptação. A dificuldade, em maior grau com a adaptação inicial relacionada ao idioma é, no ponto de vista da autora, de fundamental importância para que se possa compreender a integração destes intercambistas. De uma maneira muito evidente, as primeiras queixas vêm numa ordem tradicionalmente conhecida: a dificuldade de compreenderem o outro, a dificuldade de se fazerem compreender e, portanto, a dificuldade de se relacionarem em todos os âmbitos, na família, na escola, no aprendizado escolar e com os amigos em geral. Ao ultrapassarem esta fase, passam a compreender o outro, o que ainda não é o suficiente, pois faltaria ainda completar o ciclo da comunicação que seria o fazer-se compreender. Aí sim, dizem estarem adaptados.

Vicenzo (1998) diz que o estrangeiro ao chegar ao novo país sem uma preparação lingüística adequada é obrigado a viver o drama de se encontrar numa situação na qual os símbolos de comunicação e de relacionamento não fazem o menor sentido para ele. Usar corretamente um idioma significa compreender sua tradução e suas conseqüências de uso. Não basta, portanto, saber falar, mas saber comunicar-se adequadamente em diferentes situações. Daí a importância da comunicação verbal e também não-verbal quando intercambistas falam de suas tradicionais gafes. Podemos citar o exemplo de um brasileiro na Finlândia, onde seu usual contato visual direto com os interlocutores causava constrangimento entre os hospedeiros, ou um outro indivíduo na Espanha, que usava espontaneamente o “tu” ao invés do “Ud” com seus professores, o que, do mesmo modo, era visto de maneira muito mal-educada e grotesca de sua parte; ainda, como os

americanos sentiam um intercambista demasiadamente afetivo e audacioso por seus freqüentes contatos corporais ao falar e gesticular.

Grinberg e Grinberg (1990) sugerem que a linguagem cria uma nova realidade e de certa maneira a impõe, o que neste caso é verdade. No entanto, não apenas esta determina a adaptação, como a adaptação pode determiná-la. Intercambistas que não se sentem à vontade, têm um grau maior de depressão ou saudade, evitam o contato, evitando, portanto, o aprendizado da língua. Negá-la é, por conseqüência, negar a realidade. A autora já acompanhou estrangeiros que estavam no Brasil há três meses, em média, e ainda negavam-se a falar português, insistindo sempre que se falasse inglês com eles - casos de difícil adaptação e, posteriormente, de retornos prematuros.

Sabe-se que a falta de comunicação é um dos fatores primários nas bases das psicoses e se agrava na migração porque o sujeito deve pensar, sentir e raciocinar num novo idioma, com maneirismos culturais completamente estranhos ao seu referencial. Para o imigrante há não apenas que comunicar novos conceitos, mas aprender, recriar, resignificar conceitos. Ademais, a linguagem viabiliza a imagem objetiva e subjetiva do sujeito quando estabelece um diálogo entre um “eu” e o “outro”. Assim, deixar de ser “eu” para ser “I”, “Je” ou “Io” torna-se virtualmente uma ameaça para a identidade. Não é de estranhar, pois, que linguagem e adaptação tenham uma íntima relação, visto que o ambiente cultural de qualquer pessoa é intimamente vinculado ao “jogo linguístico” da mesma, e, por si só, único e incompreensível para quem é de fora deste mesmo contexto. Entretanto, cabe lembrar que no retorno ao Brasil, já não há mais relação entre o idioma e a adaptação, onde os adolescentes avaliam o primeiro como área de dificuldade moderada, e, o segundo, de dificuldades leves. Isso se dá, talvez, pelo conhecido platô de aprendizagem linguística (Berry e Sam, 1996) quando o imigrante, após uma relativa rapidez na sua aquisição de

vocabulário básico para a interação social, passa por um período de aquisição lenta de novos vocábulos. O que, ao final do intercâmbio, é possível que aconteça.

Analisando individualmente, e de maneira mais acurada, as avaliações feitas pelos intercambistas à respeito da adaptação encontramos um resultado curioso: durante todo o intercâmbio – do 1º ao 10º mês, acusam ausência de dificuldades e dificuldades leves em quase todas as áreas, exceto a adaptação, o relacionamento com o coordenador local e na fluência do idioma, que aparecem com dificuldades moderadas. Entretanto, no retorno ao Brasil, os intercambistas avaliam estas áreas novamente e indicam que em quase todas tiveram dificuldades moderadas e graves, porém, a adaptação, novamente, aparece como que alienada: ausência de dificuldade. Como pode ser isso? A adaptação não vem relacionada às demais áreas, senão, contradizendo-as. O que o intercambista compreende por adaptação?

Uma possível compreensão do fato, é que a adaptação destes sujeitos foi positiva em todos os seus aspectos – exceto, a adaptação (alimentação, regras da casa hospedeira e diferenças culturais) como aparece no questionário. Ao mesmo tempo, fazendo uma crítica ao questionário, esse conceito de adaptação pode ter levado os sujeitos a pensarem que são de fato níveis diferentes de adaptação. Caso os sujeitos tenham compreendido assim, a adaptação a esses elementos (alimentação, regras da casa e diferenças culturais) pode ter sido difícil, mas nas demais áreas ter sido mais fácil, ainda que esses elementos dificilmente podem ser independentes dos demais.

Do ponto de vista conceitual, tal confusão talvez possa ser compreendida à luz do conceito de Berry (1995) sobre a adaptação negativa à curto prazo, ao levar o indivíduo a ter dificuldades iniciais sendo que, posteriormente, amadureceria em direção à chamada adaptação positiva à longo prazo, onde tende a se normalizar e tornar-se uma experiência

enriquecedora para o indivíduo conforme encaminhou-se os resultados do elemento adaptação. Porém, creio que Searle e Ward (1990) podem contribuir para essa compreensão, ao diferenciar níveis de adaptação, entre adaptação psicológica e sócio-cultural. Talvez isso possa explicar porque os indivíduos, mesmo face às dificuldades gerais, mencionam uma adaptação sem dificuldades. De qual adaptação estariam falando? Tratam-se das diferenças entre a adaptação psicológica (o encontro da satisfação pessoal no contexto intercultural, resultados psicológicos internos positivos, boa integração da identidade) onde demonstram as dificuldades e a adaptação sócio-cultural (as habilidades para lidar com o ambiente externo, ligados aos indivíduos no novo contexto) onde demonstram não ter dificuldades.

Essa diferença (nas respostas de adaptação relacionada às demais áreas) aparece também nos resultados finais, ao retornarem ao Brasil e avaliarem sua adaptação contrária e independente das demais áreas, (nesse caso, completamente ao contrário dos últimos questionários, com dificuldade moderada em todas as áreas e ausência de dificuldade na adaptação) sem distinção do que seriam variáveis pessoais e variáveis situacionais ou externas. Aycan e Berry (1996) compreendem a adaptação como um fenômeno multifacetado (por ser de conteúdo psicológico e sócio-cultural) mas também plástico, por sofrer diferenças no decorrer do tempo e nos preditores experimentais diferenciados. Para eles, os problemas psicológicos aparecem freqüentemente cedo após o contato intercultural, seguidos, geralmente, de um decréscimo no decorrer do tempo. Por sua vez, a adaptação sócio-cultural, entretanto, obedece um progresso linear no tempo.

Araújo (1996) explica essa psicodinâmica da aculturação através de um processo de três fases: a “lua-de-mel” com a chegada ao novo país, as novidades, as diferenças intrigantes; a “ira e a raiva” ao perceber as dificuldades dessas diferenças e as possíveis

discriminações decorrentes desse distanciamento cultural e finalmente a última fase, de “negociação e aceitação”, onde finalmente procura-se o equilíbrio entre sua identidade étnica e a adaptação à nova cultura, conforme aparece o progresso da avaliação do elemento adaptação.

Faz-se importante destacar, novamente, que dadas as características dos grupos constituídos nesta investigação, não há como efetuar-se uma análise comparativa. Os resultados a que chegamos dizem respeito a cada um deles separadamente. Por esta razão, os dados não são cruzados aqui.

Quanto ao relacionamento com a agência no Brasil, delineia-se muito semelhante aos anteriores, com uma média de dificuldades leves durante o intercâmbio e um pequeno aumento, para dificuldades moderadas no retorno ao Brasil. Cabe uma análise particular deste resultado: o adolescente, uma vez bem integrado na cultura e satisfeito com seu intercâmbio, geralmente não contata a agência com a mesma frequência que aqueles que estão atravessando problemas. Desse modo, os que estão em dificuldades e não conseguem o respaldo esperado da agência terminam seus programas de intercâmbio muito frustrados e decepcionados com as mesmas. Além do que, dados empíricos demonstram que os conflitos com a agência local tendem a ser mais entre pais e agenciadores do que os próprios intercambistas.

O relacionamento com os colegas da escola, amigos, vizinhos, bem como com a aprendizagem na escola, apresentaram respostas semelhantes: leves dificuldades durante os 10 meses e dificuldades moderadas no retorno ao Brasil. No decorrer do programa, os intercambistas vão expandindo seu ciclo social e sofrendo, em menor ou maior grau, as dificuldades intrínsecas aos mesmos. Entretanto, nestes grupos as dificuldades nas áreas não aparecem aumentadas – e sim, lineares, com respectivo aumento de dificuldades na

avaliação que fazem ao retornar ao Brasil. Esse resultado vem ao encontro das respostas de separação aos outros aspectos do questionário: de que os sujeitos estavam com dificuldades de integração. Talvez, foi ao final, no retorno ao Brasil, que as dificuldades aparecem aumentadas, por ser, conforme mencionado pelos sujeitos, um momento difícil de separação de seus hospedeiros e de toda uma conquista feita durante todo o ano, que deverá ser deixada para trás nesse momento. Eis aqui uma reflexão que necessita ser feita.

Por outro lado, deve-se ainda considerar, mesmo como uma hipótese remota, de que estas respostas podem sugerir dificuldade de não conseguirem conquistar relações sociais suficientes e/ou satisfatórias. Portanto, o aumento no grau de dificuldade com relacionamentos com os colegas de aula, com demais pessoas no país e com a aprendizagem na escola pode advir, inclusive, da ausência destas relações. Sam (1998) verificou que um dos fatores significativos para a adaptação é o número de amigos que o estrangeiro terá no país hospedeiro. Pode-se inferir que os amigos geralmente fornecem o suporte social necessário para que o intercambista sinta-se aceito e integrado, e ao mesmo tempo, que possa facilitar sua interação e aprendizagem escolar, do mesmo modo que este mesmo suporte social será uma compensação frente aos obstáculos decorrentes de viver numa cultura estrangeira (Sam, 1999).

A avaliação do relacionamento com a família hospedeira, assim como com o coordenador local, parece obedecer à chamada adaptação positiva em termos de curva U (Beiser, 1988; Kim e Gudynkust, 1988; Ward e Kennedy, 1992; Berry, 1997). Esta deu-se num processo que iniciou com poucos problemas, seguido de problemas mais sérios numa segunda fase e, terminando, por uma acomodação de longo termo mais positiva. O término, porém, da curva relacionada à família hospedeira não alcança os níveis desejados de ausência de dificuldade, mas certamente, houve uma diminuição da mesma. Quanto ao

relacionamento com o coordenador local, iniciado com poucas dificuldades, alcançando níveis moderados de dificuldade entre o 5º e o 10º mês e, novamente, declinando ao final, talvez possa ser compreendido através das seguintes arguições: primeiro, por altas expectativas dos intercambistas em relação aos mesmos, ao esperarem atitudes demasiadamente tutelares que não fazem parte da operação dos programas, e posteriormente serem frustradas, como prover suporte emocional, levá-los ou buscá-los de carro nos lugares distantes, compreender as saudades e tentar aliviá-las de alguma maneira, a necessidade de mais atenção ou mais afeto por parte destes. É interessante perceber que muitos fatores inerentes aos intercâmbios, e à própria vida, não são controláveis, mas, no entanto, nessa situação (de intercâmbio) tanto os adolescentes como seus familiares no Brasil têm necessidade de respostas às mais absurdas questões como: *“E se tiver terremotos? E se passar um tornado onde ele está? Não seria possível a empresa fornecer um cardápio nutricional apropriado ao meu filho quando estiver no exterior? E se ele perder o ônibus para ir à escola? Como ele vai fazer para não sentir-se sozinho quando os pais hospedeiros tiverem que sair e deixá-lo em casa? O coordenador vai cuidar dele?”* Estas perguntas trazem à baila o fato de que freqüentemente as agências brasileiras cultivam uma imagem extremamente tutelar de seus programas, delegando ao coordenador local atribuições que não condizem com a realidade. O que passa a acontecer é que, ao início do intercâmbio, ambos – coordenador e intercambista - não se conhecem e, portanto, ainda não surgiram conflitos e diferenças entre si, e, sobretudo, seus papéis não estão claros. A clareza da função do coordenador, as limitações na sua atuação, as diferenças entre ele e o intercambista vão aparecendo com o passar dos meses e, ao final da estadia, ou estão perfeitamente integrados, ou não alcançaram tal nível de integração – muitas vezes desligando-se completamente um do outro. É importante ressaltar, também, que

freqüentemente os brasileiros têm em mente um modelo cultural de acolhida e tutela aos estrangeiros e espera o mesmo de seus hospedeiros. Os coordenadores dos programas nada mais são do que funcionários que eventualmente irão monitorar o progresso do adolescente. Alguns, inclusive, o fazem por telefone e não chegam sequer a conhecer pessoalmente o adolescente.

Os sintomas psicossomáticos

Quanto aos sintomas psicossomáticos, foram mais expressivos o excesso de sono e dores de cabeça. Em seqüência, foram indicados: dor nas costas, dificuldade para dormir, irregularidade intestinal, dor no estômago, náusea, irritabilidade e mal-humor e nervosismo. Carden e Feicht (1991) citados por Sam (1994b) também encontraram resultados semelhantes no seu trabalho sobre “homesickness” e relacionaram sintomas psicossomáticos como insônia, excessos de sono, transtornos alimentares e transtornos de humor com dificuldades de adaptação ou, mais especificamente, com saudades. Adolescentes americanos com alto índice de saudades eram mais propensos aos sintomas psicossomáticos dos que aqueles com baixo índice de saudades. Sam (1994b) considera a psicossomatização como uma desordem emocional das mais correntes entre os estrangeiros em períodos migratórios, mencionando os estudos de Jou e Fikada (1997) Sam (1999) Ward (1997) e Ying e Liese (1991) citados em Sam (1991a, 1991b, 1991c, 1994a) sobre intercambistas com problemas de depressão, reações paranóides e ansiosas. Carden e Feicht (1991) novamente citados por Sam (1994a) também relacionaram a saudade aos sintomas psicossomáticos como irritabilidade, depressão, problemas de sono, problemas gastrointestinais, irregularidade menstrual, fadiga e falta de sono. Também Berry (1992)

relaciona tais sintomas como parte do stress aculturativo, assim como sentimentos de marginalização e alienação, ansiedade confusional, ansiedade de fragmentação e isolamento.

Os recursos pessoais de adaptação

Quanto aos recursos de adaptação, foram mencionados vários fatores, não variando muito entre o 1º mês e o final do intercâmbio. Basicamente estas foram as sugestões dos intercambistas para melhorarem seu bem-estar e sua adaptação: uma comunicação aberta com a família hospedeira, boa alimentação, sono regular, seguir as regras culturais locais, não ficar ocioso por muito tempo, buscar integrar-se nas atividades sociais, não isolar-se de maneira alguma, não comparar o país hospedeiro com o Brasil, ler, ouvir música e divertir-se. Respostas mais pessoais surgiram entre o 4º e o 6º mês de estadia, sobretudo entre aqueles que mostravam insatisfação durante o programa: *“buscar o impossível, ver coisas boas onde não têm, pensar que isso é passageiro e que já vai terminar.”* Tais respostas sugerem o que Merton (1987) citado por Rogler et alli (1991) define como aculturação: *“um evento estratégico de pesquisa”* (p. 585) fazendo uma alusão às respostas destes intercambistas que buscam pesquisar novas maneiras de “estar e viver” no país hospedeiro. Este esforço de buscar uma adaptação melhor reporta também ao conceito de choque cultural de Oberg (1960) cuja definição está no sofrimento subjacente ao esforço de buscar a adaptação num ambiente culturalmente diverso. Furnahm e Bochner (1986) rejeitam o conceito popular de que choque cultural seria uma falha no ajustamento, mas uma deficiência nas habilidades sociais do sujeito de interagir num ambiente não familiar para ele.

Lazarus (1984) foi citado por Berry (1998) ao considerar estratégias de enfrentamento dentro de uma perspectiva aculturativa. Essas estratégias de enfrentamento seriam as maneiras pelas quais os imigrantes optariam para lidar com os conflitos

interculturais ou, em outras palavras, os recursos de adaptação numa ótica de assertividade. As respostas manifestas pelos intercambistas sugerem, em sua maioria, o que Lazarus define como “*problem-focused coping*”, a abordagem na qual a modificação do comportamento viria através de uma mudança na resolução do problema, e, posteriormente, a uma “*emotion-focused coping*” (a abordagem na qual a modificação do comportamento viria através de uma mudança na regulação das emoções associadas aos problemas).

Diaz e Guerrero (1979) citados por Berry e Sam (1996) fazem ainda uma distinção entre enfrentamento passivo e ativo. O primeiro tende a alterar a situação e conseqüentemente é similar ao enfrentamento focado no problema. Para os autores, esta abordagem pode ter somente um sucesso limitado se o problema estiver na sociedade dominante e, especialmente, se não houver interesse em acomodar as necessidades dos indivíduos aculturados. Mas se houver uma aceitação mediana pode ser uma abordagem interessante para muitos intercambistas. Já o enfrentamento passivo resultaria numa paciência e automodificação do sujeito e se relacionaria com as estratégias de aculturação (assimilação ou integração). Estas estratégias estão mais propensas ao sucesso se a sociedade dominante tiver atitudes positivas e estiver aberta a aceitar os grupos aculturados. Se as atitudes são hostis, as estratégias de enfrentamento passivo podem conduzir a níveis inaceitáveis de exclusão e dominação.

As estratégias de aculturação escolhidas

As afirmações de discordância e concordância dizem respeito às estratégias de aculturação de Berry et alli (1988). As respostas encontradas apontam para uma tendência preponderante em termos de estratégia de separação durante o intercâmbio. Do mesmo

modo, características da estratégia de marginalização e integração aparecem em alguns sujeitos, bem como uma aberta rejeição à estratégias de assimilação.

Esses resultados apontam para uma relativa manutenção cultural por parte dos intercambistas e, ao mesmo tempo, uma precária participação e contato com a cultura hospedeira, fazendo-nos pensar que há entre esses países um grau de política de acolhida multicultural muito pequeno. Se não for prerrogativa exclusiva dos países, pode ser apontado como um elemento identificador das comunidades que acolhem, visto que as famílias hospedeiras, em sua maioria, são voluntárias e, desde logo, querem receber os estrangeiros em suas casa. Muito embora, devido ao pequeno desconto dado a essas famílias pelo governo americano, para estimular a acolhida de estrangeiros, podemos inferir também que o caráter “voluntário” não seja tão “voluntário”, mas mais, por necessidade das famílias de receberem esse desconto. Um certo grau de aceitação e recebimento deveriam estar presentes nessas comunidades para que a estratégia de integração pudesse ser escolhida pelos intercambistas.

Diferente dos resultados desta pesquisa, estudos dirigidos por Berry e seus colaboradores (1987, 1995, 1996) apontam a estratégia integração como a preferida em diversos grupos étnicos na América do Norte, seguidas de assimilação e separação e, por último, a marginalização. Furthemore et alli (1987) monitoraram um grupo de imigrantes no Canadá que adotavam a estratégia de integração quando sentiam-se minimamente os efeitos do stress aculturativo e, a estratégia de marginalização e separação, quando sentiam grandes níveis de stress aculturativo.

De um ponto de vista psicológico, Berry e Sam (1996) indicam que, no caso de intercambistas adolescentes que participam de programas de intercâmbio, há uma relativa facilidade de adaptação durante sua estadia pelo fato de serem imigrantes voluntários. Um

dos motivos apontados para isso é que o seu contato é dirigido e tem um objetivo muito definido (neste caso cursarem o ensino médio no exterior durante 6 ou 10 meses) e que muitos deles já saem de seus países com uma qualificação básica e necessária para alcançarem seus objetivos. Entretanto, devido à natureza temporária de sua estadia e o planejamento de voltarem ao seu país de origem, alguns intercambistas podem menosprezar a importância de fatores moderadores, como a competência lingüística e o estabelecimento de relações interpessoais importantes, chaves para uma adaptação positiva. Selby e Wood (citados por Berry e Sam, 1996) encontraram dados de pesquisa nas quais estrangeiros em estadia nos Estados Unidos da América dispensavam a interação com colegas americanos, na idéia de que não estavam lá para isso, mas para conseguir sua graduação na escola e voltarem para casa. Fatores que, talvez, possam ter colaborado na escolha da estratégia de separação destes intercambistas.

Beiser (1988) por sua vez, acredita que os processos de aculturação são um risco, mas não um destino, e que a estratégia de integração pode ser ensinada e aprendida, tanto antes melhor. No *Youth Research* (1986) defende-se a idéia de que tanto maior o grau de preparação antes do embarque tão maior a capacidade de alcançarem a aculturação/integração em seus países hospedeiros. Do mesmo modo, Klinenberg e Hull (citados por Berry e Sam, 1996) encontraram em suas pesquisas uma relação positiva entre o Treinamento Intercultural e a estratégia de integração, assim como um pré-intercâmbio (estadia de um ou dois meses no exterior) antes dos intercâmbios de longa-duração. Ambos funcionariam como treinamentos pré-embarque e otimizariam a capacidade do indivíduo para uma boa adaptação.

Estar ou não preparado para fazer intercâmbio

Pouco foi escrito sobre as condições pregressas de imigrantes e/ou intercambistas. No entanto, um estudo completo sobre aculturação deveria começar com um exame compreensivo e completo sobre as sociedades de origem e as sociedades de acolhida. Um dos fatores mencionados por Berry (1998) é o distanciamento cultural, ou seja, o grau variável de encontro ou desencontro dessas diferenças culturais, em parte para entender de onde as pessoas vêm e em parte para estabelecer paradigmas culturais de comparação com a sociedade de origem e ter como base uma estimativa deste distanciamento e os possíveis conflitos daí existentes.

A análise que gostaria de levantar aqui sobre os 27, dos 29 sujeitos que se sentiam preparados para os encontros interculturais na etapa pré-embarque, seria justamente desta percepção que os brasileiros têm de um distanciamento cultural mínimo com suas sociedades de acolhida, manifestando sempre saberem muito a respeito delas, terem viajado ou sentirem no seu dia-a-dia a influência dela. Creio que isso pode aumentar suas ilusões sobre sua acolhida, mas com grande frequência, creio que a acolhida é diferente do que eles esperam, nem para pior ou para melhor, mas diferente. Tanto no que tange ao modo de se comunicarem, de se relacionarem, do quão compreendido e aceitos se sentem ou o quanto conseguem compreender e aceitar seus hospedeiros. Ainda convém cruzar os dados dos intercambistas pré-embarque, onde 27 dos 29 sujeitos diziam ter a impressão de sentirem-se preparados, com aqueles da etapa retorno, onde 10 dos 13 sujeitos confirmaram realmente estar preparados. Embora sejam grupos de números diferentes, convém lembrar que destes 29 que embarcaram, 13 estão entre eles que responderam os questionários de retorno. As razões pelas quais justificam suas respostas na etapa pré-embarque não

estabelecem uma relação direta com àquelas justificativas dadas no retorno ao Brasil, exceto nos seguintes aspectos: anteriormente sentiam-se preparados por “serem experientes e por saberem o que podiam esperar”, e, ao retornarem, apontam que “sentiam-se maduros saberem o que podiam esperar”. Paradoxalmente, a justificativa no retorno que apontam porque não estavam preparados, era “pensarem que estavam e que poderiam controlar tudo”, relacionando com a justificativa pré-embarque de estarem preparados porque “sabemos tudo o que pode acontecer, somos bastante experientes.”

O que mudou no modo de ser

Durante as cinco etapas da pesquisa algumas questões repetiam-se a fim de investigar o progresso de suas respostas durante o intercâmbio, como por exemplo, as expectativas em relação ao intercâmbio e o que mudou no modo de ser. As questões *“Como vai ser seu intercâmbio? Cite 4 aspectos positivos e 4 aspectos negativos da experiência”* no Q1.I e *“O que mudou no seu modo de ser ?”* no Q4.I podem relacionar-se e encontrar respostas comuns que confirmam a idéia e o imaginário que os adolescentes formularam há seis ou 10 meses atrás. Onde a expectativa de conhecer uma cultura diferente, relaciona-se com a mudança no modo de ver os americanos, a expectativa de amadurecimento podem ser vistos como o tornar-se mais tolerante, flexível e menos exigente e perfeccionista; a expectativa de aprender a cuidar-se sozinho com o tornar-se mais independente, a expectativa de adquirir conhecimento com aprendizado geral, com o relacionar-se com pessoas novas, com aprender a valorizar mais as pessoas, ter mais iniciativa, ser mais extrovertido e comunicativo, ou ainda, com a “perda da inocência”, conforme mencionado por um dos sujeitos. A expectativa da responsabilidade com o tornar-se de fato mais responsável e ciente do que acontece ao seu redor. As expectativas

de aspectos negativos como solidão e saudades, ou ainda, a desadaptação, podem relacionar-se também com aprender que “na vida nada é fácil, sobretudo longe do papai e da mamãe”, mencionado ao final do intercâmbio.

Uma questão apenas não foi mencionada ao final do programa; trata-se da expectativa da aquisição de um novo idioma. É interessante perceber que ao início esta é uma questão prioritária para os intercambistas, quando ao final, parece tornar-se irrelevante, pois não é mencionada como uma aquisição, ou um aspecto de mudança. O aprendizado do idioma parece apenas um detalhe do intercâmbio, uma consequência, melhor definindo, e não uma finalidade em si, mas que na etapa pré-embarque ainda não é compreendida dessa forma. De uma maneira geral, muitas mudanças ocorrem e são mencionadas. À respeito de amadurecimento, valorizar mais o Brasil e as pessoas que aqui ficaram, tornar-se mais comunicativo, expansivo, tolerante, entre outras mudanças no modo de pensar e de agir, ainda que esses sentimentos possam ter colaborado para que escolhessem a estratégia de separação. Sebben (1994) traça o conceito de cidadão do mundo como aquele sujeito que migra e retorna ao seu país de origem diferente, quase que um “outro” cidadão, ou melhor com aspectos da personalidade enriquecidos ou “duplicados” - a velha identidade somada à nova identidade recém-adquirida - uma nova identidade, sem dúvida. Com novos vínculos e horizontes adquiridos no país de acolhida e vínculos repensados e modificados no país de origem, com a perda da espontaneidade com os valores, crenças e modo de se relacionar no seu país de origem e com novos paradigmas do país hospedeiro introjetados ao seu modo de ser. Identidades não excludentes, mas uma ampliação do sujeito com características pessoais mais amadurecidas e refinadas, conforme as respostas mencionadas nesta pesquisa. Uma perspectiva da Educação Intercultural diz que aquele que vive uma experiência intercultural está em treinamento, no sentido de treinar-se para novos mundos, de construir

pontos de vista diferentes dos seus, de observar de fora o que é, de certo modo, dentro de um outro, e, nessa dialética de ser e estar, tornar-se um outro. (Clanet, 1990, p. 195)

Os momentos mais difíceis/ pessoas mais importantes

Pouca literatura foi descrita tão minuciosamente sobre esses fatores essenciais na vida de um intercambista. Com certeza pode-se relacioná-los aos elementos já citados por Grinberg e Grinberg (1990) que dizem respeito aos três vínculos que compõem a identidade: o temporal, o social e o espacial, assim compreendidos como a reunião de elementos que fazem com que o sujeito possa sentir-se ele mesmo, com suas peculiaridades e encontre seu lugar no mundo. Esses momentos difíceis referem-se àqueles onde estes vínculos foram abalados (no início do programa, na dificuldade com o idioma, na metade do programa, no retorno ao país, na troca de famílias hospedeiras) e essas pessoas fundamentais foram aquelas reparadoras, que auxiliaram o intercambista a refazer-se desses episódios (familiares hospedeiros, amigos estrangeiros, família brasileira ao incentivarem para continuar em momentos de crise).

Berry (1998) aponta o stress aculturativo como o resultado dos encontros interculturais e uma passageira fase de desorganização para uma posterior reorganização tanto do ponto de vista psicológico como sócio-cultural. Quando os conflitos maiores forem experimentados, uma perspectiva psicopatológica poderá ser mencionada, também dentro de uma perspectiva de aculturação. Conforme os autores mencionados em Berry (1990) mudanças no contexto cultural do indivíduo que excedem sua capacidade ou mudanças no seu repertório comportamental podem levá-lo a problemas emocionais como depressão ou ansiedade capacitacional (Berry et alli, 1988; Jayaauriya, 1992).

A saudade

Durante os primeiros meses de estadia, assim como no decorrer do intercâmbio, os intercambistas apontam como os principais motivos de saudades a família e os amigos. Posteriormente, a comida brasileira, as festas que costumavam fazer e participar no Brasil, o jeito de ser do brasileiro, as regras culturais daqui e da língua portuguesa. Entre cartas e e-mails recebidos durante os relatórios de acompanhamento dos intercambistas, o termo saudades aparece frequentemente. Autores como Carden e Feicht (1991) citados por Ayse (1991) chamam atenção para a falta de esforços dos psicólogos no sentido de compreender e explicar o fenômeno saudade e relacioná-lo com a literatura já produzida. Outros autores (Rose, 1948; Zwingmann, 1959) também citados por ele sugerem que os introvertidos são mais suscetíveis a ela. Rose (1948) enfatiza a autoconfiança como um dos fatores relacionados e, finalmente, Zwingmann (1959) citado por Ayse (1991) aponta para dois tipos de saudades: a positiva e a negativa, sendo que, na primeira, há um passado que o sujeito deseja e, na segunda, um presente e um futuro que o sujeito não deseja. Ambas aparecem nos trechos dos seguintes e-mails: *“eu daria qualquer coisa para ter minha vida de volta, a vida no Brasil”*; *“eu realmente não queria estar aqui, não quero estar aqui e não sei se vou agüentar continuar aqui...”* Trechos que, embora falem da saudade, apontam explicitamente para uma estratégia de separação também.

Conclusão

Embora não existam características pessoais que possam definir uma pessoa como apta ou não para um programa de intercâmbio (Berry e Sam, 1996) alguns dados apontam para o grau de capacidade de adaptação dos sujeitos para esse tipo de experiência. Diversas pesquisas sobre “*homesickness*” citadas por Ayse (1991) sugerem que a adaptação está relacionada ao bem-estar, auto-estima, autoconfiança, flexibilidade, independência, sociabilidade e empatia em relação aos demais. Estas considerações são importantes no momento de inscrever as pessoas em programas de intercâmbio não sob o ponto de vista avaliativo, mas, sim, como indicadores para um trabalho de prevenção e orientação. Tais cuidados podem ser de fundamental importância para todos os envolvidos: familiares, hospedeiros, as agências e, obviamente, o próprio intercambista. Quaisquer atividades voltadas para o encontro interculturais, intercâmbios, negócios internacionais, migrações voluntárias ou forçadas devem levar em conta a importância dessas reflexões.

Por outro lado, a despeito das dificuldades inerentes aos programas de intercâmbio, trabalhos foram realizados no sentido de avaliar o grau que estas aparecem. Autores como Sam (1998) e Friesenahn (1989) concluíram que a maioria dos estudantes têm tido uma adaptação bastante boa durante suas estadias, contrariando os resultados desta dissertação. Apenas uma pequena parte dos adolescentes brasileiros envolvidos nesta pesquisa tiveram um grau considerável de adaptação, no seu mais amplo sentido, utilizando-se de uma saudável e eficiente estratégia de aculturação como é o caso da integração. Esses resultados contrariam também os de Church (1982), citado por Sam (1994b), ao investigar a saúde, satisfação e felicidade de intercambistas no Canadá, sugerindo que embora haja dificuldades, os graus de adaptação são favoráveis, tendendo sempre para a integração.

De fato, os intercambistas passam por momentos de insegurança e angústia antes do embarque, seus familiares também, com expectativas e confiança de que o filho conseguirá se adaptar. Posteriormente ao embarque viu-se que, ao encontrarem obstáculos, como sintomas psicossomáticos, saudades, falta de pessoas queridas e situações familiares, eles prosseguem adiante e encontram estratégias para essa superação, sendo esta estratégia a manutenção de seu próprio referencial cultural e o distanciamento do referencial cultural do hospedeiro, no caso da estratégia de separação. Entretanto, mesmo obedecendo a estratégia de separação desde o início do programa, houve, paulatinamente um desenvolvimento gradual em relação a integração, que ao final do programa, teve níveis de escolha maiores. Talvez por isso, a avaliação final do ponto de vista dos intercambistas foi de que o programa pôde trazer-lhes enriquecimento pessoal, pelo fato de terem conseguido cumprir seus objetivos. Esse “enriquecer-se “ diz respeito à independência, ao tornar-se consciente de seu valor (e do valor das outras pessoas) de ampliar seu sentimento de cidadania e compreender a interdependência entre os povos.

Creio que os jovens brasileiros estão utilizando de estratégias de aculturação possíveis para eles, na tentativa de conseguir valorizar contemporaneamente aspectos de sua cultura e da cultura alheia. Talvez a estratégia de separação que vem sendo escolhida por esses adolescentes possa ser proveniente de um encontro com países hospedeiros que ainda não estão conseguindo ser acolhedores o suficiente para que a integração se torne possível, conforme Berry (1988) menciona. O caminho para o interculturalismo de fato, não passa por uma rua de apenas uma via, mas sim, por um movimentado cruzamento, onde estrangeiro e autóctono se encontram, ambos, interessados neste encontro. Da mesma

forma, a grande maioria dos jovens desta pesquisa fizeram seu programa de intercâmbio nos Estados Unidos, um país ainda conhecido por uma política migratória assimilacionista, o que talvez, tenha provocado em nossos jovens uma resposta claramente contrária a assimilação, e tendendo para a separação.

Nesse sentido, pode-se concluir que a reunião dos fatores de ordem pessoal e grupal estiveram presentes, conforme a estrutura de aculturação de Berry, ao considerar os fatores moderadores antes e durante a aculturação, assim como as variáveis individuais e grupais para que os sujeitos encontrassem motivação para superar seus obstáculos, para encontrarem respostas as situações de crise e conseguirem uma estadia confortável e gratificante. Nesta pesquisa estes fatores apareceram como o preparo de seus familiares no Brasil antes do embarque, as noções que o próprio adolescente tinha à respeito de seu programa, a acolhida das famílias hospedeiras, uma política migratória presumivelmente reticente nestes países, que fizeram com que dificuldades para a integração e uma tendência para a separação aparecesse como a escolha da maioria dos intercambistas.

Alguns fatores, como terem relações de caráter voluntário e temporário, terem um objetivo específico (estudar) e serem pré-qualificados para isso, foram também precedentes que poderiam ter facilitado a escolha da estratégia separação, onde uma vez valorizando os aspectos formais de seu intercâmbio (estudar e voltar para o seu país), acabaram por menosprezar os aspectos relacionais (de criar vínculos, buscar a integração, envolver-se com os hospedeiros).

Nos primeiros meses dificuldades iniciais com o idioma, foram melhorando conforme passava o tempo. A adaptação, porém, teve momentos de grandes dificuldades em meio ao intercâmbio para uma pequena diminuição ao final. Por sua vez, a aprendizagem na escola, novos relacionamentos, o número de amigos, o envolvimento em

diversas atividades foram fatores que, ao encontrarem dificultadas, levaram também à separação por parte destes intercambistas. Traços de personalidade comuns entre os sujeitos não foram investigados. Berry et alli (1997) acreditam que traços de personalidade não são fatores determinantes, visto que não existe ainda um padrão que defina quem possa emigrar ou não. No caso de adolescentes e intercambistas dá-se mais valor aos contatos interpessoais, do que o próprio sujeito isoladamente.

A escolha por uma estratégia de separação durante o intercâmbio contradiz, contudo, os objetivos relacionados à Educação Intercultural. Um grande número de estudos que examinavam as adaptações sócio-culturais, psicológicas e acadêmicas de intercambistas, citados por Berry et alli (1997) encontraram a grande atenção dada às habilidades sociais e interpessoais, assim como na negociação intercultural, nos encontros cotidianos e na nova sociedade. Furnham e Bochner (1986) atestam que quanto mais competente for o intercambista em suas habilidades sociais, mais sócio-culturalmente adaptado estará. Efetivamente, os sujeitos dessa pesquisa demonstraram grandes dificuldades para encontrar a integração com seus hospedeiros, muito embora demonstrassem, nas questões abertas, evidências para a tolerância, para a negociação e para a aceitação e compreensão dos distanciamentos culturais. Ilustrando uma ambivalência permanentemente presente durante o programa de intercâmbio - onde embora os intercambistas buscassem a integração, a estratégia escolhida para a aculturação foi a separação.

Por outro lado, observando sob o aspecto da psicologia do indivíduo, esses sujeitos estiveram em sua trajetória individual passando por momentos cruciais no seu caminho à integração. Conforme as teorias que explicam essa dinâmica de adaptação – os primeiros momentos mais difíceis, passando por um fase posterior mais otimista e chegando ao fim,

num equilíbrio satisfatório. Sintomas psicossomáticos apareceram nesta trajetória, mas levando a uma conclusão final, ilustrada pelos *returnees* de extrema satisfação, realização e crescimento pessoal. Confirmando mais uma vez o legado enriquecedor e gratificante de estadias internacionais onde, muito embora não se tenha alcançado a integração desejada, um sentimento de realização pessoal tornou-se evidente.

Sendo assim, creio que cedo ou tarde as agências de intercâmbio entrarão em contato com essa nova área de conhecimento da Psicologia e da Educação e nela encontrarão subsídios importantes para qualificarem seus estudantes, funcionários e membros filiados. Conhecendo melhor a si mesmo, a sua capacidade de integração aos grupos, conhecendo os conflitos inerentes aos processos interculturais e uma maneira nova e produtiva de resolvê-los teremos, provavelmente, melhores perspectivas de atuação não apenas no nível local, mas também internacional.

Nos últimos dez anos, novas experiências têm sido adquiridas através dos programas de intercâmbio, avaliações no nível local e no internacional sobre a validade e funcionamento desses programas e, especialmente, trazendo a novidade de que estes são o passaporte adequado e eficiente para a aprendizagem intercultural e a construção de uma nova cidadania. Pesquisas realizadas pela Psicologia Intercultural, modelos didáticos concebidos pela Educação Intercultural e novos suportes metodológicos oferecidos através do Treinamento Intercultural têm funcionado como respostas possíveis a algumas demandas contemporâneas nesta área.

Esse novo campo de pesquisa não apenas comportará a presença da Psicologia Social num âmbito transcultural mas implicará, também, num trabalho experimental sobre o problema da globalização. Os confins de nossa atuação são em grande parte arbitrários, isso quando não precisam também ser ampliados culturalmente. Mesmo assim, podemos dizer

que a Psicologia em geral, e a Psicologia Social sofreram notáveis transformações pela influência gradual de uma perspectiva intercultural, embora ainda não o suficiente para corrigir a atual tendência de observar o mundo somente com nossa ótica cultural.

Conclusivamente, a crença de que um intercâmbio cultural bem-sucedido na vida de um jovem é um processo no qual o indivíduo tornar-se-á consciente de seu potencial para mudanças e melhorias, não apenas na sua própria vida mas na dos demais também parece ter sido confirmada nesta pesquisa. Como brasileiros, creio que poderemos protagonizar o cenário mundial tão logo aprendermos a não mais trair nosso legado histórico, a não renunciarmos as inovações presentes e demonstrarmos curiosidade e criatividade para organizar um futuro melhor. Em última análise essa é a mensagem fundamental dessa dissertação.

REFÊRENCIAS

- Aberastury A. (1988). Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Adorno, T. (1988). Sociologia. São Paulo: Ática.
- Alves, E. (1988). As diferentes concepções de multiculturalismo: uma experiência no ensino de arte. Pátio, 2 (6), 59-63.
- Angelini, A L. (1964). Perspectives and problems in cross cultural research. Trabalho apresentado no Ninth Interamerican Congress of Psychology, Miami, FL.
- Appadurai, A. (1995). Modernity at large: cultural dimensions of globalization. London: University of Minnesota Press.
- Araujo Z. (1996). Portuguese families. In: — . McGoldrick, M. & Giordano, J. (Eds.). Ethnicity and family therapy. New York: Guilford Press.
- Assis, G.(1995). Estar aqui, estar lá.... Texto apresentado no Exame Geral de Qualificação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC não publicado, Florianópolis, SC.
- Aycan Z., & Berry, J. (1996). Impact of employment-related experiences on immigrants well-being and adaptation in Canada. Canadian Journal of Behavioural Science, 28, 240-251.
- Ayşe,C. (1991). Homesickness among american and turkish college students. Journal of Cross-Cultural Psychology, 22, 418-428.
- Balint, M. (1959). Thrills and regressions. Londres: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.
- Baron, R.M., & Kenny, D. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: conceptual, strategie and statistical considerations. Journal of Personality and Social Psychology, 51, 1173-1182.
- Barranger, W. (1971). Posición y objeto en la obra de Melanie Klein. Buenos Aires: Kargieman
- Beiser, M. (1988). Mental health issues affectiong immigrants and refugees. Ottawa: Health and Welllare Canada.
- Belta. Brazilian Educational and Travel Language Association. Comunicação Pessoal. Sra. Adélia Prado. 1998.

Berne, R. (1960). The cultural problem: the psychopathology in Tahiti. American Journal of Psychiatry, 116, 1076-1081.

Berry, J. (1970). Marginality, stress and ethnic identification in an acculturated aboriginal community. Journal of Cross-Cultural Psychology, 1, 239-252.

Berry, J. (1974). Psychological aspects of cultural pluralism: unity and identity reconsidered. Topics in Culture Learning, 2, 17-22.

Berry, J., Kim, U., Minde, T., & Mok, D. (1987). Comparative studies of acculturative stress. International Migration Review, 21, 491-511.

Berry, J., Kim, U., Power, S., Young, M., & Bujaki, M. (1988). Acculturation attitudes in plural societies. Applied Psychology: an international review, 38, 185-206.

Berry, J. (1990). The role of psychology in ethnic studies. Canadian Ethnic Studies, 22, 8-21. 1990.

Berry, J. (1991). Understanding and managing multiculturalism. Psychology and Developing Societies, 3, 17-49.

Berry, J. (1992). Adaptation and acculturation in a new society. International Migration, 30, 69-86.

Berry, J., & Kalin, R. (1995). Multicultural and ethnic studies in Canada. Canadian Journal of Behavioural Science, 27, 301-320.

Berry, J., & Sam, D. (1996). Acculturation and Adaption. In Allyn & Bacon (Eds.) Handbook of Cross-Cultural Psychology. Boston.

Berry, J.; Segall, M., & Kagitçibasi, C. (1997). Cross-Cultural Psychology In Allyn & Bacon (Eds.) Handbook of Cross-Cultural Psychology. Toronto.

Berry, J. (1997). Immigration, acculturation and adaptation. Applied Psychology, 46 (1), 5-68.

Bloss, P. (1988). Adolescência. São Paulo: Martins Fontes.

Bowlby, J. (1990). Formação e rompimento dos laços afetivos. São Paulo: Martins Fontes.

Brislin, R.W. (1970). Back-Translation for cross-cultural research. Journal of Cross-Cultural Psychology, 1, 185-216.

Cameron, J., & Lalonde, R. (1994). Self, ethnicity and social group memberships in two generations of Italian Canadians. Personality and Social Psychology Bulletin, 20, 514-520.

Camilléri, C. (1988). Chochs de culture, concepts et enjeux pratiques de interculturel. Toulouse: Harmattan.

Canetti, E. (1993) A língua absolvida. São Paulo: Companhia das Letras.

Castelnuovo, D., & Risso, M.(1982). A mezza parete: emigrazione, nostalgia e malattia mentale. Roma: Einaudi.

Castro M. (1994). Are clinical psychologists prepared for service and research with ethnic minorities? American Psychologist, 49, 797-805.

Clanet, C. (1990). L'interculturel: introduction aux approches interculturelles en education et en sciences humaines. Toulouse: Press Universitaires du Mirail.

Cobalti, A. (1985). Pace, ricerca sociale, educazione. Firenze: La Nuova Itália.

Colenn, W., & Arzu, R. (1999). Acculturation and Adaptation Revisted. Journal of Cross-Cultural Psychology, 4, 422-442.

Delors, J. (1988). Educação, um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez.

Deutsch, M. (1949). A theory of cooperation and competition. Human Relations, 2, 129-151.

Deutsch, M. (1993). Educating for a peaceful world. American Psychologist, 48, 510-527.

Drieger, L.(1976). Ethnic self-identity: a comparison of ingroup evaluations. Sociometry, 39 (2), 131-141.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artes Médicas.

El-Zahar, N. (1991). Cultural and sexual differences in test anxiety, trait anxiety and arousability. Journal of Cross-Cultural Psychology, 22, 238-249.

Erikson, E. (1977). Identidad. Buenos Aires: Paidós.

Fernandez, J., & Sedano, A. (1995). Ejes de debates y propuestas de acción para una pedagogia intercultural. Revista de Educación. 307, 127-162.

Ferreira, A. (1975). Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Fischmann R.(1988). Consciência mundial, educação e pluralidade cultural: fundamentos da cultura da paz. Pátio, 2 (6), 49-52.

Follet, M. (1940). Constructive conflict. In H.C. Metcalf & I.L. Urwick (eds.) Dynamic administration: the collected papers of Mary Parker Follet (30-49). New York: Harper.

Fontaine, G. (1987). Support systems for international microcultures. Trabalho apresentado na International Society for Intercultural Education, Training and Research Annual Conference Montreal: Canadá.

Fowler, S., & Mumford, M. (1995). Intercultural sourcebook. Maine: Intercultural Press.

Forgas, J. (1995). Comportamento interpersonale: la psicologia dell'interazione sociale. Roma: Armando Editore.

Friesenhan, G. (1989). Intercultural learning and international youth exchange: a german view. Youth and Police, 12.

Freud, A. (1972). Os mecanismos de defesa do ego. São Paulo: Summus.

Furnham, A., & Bochner, S. (1986). Culture Shock: psychological reactions to unfamiliar environments. London: Methuen.

Gabbard, G. (1996). Psiquiatria dinâmica na prática clínica. Porto Alegre: Artes Médicas.

Ginsberg, A. (1978). Um estudo inter e intra-cultural. São Paulo: Cortez e Moraes.

Gordon, M. (1964). Assimilation in american life. New York: Oxford University Press.

Graves, T. (1967). Psychological acculturation in a tri-ethnic community. South-Western. Journal of Anthropology, 23, 337-350.

Grinberg, L., & Grinberg, R. (1963). Culpa y depresion. Paidós: Ibérica.

Grinberg, L., & Grinberg, R. (1980). Migración e identidad. Paidós: Ibérica.

Grinberg, L., & Grinberg, R. (1990). Psicoanalisi dell 'emigrazione e dell'esilio. Milano: Franco Angeli.

Helena, M. (1997). Com a perna no mundo: histórias de intercambistas. Belo Horizonte: Passos Editora.

Hoopes, D. (1979) Intercultural Sourcebook: Cross-Cultural Training Methodologies. Washington DC: Society for Intercultural Education, Training and Research (SIETAR International).

Horvath-Lindeberg, J., & Miserez, D. (1994). El trabajo com refugiados y solicitantes de asilo. Madrid: Ministerio de Asuntos Sociales.

Huong, N., Messé, L., & Stollak, G. (1999). Toward a more complex understanding of acculturation and adjustment. Journal of Cross-Cultural Psychology, 30, 5-31.

Jayasuriya, L., Sang, D., & Fielding, A. (1992). Ethnicity, immigrations and mental illness: a critical review of australian research. Canberra Bureau of Immigration Research.

Jilek, W. Psichiatria transculturale, quo vadis? Trabalho apresentado no International Symposium on Cultural Psychiatry. Roma: Itália. 1998.

Kim, Y., & Gudynekust, W. (1988). Cross-cultural adaptation: current approaches. CA: Sage.

Klein, M. (1962). Desarrollos en psicoanálisis. Buenos Aires: Horne.

Klein, M. (1972). Sul senso di solitudine. Firenze: Martinelli.

Laframboise, T., Coleman, H., & Gerton, J. (1993). Psychological impact of biculturalism: evidence and theory. Psychological Bulletin, 114, 395-412.

Lacan, J. (1972). La cosa freudiana. Torino: Einaudi.

Lalonde, R., & Cameron, J. (1993). An intergroup perspective on immigrant acculturation with a focus on collective strategies. International Journal of Psychology, 28, 57-74.

Laplatine, F. (1994). Aprender etnopsiquiatria. São Paulo: Brasiliense.

Lazarus, R., & Folkman, S. (1984). Stress, appraisal and coping. New York: Springer.

Lefley, H., & Pederson, B. (1986). Cross-cultural training for mental health professionals. Springfield: IL.

Lewis, R. (1988). When cultures collide. New York: NB.

Lima, A. (1994). Como estudar nos EUA. São Paulo: Record.

Lluch, X. (1988). Interculturalismo: uma leitura crítica da interculturalidade. Pátio, 2 (6) 53-57.

Luz, L. (1997). Voando sem asas: a experiência de uma estudante brasileira em um programa de intercâmbio no exterior. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Malinowsky, B. (1922). Argonauts of the western pacific. Londres: Routledge.

Malzberg, B., & Lee, E. (1996). Migration and mental disease. New York: Social Science Research Council.

Moghadamm F. (1988). Individualistic and collective integration strategies among immigrants. Ethnic psychology. Amsterdam: Swets e Zeitlinger.

Murphy, H. (1965). Migration and the major mental disorders. Mobility and mental health. Springfield: Thomas.

Nigris, E. (1996). Educazione interculturale. Milano: Bruno Mondadori.

Nanni, A. (1988). L'educazione interculturale oggi in Italia. Quaderni dell'interculturalità, 6. Torino: EMI.

Novara, D. (1989). Scegliere la pace. Torino: Abele.

Oberg, K. (1960). Culture Shock: adjustment to a new cultural environments. Practical Anthropology, 7, 177-182.

Olmedo, E. (1979). Acculturation: a psychometric perspective. American Psychologist, 34, 1061-1070.

Padilla, A. (1980). Acculturation: theory, models and some new findings. Boulder: Westview Press.

Paige, M. (1993). Education for intercultural experience. Maine: Intercultural Press.

Paiva, G. (1978). Introdução à psicologia transcultural. São Paulo: Pioneira.

Payn, J. (2000). Australia in brief. Foreign Affairs and Trade. Overseas Promotion. Canberra: Austrália.

Petracchi, G. (1994). Multiculturalità e didattica con il contributo della psicologia transculturale. Brescia: La Scuola.

Price-Williams, D.R. (1968). Ethnopsychology: comparative psychological process. In J.A Clifton (Ed.) Introduction to cultural anthropology, (306-316). Boston: Houghton Mifflin.

Pusch, M. (1979). A cross-cultural training approach. Illinois: EDA.

Redfield,R., Linton, R., & Herskovits, M. (1936). Memorandum on the study of acculturation. American Anthropologist, 55, pp-260-270.

Rivers ,W.H.R. (1901) Vision. In A C. Haddon (Ed.) Reports of the Cambridge Anthropological Expedition to the Torres Strait. Part I: Cambridge: Cambridge University Press.

Rodrigues, A. (1986). Psicologia Social. Rio de Janeiro: Vozes.

Rogler, L., Cortes, D., & Malgady, R. (1991). Acculturation and mental health status among hispanics. American Psychologist, 46, 585-597.

Rogler, L. (1994). International Migrations: a framework for directing reserach. American Psychologist, 49, 701-708.

Sam, D. (1991a). Acculturation of immigrants. Health Promotion Reports. Bergen: Research Center for Health.

Sam, D. (1991b) School adapation of Young vietnamese refugees in Norway. Migration, 23, 219-242.

Sam, D. (1991c). Survey Mental Health of foreign students. Scandinavian Journal of Psychology, 32, 32-30.

Sam, D. (1994a). Acculturation of immigrants: report from a pilot study. Health Promotion Reports. Bergen: Research Center for Health Promotion.

Sam, D. (1994b). Psychosomatic symptoms among Young vietnamese immigranst in Norway. Trabalho apresentado no 23rd. International Congress of Applied Psychology. Madrid: Espanha.

Sam, D. (1988). Prediciting life satisfaction among adolescentes from immigrant families in Norway. Ehtnicity and Health, 3, 5-18.

Sam, D. (1999). Hapiness, satisfaction with life and the generall health of international students. Trabalho apresentado no 29. International Congress of Cross Cultural Psychology, Bilbao: Espanha.

Seagal, H. (1971). Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago.

Seelye, H. (1996). Experiential activities for intercultural learning. Maine: Intercultural Press.

Searle, W., & Ward, C. (1990). The prediction of psychological and sociocultural adjustment during cross-cultural transitions. International Journal of Intercultural Relations, 14, 449-464.

Sebben, A. (1994). Tornar-se cidadão do mundo é o resultado de uma experiência migratória? Trabalho apresentado no 23rd International Congress of Applied Psychology. Madrid: Espanha.

Sebben, A. (1995). Empatia e aprendizagem intercultural. Resumos de comunicação científica, Encuentro latino-americano del enfoque centrado en la persona. Aguascalientes: México.

Sebben, A. (1999). Intercâmbio cultural: um guia de educação intercultural para ser cidadão do mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios

Shirts, G. (1969). Bafa-Bafa: a cross-cultural simulation. Simulation Training Systems. Del Mar: CA.

Szapocnik, J., & Kurtines, W. (1993). Family psychology and cultural diversity. American Psychologist, 48, 400-407.

Tajfel, H. (1979). Grupos e categorias sociais. Lisboa: Horizontes.

Teles, J. M. (1999). Intercâmbio: coisas que todo jovem precisa saber. São Paulo: Melhoramentos.

Thiagarajan, S. (1984). Barnga: a flexim on cultural clashes. Original unpublished instructions. Workshops by Thiagi, 4423, East Trailridge Road, Bloomington, IN 47401.

Ting-Toomey, K. (1989). Intergroup communication and simulation in low-and high context culture. England: Multilingual Matters.

Triandis, H. (1995). Individualism and Collectivism. Boulder: CO, Westview.

Triandis, H., Malpass, R.S., & Davidson, A. R. (1971). Cross-cultural psychology. Biennial Review of Anthropology, 7, 1-74.

Triandis, H., Kashima, Y., Hui, C., Lisanky, J., & Marin, G. (1982). Acculturation and biculturalism indices among relatively acculturated hispanic Young adults, Interamerican Journal of Psychology, 16, 140-149.

Unesco: (1999). Governar a globalização: a política da inclusão e a mudança de responsabilidade compartilhada. Trabalho apresentado na Cúpula para o Desenvolvimento Político e os Princípios Democráticos. Brasília. 1999.

Vasquez, A. (1984). Les implications ideologiques du concept d'acculturation. Cahiers de Sociologie Economique et culturelle, 1, 83-121.

Vega, W., & RUMBAUT, R. (1991). Ethnic minorities and mental health. Annual Review of Sociology, 17, 56-89.

Verdú, V. (1996). Ô planeta americano. Rio de Janeiro: Letra Livre.

Vicenzo, L. (1999). Um estranho na família. Porto Alegre: Artes Médicas.

Vincent, A. (1988). Seminário de educación para la paz. Madrid: Los Libros de la Catarata.

Ward, C., & Kennedy, A. (1992). Locus of control, mood disturbance and social difficulty during cross-cultural transitions. International Journal of Intercultural Relations, 16, 175-194.

Ward, C. (1997). Culture learning, acculturative stress and psychopathology: three perspectives on acculturation. Applied Psychology, 46 (1) 58-63.

Williams, C., & Berry, J. (1991). Primary prevention of acculturative stress among refugees: application of psychological theory and practice. American Psychologist, 46, 632-641.

Winnicott, D. (1958). Sviluppo affettivo ed ambiente. Roma: Armando, 1958.

World Health Organization. (1991). The mental health problems of migrants: Report from six european countries. Bergen: NO.

Würzel, J. (1988). Towards multiculturalism. Maine: Intercultural Press.

Youth Research. (1986). Report Symposium. European Youth Centre, Strasbourg, Council of Europe.

Zaragoza, F. (1996) Hacia una cultura de paz. In Fraerman (Ed) Seis cumbres, una comunidad (31-33). Série Documentos: UNESCO.